

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM TECNOLOGIAS
DA INTELIGÊNCIA E DESIGN DIGITAL – TIDD

ARTUR DE OLIVEIRA FERREIRA

A GUERRA NOS FONES DE OUVIDO:
DESINFORMAÇÃO, MANIPULAÇÃO DE DISCURSOS E MÍDIAS NO
CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

MESTRADO EM TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA E DESIGN
DIGITAL

SÃO PAULO
2024

ARTUR DE OLIVEIRA FERREIRA

A Guerra nos Fones de Ouvido:

Desinformação, manipulação de discursos e mídias no conflito
russo-ucraniano

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - área de concentração em “Processos Cognitivos em Ambientes Digitais” - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Pollyana Ferrari.

SÃO PAULO

2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Pollyana Ferrari.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Marcelo Prioste
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Rafael Villa
Universidade de São Paulo

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brazil (CAPES) - Funding Code 001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, a prof. Pollyana Ferrari. Além de me guiar durante a trajetória acadêmica, a professora foi essencial para que eu pudesse ter esta oportunidade. Seus conselhos e incentivos estão guardados em meu coração.

Agradeço a meus pais, Francisco e Rosania, que me apoiaram de todas as formas possíveis durante este processo que não é nada fácil, mas muito recompensador.

Agradeço a minha companheira, Gabriela, que também embarcou comigo na jornada do mestrado e sabe muito bem todos os desafios do qual passei. Seu amor e apoio são meus lembretes diários de que a vida é muito bela.

Agradeço a Amanda, minha irmã, que ouviu todos os meus desabafos durante esta pesquisa.

Agradeço ao meu grande amigo, Matheus, que me ajudou em vários momentos com as técnicas da pesquisa acadêmica.

Agradeço a Jéssica, que foi responsável por me elucidar sobre todas as outras questões que envolvem um mestrado para além da pesquisa acadêmica. E obrigado por tantas conversas e risadas nos intervalos das aulas.

Agradeço também aos meus colegas de pós-graduação e aos outros professores do programa de estudos pós-graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, aprendi muito com todos vocês.

RESUMO

O presente mestrado teve por objetivo contextualizar o papel do podcast jornalístico como uma mídia tecnológica de destaque na cobertura do conflito entre Rússia e Ucrânia no leste europeu, desempenhando papel significativo no combate a propagação de desinformação nas redes sociais. Para tal, foi selecionado para análise os programas “Petit Journal”, produzido de forma independente pelos professores Daniel Souza e Tanguy Baghdadi, e o “O Mundo em Meia Hora” da Rádio CBN (Central Brasileira de Notícias). Esta pesquisa também traz ferramental teórico vindo da Análise do Discurso. Os principais autores consultados para a formulação desta pesquisa são os estudiosos Henry Jenkins, Eduardo Vicente, Marcelo Kischinhevsky, Pablo de Assis, Lucio Luiz, Orlandi. As considerações finais apontam para um desenvolvimento bastante robusto do gênero do podcast jornalístico nacional, e que atualmente estes programas se tornaram referência para parte dos leitores, ouvintes e espectadores; exigindo maiores análises e comentários de especialistas, como é o caso da Guerra russo-ucraniana.

Palavras-chave: podcast; desinformação; cobertura de guerra; Ucrânia; Rússia

ABSTRACT

This master's degree aimed to contextualize the role of journalistic podcasts as a prominent technological medium in covering the conflict between Russia and Ukraine in Eastern Europe, playing a significant role in combating the spread of misinformation on social networks. For this purpose, the programs "Petit Journal," produced independently by professors Daniel Souza and Tanguy Baghdadi, and "O Mundo em Meia Hora" from Rádio CBN (Central Brasileira de Notícias), were selected for analysis. This research also employs theoretical tools from Discourse Analysis. The main authors consulted for the formulation of this research are scholars Henry Jenkins, Eduardo Vicente, Marcelo Kischinhevsky, Pablo de Assis, Lucio Luiz, and Orlandi. The final considerations point to a very robust development of the national journalistic podcast genre, and these programs have currently become a reference for part of the readers, listeners, and viewers, requiring more in-depth analyses and expert commentary, as is the case with the Russia-Ukraine war.

Keywords: Podcast; fake news; war coverage; Ukraine; Russia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA MÍDIA PODCAST	13
1.1 Convergência midiática e a era da participação	14
1.2 Uma breve história da linguagem radiofônica	19
1.2.1 A construção da memória através do rádio.....	23
1.3 O advento do áudio digital	26
1.4 Os primeiros anos do podcasting.....	29
1.5 O rádio expandido.....	33
1.6 Os serviços de rádio social e o podcast.....	35
1.7 O jornalismo em podcast	39
CAPÍTULO 2 - RÚSSIA E UCRÂNIA: A PRIMEIRA VÍTIMA DA GUERRA E A DESORDEM INFORMACIONAL NO SÉCULO XXI	43
2.1 A crise de consenso nas redes	46
2.2 A desordem informacional	52
2.3 Anatomia de uma guerra.....	55
2.4 Breve história da relação conflituosa entre Rússia e Ucrânia	60
2.5 Fake News nas Redes Sociais, a linha acessória da guerra	65
2.6 Guerra internacional, fake news nacional	70
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E ANÁLISE DOS PODCASTS	76
3.1 Análise do programa “O Mundo em Meia Hora”	80
3.1.1 1ª Semana de Cobertura da Guerra - “As supostas intenções de Putin e o contexto histórico de domínio russo na Ucrânia” (26 de fevereiro de 2022)	82
3.1.2 2ª Semana de Cobertura da Guerra - “Rússia está perdendo nos campos diplomático e econômico, enquanto vence no campo militar” (05 de março de 2022)	84
3.1.3 3ª Semana de Cobertura da Guerra - “Putin avaliava que controlaria boa parte da Ucrânia em poucos dias” (13 de março de 2022)	85
3.2 Análise do programa “Petit Journal”.....	86
3.2.1 1ª Semana de Cobertura da Guerra - “Plantão Petit: guerra entre Rússia e Ucrânia” (26 de fevereiro de 2022).....	88
3.2.2 2ª Semana de Cobertura da Guerra - “Plantão Petit – 10º dia de guerra” (5 de março de 2022)	90

3.2.3	3ª Semana de Cobertura da Guerra - “Plantão Petit – 17º dia de guerra” (12 de março de 2022)	91
3.3	A experiência de cobrir o conflito através do podcast	93
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS.....	102
	ANEXOS	108
	Anexo A - Entrevista com Fernando Andrade - jornalista, apresentador da rádio CBN, do “O Mundo em Meia Hora”, “Estúdio CBN” e “CBN São Paulo”	108
	Anexo B - Entrevista com Tanguy Baghdadi - mestre em Relações Internacionais, professor de Política Internacional e apresentador do podcast “Petit Journal”, e comentarista na Globo News	118

INTRODUÇÃO

A presente dissertação discutiu a evolução do formato podcast, suas aplicabilidades tecnológicas, inovações de recursos e ferramental de combate à desinformação, com o objetivo premente de garantir uma análise mais adequada a partir de dois estudos de casos dos podcasts “O Mundo Em Meia Hora”, da Rádio CBN, e o “Petit Journal”, produzido pelos professores Daniel Sousa e Tanguy Baghdadi. O comparativo parte principalmente da análise de discurso para compreender a diferença entre a cobertura através da mídia podcast entre um veículo que está ligado a uma emissora tradicional e outro independente.

O recorte temático para pensar o podcast como ferramenta útil contra desinformação é o do atual conflito entre Rússia e Ucrânia. A guerra russo-ucraniana é um exemplo bastante evidente de que no século XXI um combate não é somente travado em frentes de batalha reais. Existem também os combates e enfrentamentos nas redes. Hoje, não basta ganhar o conflito bélico é preciso ganhar o conflito das narrativas. O que mostramos, ao longo deste trabalho, é que existe uma guerra informacional, e os combatentes são profissionais em produção de desinformação e seus bots automatizados nas redes.

Os bombardeios são os compartilhamentos em massa de vídeos e fotos distorcidos para garantir uma narrativa plausível para algum dos lados. E as frentes de combate são as redes sociais, e cada postagem falsa que impacta o público é mais um centímetro da trincheira virtual conquistada. A guerra informacional travada entre Rússia e Ucrânia evidenciam uma governança baseada na vigilância e desconfiança, que é sobretudo evidenciada por meio das relações de poder entre o presidente russo Vladimir Putin, a comunidade europeia e os Estados Unidos.

Além disso, a pesquisa contou com uma análise acerca da cobertura midiática via a tecnologia do podcast sobre o conflito. E como estes conteúdos postados, majoritariamente, em serviços de rádio social têm um impacto positivo para o combate às notícias falsas e a proliferação da desinformação sobre temas tão complexos e sensíveis, como uma guerra.

No primeiro capítulo deste trabalho foram abordadas as questões técnicas e o desenvolvimento de uma mídia como podcast e quais suas ligações com seu “ancestral”, o rádio, e como o fazer radiofônico auxiliou a criação de comunidades de

podcasters engajados em debater os principais assuntos da atualidade em seus programas.

Na segunda parte da dissertação, os perigos da desinformação, fake news, a guerra informacional e como o cenário do conflito russo-ucraniano pode ser analisado através desta ótica do embate de narrativas.

No terceiro capítulo, metodológico, analisamos os dois podcasts selecionados para o estudo de caso e como foi realizada parte da cobertura acerca da guerra na Ucrânia. Este trecho contará com entrevistas com os profissionais responsáveis pela produção destes programas e seus pensamentos acerca do assunto debatido durante o trabalho. Esta análise contou com o alicerce teórico da “análise do discurso”. Para tal, foram consultadas principalmente as autoras Eni Orlandi (2009) e Cristiane Dias (2018). A metodologia da análise do discurso permitiu com que este trabalho possuisse um aprofundamento maior sobre o processo de produção de discursos no ambiente digital e como isso se reflete no podcast como formato de mídia.

A Guerra russo-ucraniano, iniciada em fevereiro de 2022, é mais um episódio da longa e difícil relação entre as duas nações (LEBELEM; VILLA, 2022). A invasão cometida pelo governo de Putin ganhou o noticiário do mundo. E por consequência as redes sociais, o que ocasionou um fenômeno de produção e distribuição de desinformação acerca do conflito. Os veículos de mídia mudaram da noite para o dia o seu foco para o leste europeu, e essa diversidade de formatos inclui o podcast, mídia que nasce e se desenvolve no cenário da internet, a partir dos anos 2000, fruto da convergência midiática da época (JENKINS, 2008). Uma mídia relativamente recente, mas já possui um impacto considerável nas redes sociais e na maneira como as pessoas consomem informação (KISCHINHEVSKY, 2016; VICENTE, 2018).

Herdeiro do meio rádio, o podcast surgiu através dos Feeds RSS (Really Simple Syndication) nos antigos blogs e agora tem seu público e distribuição amplificados pelos serviços de streaming de áudio. Com mais de duas décadas de existência, o podcast ainda é uma mídia relativamente recente (ABRANTES, 2020), mas que une conceitos tanto da Transmídia (FERRARI, 2016) gerada pela internet quanto da linguagem radiofônica e pelo meio do rádio.

Anos mais tarde, o podcast deixaria de ser algo majoritariamente feito por produtores independentes. Atualmente, emissoras de rádio, grandes jornais e

televisões tradicionais e produtoras bem estabelecidas no mercado do audiovisual apostam no formato como mais um meio de produção de conteúdo e exposição de suas marcas.

Na convergência dos meios (JENKINS, 2009), o podcast se tornou mais um formato apto a receber conteúdos jornalísticos, acadêmicos, literários, do mercado audiovisual, peças ficcionais e muitos outros gêneros (FERREIRA, 2021). Com o avanço dos serviços de streaming, como Spotify, iTunes e Deezer, emissoras e jornais tradicionais passaram a disponibilizar seus programas sob demanda e a produzir originais para esses serviços de rádio social (KISCHINHEVSKY, 2016).

Isso criou todo um novo movimento no mundo dos podcasts, principalmente dos jornalísticos. O Brasil seguiu uma tendência que se mostrou bastante promissora entre os jornais dos EUA, a partir de 2013, que revolucionou o mercado do áudio (ABRANTES, 2020). Sendo assim, o podcast não se tornou somente uma mídia popular entre o público consumidor, mas também um tema cada vez mais interessante a ser pesquisado. Para Han, esse cenário é oportuno para a proliferação em vários países, ao redor do mundo, do surgimento e ascensão de políticos e forças nacionalistas e populistas. Han utiliza Trump nos EUA como um exemplo dessa onda de políticos que utilizam o fenômeno da infocracia - conceito que será destrinchado ao longo do artigo - a seu favor. Mas, no contexto do conflito entre Rússia e Ucrânia, é possível citar como Vladimir Putin, e até mesmo o presidente ucraniano Volodimir Zelensky são exemplos para os políticos autoritários de hoje. A geopolítica e a história do leste europeu neste trabalho é bastante contemplada por Lebellem e Villa (2022) e Loureiro (2022), que de forma bastante ágil produziram análises bem estruturadas acerca do conflito entre Rússia e Ucrânia.

CAPÍTULO 1 - A HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA MÍDIA PODCAST

Um formato de conteúdo em áudio que permite entrevistas, rodas de conversa, monólogos, narrações, boletins de notícia, debates e produções ficcionais. O podcast pode ser todos esses tipos de programas, e que se mescla e adapta a rotina do ouvinte da forma que ele preferir, já que é um conteúdo “sob demanda”.

O consumidor de um podcast escolhe quando, como e onde ouvir o seu programa favorito, é uma relação em que o receptor não depende de um horário específico definido pelo emissor do conteúdo. O podcast ainda é uma mídia relativamente recente, o primeiro programa a ser creditado desta forma foi o *Daily Source Code* criado por Adam Curry no início dos anos 2000, esse pioneirismo rendeu à Curry o título de *podfather*¹ (VICENTE, 2018).

Segundo Eduardo Vicente (2018), a inovação trazida por Curry, que já havia trabalhado tanto no rádio quanto na televisão – onde foi apresentador na MTV norte-americana, não era necessariamente a produção de um programa em áudio diário que continha músicas, relatos do próprio Curry e entrevistas, mas sim sua ideia de criar uma tecnologia que possibilita distribuir os episódios da forma mais simples e prática que a tecnologia da época lhe permitiu.

Dessa forma, a tecnologia dos agregadores, permitia ao receptor do conteúdo realizar o download do que havia sido postado pelo criador do Feed RSS. E entre os diversos tipos de arquivos suportados pelos Feeds, o áudio é um deles. O usuário interessado em assinar este Feed e sempre que houver novas postagens as atualizações serão recebidas.

Mas, para além de questões como praticidade e inovação na distribuição de conteúdo via Internet, o podcast é uma mídia que atrai milhões de pessoas ao redor do mundo, por ser um conteúdo que foi ouvido e escolhido a dedo por seu receptor. Os temas podem ser os mais diversos, e as formas de se conectar com os seus apresentadores favoritos via Internet são as mais variadas.

E o fenômeno do *podcasting*, não passaria despercebido pelos profissionais e veículos de imprensa, que nos últimos anos têm se tornado cada vez mais

¹ *Podfather* a junção do prefixo “pod” e a palavra “father” (pai, em inglês). É também o apelido do criador e apresentador do podcast *Daily Source Code*, Adam Curry.

protagonistas nesse meio, que surgiu primeiramente entre entusiastas de novas tecnologias, nas áreas de programação, áudio e distribuição de conteúdo.

A mídia podcast surge como uma nova tecnologia que permite expandir e experimentar novas formas de trabalhar com o formato áudio para além dos moldes do rádio em *ondas hertzianas*². E que também traz inovações para esse “ancestral”, oferecendo um novo meio para distribuição dos conteúdos radiofônicos.

Para iniciar o debate e análise sobre um produto que nasce no contexto da cibercultura, como o podcast, antes é necessário contextualizar o cenário de acesso privado à Internet, fora das universidades e governos, em meados dos anos 1990. É importante acrescentar que, nessa mesma época, a digitalização das rádios e seus arquivos de áudio, ao redor do mundo, possibilitaria anos mais tarde o cenário fértil para o surgimento desta mídia (KISCHINHEVSKY, 2016).

1.1 Convergência midiática e a era da participação

No livro *Comunicação Digital na Era da Participação* (2016), a organizadora Pollyana Ferrari – e professora orientadora deste projeto, conceitua a ideia de que como a *Hipermídia*³ criou um novo corpo social nas relações humanas. Esse novo contexto levou a um mundo em que perfis de redes sociais – como Facebook e Twitter – são levados tão a sério quanto um currículo profissional.

Ferrari (2016), explica que a ruptura entre o mundo analógico e digital se iniciou ainda na década 1970, mas, as experimentações comunicacionais iniciadas nesse período só seriam sentidas duas décadas depois, nos anos 1990, como foi o caso da Guerra do Golfo, primeira cobertura de guerra da história que foi realizada ao vivo, televisionada principalmente pela emissora CNN (Cable News Network).

Nas décadas seguintes, outro avanço que se mostraria definitivo para essa mudança de realidade seria a invenção do smartphone. A geração que surgiria a partir desse fenômeno, os “heads down”, ou seja, “as pessoas que olham para baixo”, que

² Ondas eletromagnéticas, popularmente conhecidas como ondas de radiofrequência ou simplesmente ondas de rádio.

³ Reunião de várias mídias num ambiente computacional, suportada por sistemas eletrônicos de comunicação

somente olham para seus smartphones e tablets, seriam o novo padrão (FERRARI, 2016).

E nessa nova realidade comunicacional, o tempo das pessoas é cada vez mais escasso, portanto, novos projetos comunicacionais devem estar calcados em técnicas como de Design Thinking, algo além da ideia de um design agradável e útil para alguém, é o conceito de criar um produto, notícia, aplicação e/ou conteúdo audiovisual que esteja pautado em dados, e que tenha sido pensado não somente para atender um briefing, mas para gerar soluções.

“O grande segredo para ser um bom designer thinking, um bom publicitário, bom jornalista, arquiteto, advogado, programador ou escritor no século XXI é sua capacidade de fazer boas correlações”, afirma a autora (2016, 35). O jornalismo como um todo busca inovação em um momento em que a atenção do leitor, telespectador e ouvinte está cada vez mais disputada, e no caso do áudio, o surgimento do podcast pode ser visto como um dos meios na história recente para promover o conteúdo jornalístico de um veículo ao seu – e um novo – público.

Além disso, o conteúdo na era da participação também precisa ser algo que engaje seu público, e isso se torna peça fundamental para o desenvolvimento de um bom conteúdo, o que pode ser aplicado ao mercado de podcasts. “A tecnologia também caminha nesta direção, promovendo uma conexão que engaja e transforma. Fora isso, quaisquer outros produtos com foco apenas mercadológico, nascerão e morrerão em períodos cada vez mais curtos” (FERRARI, 2016, 21).

No cenário da comunicação, quando se debate tópicos como novas tecnologias e formas de se contar um fato, uma história e que gere engajamento do público na Web 2.0 é necessário citar conceitos como “*storytelling*”, “*multimídia*”, “*crossmídia*” e “*transmídia*”. Para os podcasts – principalmente de cunho narrativo – o criador e produtor daquele conteúdo precisa dominar as táticas de *storytelling*, para que o receptor do conteúdo esteja engajado e contagiado a receber mais daquele produto, e até mesmo repassá-lo para amigos e familiares.

A interação entre receptor e emissor, sempre foi basilar no rádio, e com o avanço das redes sociais, como o Twitter, as trocas de mensagens se tornaram cada

⁴ A palavra em inglês Storytelling é a junção das palavras “Story” (História, em sentido literário) + “Telling” (a ação de contar).

vez mais diretas e importantes para a construção de uma programação radiofônica (KISCHINHEVSKY, 2016).

E com o podcast, um ato que na era de ouro do rádio era pautado pela coletividade – de se escutar o rádio com a família em casa, também se tornou um ato individual – ao colocar os próprios fones de ouvido e escutar algum programa no caminho para o trabalho, porém a interação ainda aparece nos fóruns de internet e postagens de redes sociais sobre o podcast favorito do ouvinte (SALEMME, 2017).

O debate sobre a participação do público na mídia podcast é expandido no livro *Rádio e Mídias Sociais: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação* (2016), de Marcelo Kischinhevsky. O autor além de contar a história dos programas em áudio sob demanda, se aprofunda nas características herdadas do rádio ao vivo, e suas semelhanças, e entre esses comparativos Kischinhevsky vai questionar o poder de participação do público em ambos os formatos.

Mas, para um aprofundamento sobre esse tópico, antes é necessário entender de onde surgem os conceitos da narrativa e interação transmídia e da convergência na comunicação. Os estudos de Henry Jenkins (2009) sobre a temática dão início a um debate sobre o quão coletivo se tornou a partir do séc. XXI o consumo e criação de notícias, filmes, seriados, livros e outras mídias, e a afirmação do autor é que isso independe de uma tecnologia específica para aquilo, mas sim de uma mentalidade coletiva para convergir esses conteúdos, e estreitar a relação entre emissor e receptor.

A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias. O consumo tornou-se um processo coletivo – e é isso o que este livro entende por inteligência coletiva, expressão cunhada pelo ciberteórico francês Pierre Lévy (JENKINS, 2009, 30)

Desta forma, o contexto da hipermídia é também trespassado por essa interação social que cria narrativas e converge mídias em prol de uma nova criação,

que anteriormente à essa mentalidade não seria possível. E, Jenkins (2009) esclarece não ser partidário da ideia de que quando surge um novo meio semelhante a um anterior, logo o “velho” será substituído pelo “novo”.

Os mercados midiáticos estão passando por mais uma mudança de paradigma. Acontece de tempos em tempos. Nos anos 1990, a retórica da revolução digital continha uma suposição implícita, e às vezes explícita, de que os novos meios de comunicação eliminariam os antigos, que a Internet substituiria a radiodifusão e que tudo isso permitiria aos consumidores acessar mais facilmente o conteúdo que mais lhes interessasse (JENKINS, 2009, 31-32).

Mas, com o passar dos anos, essa ideia seria deixada de lado pois, a radiodifusão não desapareceu devido a Internet, ambas na verdade convergiram, e hoje emissoras de destaque no cenário brasileiro de rádios como a *BandNewsFM*, *Jovem Pan* e *CBN* disponibilizam seus conteúdos e transmissões na Internet, em diversos formatos e sites – ponto que será melhor abordado posteriormente nesta pesquisa.

A convergência é então um processo que pode ocorrer de forma corporativa (de cima para baixo), ou pela visão do público (de baixo para cima). Ao mesmo tempo que é uma oportunidade para veículos de comunicação se reinventarem em meio a outras mídias, é também a chance do público se tornar mais ativo e questionador (JENKINS, 2009).

E, desse debate de interação de público e emissora, também surge a chamada narrativa transmídia, segundo Jenkins:

A narrativa transmídia refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento (2009, 49).

O conceito que seria destrinchado por diversos especialistas nos anos seguintes daria margem para os mais diversos debates sobre a criação de novos conteúdos ficcionais ou não, como é o caso da trilogia de filmes *Matrix*, uma das primeiras franquias de cinema a experimentar na prática o conceito.

O manual *Contar [las] Historias: manual para experiencias transmedia sociales* (2018), de Claudia Ardini e Alfredo Caminos, é um esforço para compreender de forma

mais clara e prática os resultados desse debate midiático. Os autores conceituam que para um projeto – ficcional ou não – ser validado como transmídia, ele necessita de três pilares: a narração, a tecnologia e a participação. E o peso de cada um desses pilares muda de acordo com o objetivo do projeto. No caso de um projeto publicitário, a tecnologia muitas vezes pode ser o carro chefe entre as três, no caso de uma transmídia jornalística, a narração será preponderante a tecnologia.

Mas entre os três elementos essenciais, a participação é o mais primordial para o sucesso da experiência transmidiática. O manual também é bastante elogioso e realiza comparações desse processo de participação e aprendizado coletivo com o trabalho do educador brasileiro Paulo Freire que em sua visão sempre prima pelo diálogo entre professor e aluno, como processo essencial para a pedagogia (ARDINI; CAMINOS, 2018).

No caso da narrativa transmídia o diálogo ocorre entre emissor e receptor, porém, o objetivo é que o público não seja passivo e se torne – com o processo de aprendizado coletivo – um público “*EmiRec*” – junção dos prefixos das palavras emissor e receptor, de acordo com os autores (2018).

A junção entre narrativa, tecnologia e participação é conceituada como o “Território Transmídia” que se forma pela união desses três elementos dentro de um projeto, campanha, reportagem especial, entre outros formatos possíveis de se aplicar essa técnica. E para que o território transmidiático seja possível o *EmiRec*, também apelidado de prosumidor – neologismo das palavras consumidor e produtor – deve receber ferramentas para intervir, adicionar, reconstruir dentro desse projeto que se propõe ser transmídia.

Outros conceitos abordados, é a diferenciação entre os termos Multimídia, Crossmídia e Transmídia, para que não haja uma má interpretação dos conceitos. Uma narrativa multimídia é definida por contar a mesma história, por formatos e plataformas diversas.

Crossmídia é quando se conta uma história e cada parte é encontrada em uma plataforma diferente, e para obter seu sentido completo o consumidor deve entrar em contato com todas as partes da narrativa. O Crossmídia é bastante utilizado, principalmente, como tática do mercado publicitário. Enquanto uma narrativa multimídia, pode ser vista nas coberturas jornalísticas de uma passeata, o jornalista

publica um texto sobre o evento, no dia seguinte um apresentador de TV fala uma crônica sobre o mesmo assunto com uma galeria de imagens e um boletim de rádio é narrado sobre o ocorrido. A mesma história publicada de formas diferentes (ARDINI; CAMINOS, 2018).

E por fim, outro termo é importante para pensarmos a atualidade das narrativas na Web 2.0, que é a aproximação de variados públicos às histórias reais com tanto apelo quanto histórias ficcionais, o “Historytelling” – “history” (História, em sentido social) + “telling”. Criação de Ardini e Caminos (2018) para catalogar as narrativas que se aproximam de um conceito de História como um estudo social e coletivo.

Segundo o manual, storytelling conta uma história, historytelling conta a história, e que a narrativa construída pelo segundo é um processo criativo de muitos indivíduos dividindo suas experiências em um mesmo espaço. Nessa visão, os temas e debates são construídos de formas mais amplas e complexas, não é a visão de um autor, mas de vários autores.

O historytelling, pode ser mais abrangente também em se aproximar dos espaços físicos. Além disso, não é uma história com fim definido, e sim pontos a serem tratados. E por fim, meios midiáticos são essenciais para desenvolver essas narrativas e organizações sociais e educativas podem se tornar protagonistas desse processo (ARDINI; CAMINOS, 2018). O jornalismo também é outro setor da sociedade que se beneficia muito da popularização de narrativas que se encaixem nesses moldes.

1.2 Uma breve história da linguagem radiofônica

Marcelo Kischinhevsky (2016) pesquisa há anos a relação do rádio em ondas hertzianas com as Mídias Sociais, podcasting, streaming e outros tópicos que surgiram através do desenvolvimento da Internet desde meados dos anos 1990 até a segunda década do séc. XXI. O autor, em uma analogia à história do surgimento de ambas as tecnologias, a radiodifusão e a Internet, compara ideias do senso comum que poderiam ser atribuídas para as duas:

Meio de comunicação inovador e de caráter revolucionário, ferramenta para pôr em contato as pessoas apesar das grandes distâncias que as separam; espaço privilegiado para a educação e a difusão de informação e cultura; chave para a democratização e a inclusão social; maravilha tecnológica proporcionada pelos avanços da ciência... Quase tudo que se fala hoje da

internet, na esfera do senso comum, pode ser encontrado nos discursos acerca do rádio em seus primórdios, nos anos 1920 (KISCHINHEVSKY, 2016, 95).

O Rádio na primeira metade do séc. XX passaria pela transição do radioamadorismo para uma verdadeira indústria da radiodifusão sonora. Segundo o autor, a Argentina seria um dos primeiros países da América do Sul a passar por esse processo de profissionalização do Rádio, principalmente devido a regulamentação da publicidade, fator importante para a viabilização econômica do setor (KISCHINHEVSKY, 2016).

“A radiofonia está muito longe de ser uma dádiva da ciência. Como vimos, é furto de pressões e necessidades de ordem econômica, política, social e cultural, sendo desenvolvida e apropriada muitas vezes de forma imprevisível” (KISCHINHEVSKY, 2016, 96). O meio rádio nasceu e se popularizou através dos esforços dos interessados em utilizar o meio de comunicação como algo rentável e que trouxesse influência, em diversos aspectos.

Assim, nas décadas de 1930 e 1940, surgem emissoras, tanto públicas ou privadas, que seguiram a lógica do broadcasting, ou seja, a “comunicação de um emissor para muitos ouvintes dispersos geograficamente, que já não têm a chance de responder via ondas hertzianas” (KISCHINHEVSKY, 2016, 97). Um locutor conversa com centenas e até milhares de ouvintes, apresentando uma programação ao vivo, com atrações se sucedendo uma atrás da outra.

E nesse cenário, a participação do ouvinte é bastante limitada, “sua presença era registrada por meio de aplausos ou apupos durante os programas de auditório, pioneiros eventos midiáticos massivos” (KISCHINHEVSKY, 2016, 97). E esse modelo de rádio, seria a inspiração para o pesquisador Erving Goffman, pesquisar e catalogar a fala dos apresentadores, locutores e mestres de cerimônias nas rádios dos EUA.

Segundo Kischinhevsky, Goffman (2008) vai possibilitar com a sua pesquisa uma análise da “microsociologia da fala” presente no contexto radiofônico da época, se preocupando em entender fatores sociolinguísticos e etnográficos. E o autor vai além, quando afirma que a pesquisa de Goffman também permite refletir sobre como eram construídas narrativas dentro do rádio da época.

Kischinhevsky define então que na visão de Goffman (2008):

“O locutor busca “produzir um efeito de fala espontânea e fluente” (op. cit., p. 306), ele projeta um ouvinte idealizado e, utilizando-se de estratégias de endereçamento público, preenche os espaços do diálogo, colocando-se numa posição de poder (ele detém o controle do microfone) mesmo quando se encontra numa interação ao vivo com ouvintes e/ou fontes profissionais de informação (autoridades, funcionários públicos, empresários, etc.). Esse locutor, no entanto, está longe de ser todo-poderoso: ele pode cometer erros, gerando riso, incômodo ou espanto e demandando retratação” (2016, 97).

A lógica do broadcasting permanece até o que o autor define como a fase da segmentação, quando surge a concorrente televisão, tomando o posto de principal meio de comunicação presente em uma casa, com seu espaço na sala de estar e apresentando novas formas de produzir espetáculos. Então se “o espetáculo migra para a televisão, resta ao rádio a agilidade para informar, prestar serviços de utilidade pública, estabelecer uma relação de maior intimidade com a audiência, ouvi-la, enfim” (KISCHINHEVSKY, 2016, 98).

O Rádio toma então outro posto dentro do entretenimento e do jornalismo:

Nos eventos esportivos, o radiojornalismo entra finalmente em campo, complementando a narração dos acontecimentos entra finalmente em campo, complementando a narração dos acontecimentos feita das cabines dos estádios com informações de vestiários e da beira dos gramados, graças à introdução de unidades móveis compactas nas transmissões. Nas emissoras populares, surgem os consultórios sentimentais, em que ouvintes, por meio de contato telefônico, dialogam com os comunicadores sobre problemas pessoais, expõem-se, buscam conselhos, estabelecem uma relação íntima, de cumplicidade (KISCHINHEVSKY, 2016, 98).

E esse novo contato com o público vai gerar um efeito de aproximação. E por consequência, aumenta-se a interatividade entre público e emissora.

Não se ouve rádio passivamente, a priori, seja em ondas hertzianas, seja via internet. Pode-se prestar atenção ou não, pode-se contestar determinado conteúdo, em silêncio ou partilhando-se essa percepção em interações face a face – com outros atores sociais, como parentes, amigos, colegas de estudo e/ou trabalho -, pode-se telefonar ou escrever para a emissora e emitir uma opinião (KISCHINHEVSKY, 2016, 99).

Mas, Kischinhevsky explica suas ressalvas a ideia de que o ouvinte está em pé de igualdade do locutor da rádio, sendo bastante crítico da ideia de que – com o auxílio

da Internet e o fenômeno da convergência – o ouvinte seria agora um “emissor-receptor”, também apelidado de EmiRec ou prosumidores por outros pesquisadores da comunicação (ARDINI; CAMINOS, 2018), que ao mesmo tempo que recebe informação pode interagir com essa informação e devolver aquilo de alguma forma para a emissora.

O autor faz referência nesse debate sobre os EmiRecs à autores como o espanhol Mariano Cebrián Herreros (2001) que defende, antes mesmo do podcasting, o fenômeno das web-rádios – que serão apresentadas posteriormente nesta pesquisa – como um sinal dessa nova reconfiguração para a radiodifusão.

Kischinhevsky, porém, mesmo crítico à ideia dos EmiRecs também acredita na ideia de que de certa maneira tanto as emissoras quanto o público:

são produtores de sentido, que não nos limitamos à recepção. Não apenas ouvimos, mas, sobretudo, escutamos o rádio em suas múltiplas plataformas e estabelecemos, cada vez mais, um rico falar sobre os conteúdos radiofônicos, amplificado e reverberado pelas mídias sociais (KISCHINHEVSKY, 2016, 104).

Outro espanhol citado é J. Ignacio Gallego Pérez (2012), que observa que com a Internet, os modelos de radiodifusão também são desafiados:

pelas transformações no panorama de produtores, mediadores e receptores nas últimas décadas, passando a concorrer com serviços como Pandora, Last.fm, Spotify, Deezer, Rdio, etc. O autor vai considerar sete funções-chave de atividade das audiências radiofônicas atuais: criação, programação, financiamento, remixagem, participação, ativismo e, naturalmente, escuta (KISCHINHEVSKY, 2016, 101).

Gallego Pérez (2012), então traz o debate das produções radiofônicas e o seu público no contexto dos serviços de streaming. Esses serviços são compreendidos por Kischinhevsky como *serviços de rádio social*, pois são mais do que somente tocadores e diretórios de música e – nos últimos anos – podcasts. Sites como Spotify também possuem sua interatividade e espaço para criação por parte dos usuários – mesmo que limitada, é possível se conectar com amigos através de outras redes sociais como o Facebook, saber o que eles estão ouvindo e ouvir as playlists criadas por eles.

Essas plataformas ao seguirem o exemplo do serviço da *Apple*, o *iTunes*, e disponibilizarem os podcasts em seu site, foram além e tanto facilitaram a postagem de podcasts independentes em seus serviços quanto criaram parcerias com grandes marcas e veículos de comunicação para produzir conteúdo de áudio em parceria e com exclusividade para a plataforma, como é o caso do podcast jornalístico diário da *Folha de S. Paulo* realizado em parceria com o serviço de streaming *Spotify*, *Café da Manhã* (QUINTINO; BIANCO; MOURA, 2021).

1.2.1 A construção da memória através do rádio

O impacto da radiodifusão em uma sociedade também cria um fenômeno de compartilhamento de vivências entre os ouvintes, uma “memória coletiva”. Antes das primeiras experiências radiofônicas, a passagem da informação, tradições, culturas, histórias e estórias poderia ser feita por meios fotográficos com as primeiras câmeras fotográficas, pelo registro escrito e impresso em livros, jornais, folhetins, e pela oralidade.

A nova realidade do registro escrito, em caráter de produção sistemática e de grande escala, vai promover modificações na comunicação entre os sujeitos cuja situação de contexto sócio-histórico passa a exigir competências na dimensão do saber ler e escrever (GOMES, 2007, 3-4).

O estabelecimento do meio radiofônico foi uma nova significação para o registro oral:

...a oralidade, antes circunscrita às relações interpessoais, agora será possível com a transmissão a longa distância, em situação midiática, para recepções horizontais e em um só tempo. O rádio chega ao Brasil em setembro de 1922, mas ganha desenvolvimento a partir do ano seguinte com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por iniciativa pioneira de Roquette Pinto (GOMES, 2007, 4).

O professor, do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Adriano Lopes Gomes vai argumentar em seu artigo “*As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso*” (2007) que através do rádio, a passagem de conhecimento e cultura pela oralidade poderá ser armazenada no que designa como “Memória Eletrônica”.

De acordo com Gomes, a partir dos anos 1950, as inovações tecnológicas nas áreas da radiofonia e magnetismo permitiram a gravação dos registros radiofônicos. E o arquivamento de notícias, vinhetas, publicidades, músicas, entrevistas e outros produtos em áudio veiculados em rádios permitiu um novo meio de registrar a memória coletiva da sociedade.

Tanto em escala global, nacional ou local, os registros da voz humana em fitas e discos foi um novo meio de gerar pertencimento a populações e gerando bens culturais que ganham sentido através de um coletivo. De acordo com o autor: "...a memória do rádio representa toda uma série de situações que vivenciamos no cotidiano, independente de classe ou contexto social" (2007, 6).

E Gomes complementa:

Desde o seu advento no Brasil, o rádio sempre esteve presente na vida das pessoas, quer nos cômodos da casa, quer no ambiente de trabalho, em situações de recolhimento ou momentos de compartilhamento grupal. O rádio acompanhou os episódios da história, narrando-os, emocionou ouvintes, e apresenta-se, ainda hoje, como um meio de comunicação que participa da construção social da realidade, ao divulgar diariamente questões que problematizam o cotidiano e fazem a sociedade pensar e discutir sobre os assuntos abordados nas grades de programação. (2007, 7)

E através de Maurice Halbwachs (1990), Gomes faz uma reflexão sobre como as memórias individuais são transmitidas pela história por um processo de intercâmbio sócio-histórico. E por meio dos discursos e marcas sociais resultantes desse compartilhamento de memórias surge a memória coletiva.

O rádio, então para Gomes (2007), também é um fator que pode criar memórias coletivas. O pesquisador então faz a ligação desse processo de formação de memória coletiva pela oralidade presente no meio radiofônico através do estudo da *Rádio Poti*, inaugurada em 29 de novembro de 1941, que tinha inicialmente o nome de *Rádio Educadora de Natal*, no estado do Rio Grande do Norte.

Segundo os informantes – nome dado aos entrevistados da pesquisa de Gomes, a rádio possuía uma programação bastante diversa com conteúdos "jornalísticos, artísticos, esportivos, humorísticos e musicais" (2007, 13). E os dois principais idealizadores foram os empresários Carlos Lamas e Carlos Farache. Que segundo Gomes, foram membros da sociedade natalense que perceberam a

necessidade de um moderno sistema radiofônico na região, e que havia demanda para tal.

Como já dito anteriormente nesta pesquisa, o rádio é também composto pelo elemento econômico e comercial, a radiofonia também evoluiu ao passo que atendia aos interesses de grupos da sociedade brasileira. Outro personagem da história brasileira importante para alavancar a emissora foi o jornalista e empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello⁵.

A Rádio Educadora de Natal foi incorporada à rede dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, em 1944, passando a ser chamada de Rádio Poti, adquirindo relativa facilidade para trazer para Natal grandes nomes da música nacional e internacional... (2007,17)

Após uma reformulação, a agora rádio Poti se tornou referência na produção musical, artística e jornalística do Rio Grande do Norte. E com o aporte financeiro e de influência de empresários como Assis Chateaubriand, a rádio expandiu em possibilidades de conteúdo e em sua estrutura.

Segundo o autor:

Pode-se dizer que além de incentivar o desenvolvimento musical no estado, através da concessão de espaços na grade de programação para a apresentação dos Conjuntos Vocais Potiguaras, a Rádio Poti, trazendo para o Rio Grande do Norte cantores reconhecidos e de sucesso, possibilitou à sociedade natalense conhecer a produção musical que estava sendo desenvolvida no Brasil e no exterior. (2007, 18)

Através da difusão do jornalismo e da cultura, a Rádio Poti – como um exemplo entre várias emissoras brasileiras da época – fez parte da criação de uma identidade coletiva dos natalenses. O meio radiofônico é um veículo de massa que não só absorve e extrai dos ouvintes tendências e tradições, mas também contribui para a expansão e diversificação da cultura local.

Outro tipo de produção bastante lembrado pelos entrevistados são as radionovelas, que uniam a representação teatral e todo talento de seus radioatores com a imaginação da população natalense, que contava com a sua própria mente para vislumbrar os cenários, personagens e aventuras contadas.

⁵ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (1892 – 1968), também conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô, foi um jornalista, escritor, advogado, empresário e político brasileiro.

A mais famosa entre essas produções era “Jerônimo: o herói do sertão”. “As radionovelas eram sucesso garantido na programação da rádio. A população reunia-se diante do aparelho transmissor para ouvir as histórias interpretadas pelos chamados radioatores” (GOMES, 2007, 18).

A formação da memória coletiva por meio do rádio também é marcada pelas coberturas jornalísticas da época. Gomes também apresenta que parte da história da Poti é marcada pela proximidade com a Segunda Guerra Mundial (1939 -1945) “tendo em vista que no Rio Grande do Norte instalou-se a base militar norte-americana, contra o eixo, na cidade de Parnamirim” (2007, 20).

A proximidade geográfica com a base militar deu destaque a cobertura da rádio Poti sobre o conflito. E a rádio também fazia retransmissões da cobertura internacional. E a emissora também possuía seus próprios programas de cunho jornalístico.

O rádio como mais um elemento da sociedade para a criação e perpetuação de memória coletiva é outro fator que demonstra a vitalidade do meio radiofônico na rotina dos brasileiros. Essa potência da mídia seria essencial para que décadas mais tarde houvesse uma convergência midiática entre serviços de rádio social, a música e o podcasting na Internet, através de um processo que se inicia com a revolução do áudio digital.

1.3 O advento do áudio digital

O final dos anos 1990 e o início da década de 2000, foi um período em que os entusiastas da programação começaram a realizar suas próprias experimentações com o áudio digital na internet, mas, a revolução dessa tecnologia data desde o final da década de 1930. O cientista britânico Alec Reeves foi o responsável pela criação da Modulação por Código de Pulso (Pulse-code Modulation). O PCM é “considerado um *codec* pois promove a codificação digital e decodificação ao analógico” (ARCHANGELO, 2008, p. 74). Essa tecnologia, porém, só seria utilizada a partir de 1962, com o avanço da telefonia.

Para exemplificar ao leitor, padrões de codecs bastante conhecidos são WAV, WMA, OGG e o

MPEG (*Motion Pictures Expert Group*), popular padrão de codificação de áudio desenvolvido pelo grupo Eureka EU 147, formado por universidades e centros de pesquisa e tendo com parte financiadora do projeto o governo alemão (ARCHANGELO, 2008, p. 75).

E será através do MPEG, mais especificamente sua primeira geração, que serão desenvolvidos três tipos de codecs: MP1, MP2 e MP3. E arquivos como este, teriam taxas de 32 a 320 kbps (kilobits por segundos) (ARCHANGELO, 2008). Essa informação é importantíssima pois será através dessa vantagem, de se obter arquivos de áudios compactos, que o MP3 será compartilhado via internet com tamanha facilidade.

O surgimento e popularização do MP3 seria tão impactante que moveria os caminhos da indústria fonográfica como um todo. Pois, as empresas tradicionais do ramo acusaram os serviços de compartilhamento de arquivos de áudio, que surgiram nesse mesmo período, de transmitir seus conteúdos burlando regras de direitos autorais. O caso mais famoso seria do serviço Napster, que seria alvo de ações judiciais milionárias por parte da indústria por questões de direitos sobre as músicas, o uso do formato MP3 (KISCHINHEVSKY, 2016).

Esse processo de digitalização do áudio, e por consequência digitalização de conteúdos radiofônicos, portanto não foi um processo organizado, e sim uma convergência midiática incoerente e não linear, segundo Kischinhevsky (2016). As primeiras tentativas e lampejos de uma rádio digitalizada começaram a acontecer nos anos 1980, um período marcado por um boom publicitário promovido pelas gravadoras da indústria fonográfica para com as rádios. Os acordos de promover músicas – raras eram as músicas veiculadas que não tinham nenhum intuito publicitário por trás – eram lucrativos e definiam o pensamento da época de que “se toca na rádio, vira sucesso”.

“Na fase da convergência, marcada pela multiplicidade da oferta, [...] o rádio articula-se de modo crescente com outros meios de comunicação, amalgamando-se às mídias sociais e aos serviços de telecomunicações. Mas esse movimento se deu de forma errática e está longe de apresentar coerência” (KISCHINHEVSKY, 2016, 63).

E a década de 1990, em especial, seria uma época de transição para as rádios ao redor do mundo. O surgimento de melhores equipamentos eletrônicos,

principalmente nos países europeus, fazia emissoras como a BBC (British Broadcasting Corporation) – e outros veículos -, a criarem um consórcio europeu para o desenvolver o que seria o primeiro padrão de rádio digital, o DAB.

O consórcio, chamado de projeto Eureka-147, seria fundamental para consolidar as transmissões de rádios no formato digital, a BBC adotaria o DAB em 1995. Além disso, emissoras europeias e norte-americanas nesse período começaram seu processo de informatizar sua programação, e seriam utilizados equipamentos para gravar os programas (apelidado de dedo-duro – termo para a prática do registro de programas e conteúdos que comprovem que uma emissora segue os padrões e leis necessários para transmitir em seu país, de acordo com a legislação de cada território), microcomputadores rudimentares nas redações também seriam úteis para processamento de textos.

Enquanto a Europa e os EUA modernizaram suas rádios, Kischinhevsky (2016) explica que o Brasil vivia outro cenário na radiodifusão. As rádios e a indústria fonográfica em geral, seriam bastante atingidas pelas crises econômicas no início da Redemocratização⁶após a Ditadura Militar (1964–1985). A década de 1980, e meados de 1990, seriam anos de hiperinflação⁷ e recessão econômica sob os governos José Sarney⁸ (1985-1990) e Fernando Collor de Mello⁹ (1990-1992), o que traria estagnação para o setor.

A revitalização do rádio seria mais intensa somente após o Plano Real¹⁰ (1994), que traria uma estabilidade econômica razoável ao país, outro fator seria a sobrevalorização cambial, possibilitando a compra e importação de melhores equipamentos eletrônicos para as emissoras.

⁶ Após mais de 20 anos de ditadura militar, o Brasil passou por um processo de abertura política e reintegração das instituições democráticas, em um período chamado de redemocratização. A ditadura militar, instaurada em 1964, foi responsável por um período de censura e opressão aos direitos democráticos.

⁷ A hiperinflação no Brasil durou entre a década de 1980 e 1990, com seu ápice em março de 1990, quando o índice de inflação atingiu 80% ao mês. Após 7 planos econômicos, a hiperinflação chegou ao seu fim em 1994.

⁸ Advogado, político e escritor brasileiro. Ocupou o cargo de 20.º vice-presidente do Brasil durante 1985 e foi o 31.º Presidente do Brasil de 1985 a 1990.

⁹ Político brasileiro. Foi o 32º Presidente do Brasil, de 1990 até sua renúncia em 1992. Atualmente ocupa o cargo de Senador.

¹⁰ Plano de estabilização da economia brasileira lançado durante o governo de Itamar Franco (1992-1995). No primeiro semestre de 1994, foram implantadas as medidas que conseguiram estabilizar a economia brasileira e colocar fim à crise de hiperinflação que atingia o país desde a década de 1980.

Enquanto isso, em outros países surgiram as primeiras tentativas de se desenvolver arquivos de áudio em computadores. E segundo Kischinhevsky:

o grande impulso ao consumo de áudio na internet viria com o lançamento, em 1995, pelo *Moving Picture Experts Group*, do *MPEG-1 Audio Layer-3* (ou simplesmente MP3), formato de codificação de áudio digital que permitiria a compreensão de arquivos para até menos de 10% do tamanho original (2016, 65).

Esse avanço fomentaria a criação de outros formatos de áudio que teriam destaque no mercado como: o *RealMedia*, da *Real Networks*, o *Windows Media*, da *Microsoft*, e o *Quicktime*, da *Apple*. E a possibilidade de se consumir áudio on-line seria a porta de entrada para criação de incipientes, até aquele momento, transmissões radiofônicas.

E os brasileiros não ficariam para trás nessa movimentação tecnológica. De acordo com o autor, a primeira web-rádio do mundo é a Rádio *Klif*, do Texas (EUA), que em 1995 começou a oferecer sua programação FM em streaming. Mas em nível nacional o debate sobre qual teria sido a primeira perdura.

Alguns autores creditam a Rádio *Totem* de São Paulo, em 1998. Mas, Kischinhevsky (2016) também esclarece ao leitor que outra concorrente ao título seria a *Manguetronic*, de Recife, Pernambuco. Responsável por transmitir músicas e popularizar artistas como *Chico Science & Nação Zumbi* e *Mundo Livre S/A*.

Os grandes conglomerados acompanharam de perto todas essas mudanças mercadológicas na indústria da música. Nos anos seguintes, o exemplo do Napster serviria de lição para a necessidade de gravadoras e produtores iniciarem um processo de modernização na comercialização de seus produtos fonográficos, já que o Napster não era e nem seria um caso isolado, e processar cada serviço online seria perda de tempo.

E seria nesse o cenário do final dos anos 1990 e início dos anos 2000 que criou o ambiente ideal para o surgimento da ideia de produzir conteúdo radiofônico sob demanda, e principalmente de forma independente, seria então o início do podcasting (KISCHINHEVSKY, 2016).

1.4 Os primeiros anos do podcasting

O podcast, diferentemente do rádio, vai oferecer ao seu ouvinte um conteúdo segmentado. No dial - o Rádio em ondas hertzianas, o receptor pode mudar de emissora, mas, nunca o que a emissora está veiculando, no podcast o receptor escolheu ouvir aquele programa em específico, após realizar seu download ou escutá-lo via streaming¹¹.

De acordo com Kischinhevsky (2016) diferentes linhas de pesquisa surgiram nos anos seguintes para compreender o peso do podcast em relação às estruturas previamente estabelecidas pelas emissoras tradicionais e a indústria fonográfica em geral. E o autor esclarece que mesmo que a assincronia do podcast, em relação ao rádio ao vivo, possa perder em termos de retorno do ouvinte ele ganha pontos pela sua praticidade. O podcast então é parte de uma revolução maior de conteúdo trazida pela Internet, sendo uma faceta da produção de conteúdo das duas últimas décadas.

Em seus primórdios:

“os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta ou monólogos que faziam as vezes de audioblogs, diários em voz alta. Mas, rapidamente, os programas/episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros, trilha, emulando o que era veiculado em ondas hertzianas ou mesmo introduzindo os formatos inovadores” (KISCHINHEVSKY, 2016, 69).

Em meados da década 2000, o podcast era visto como uma mídia cultivada por entusiastas do áudio e de tecnologia em geral, e mesmo que houvesse uma associação entre o podcast e o popular iPod, não havia nenhuma grande empresa que levantasse a bandeira do podcast. Mas a associação momentânea da tecnologia com a marca da Apple, fez com que a empresa, durante um certo período aproveitasse dessa influência para incorporar o produto ao seu catálogo, como em seu aplicativo iTunes. A empresa do CEO Steve Jobs se tornou parte fundamental do mercado de podcasts. Em 2006, Jobs afirmou¹²:

o podcasting é a próxima geração de rádio, e os usuários agora podem se inscrever em mais de três mil podcasts gratuitos e ter cada novo episódio entregue automaticamente pela internet em seus computadores e iPods.

¹¹ É a tecnologia que possibilita a transmissão e acesso de conteúdos pela internet em qualquer dispositivo e em tempo real sem a necessidade de download do arquivo.

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UT-rLy0CWc4&ab_channel=HesNikke

Porém, com a popularização dos primeiros smartphones, e o fim da produção do iPod, se iniciou um processo de desvincular a mídia da marca Apple e uma mudança de hábitos no público consumidor da mídia.

Em primeiro lugar, a popularização dos smartphones e de outros recursos de acesso à internet móvel, associada ao aumento de sua cobertura e velocidade, levaram a uma mudança da lógica do download para a do streaming. Com isso, de um modo geral, a prática do download dos arquivos de mídia e posterior reprodução foi substituída pela audição online do episódio de um determinado podcast, seja com a utilização de um computador ou smartphone – diretamente do site de seus realizadores –, ou de um dos muitos agregadores de podcasts hoje existentes. Com isso, a tecnologia do RSS e, por consequência, a prática tradicional da assinatura deixou de ser decisiva para o consumo de podcasts. Ao mesmo tempo, o podcast tornou-se também menos vinculado à tecnologia Apple (VICENTE, 2018, p. 90).

Enquanto isso no Brasil, o primeiro podcast criado chamava-se Digital Minds, com início em 21 de outubro de 2004 e criado por Danilo Medeiros. O Digital Minds ganha esse título pois foi considerado o primeiro programa de áudio nacional disponível por via RSS, segundo Luiz e Assis (2010). No mesmo ano, o segundo programa em áudio que se autodenominava um podcast brasileiro foi o Podcast do Gui Leite, criado por um entusiasta que desejava testar o formato e tecnologia que começava a ganhar holofote na Internet da época.

Luiz e Assis (2010) também cita outros programas criados em 2004 como: “os podcasts Perhappiness, de Rodrigo Stulzer, e Código Livre, de Ricardo Macari, respectivamente nos dias 3 e 13,” (2010, 4). Os primeiros “podcasters brasileiros” se multiplicaram e iniciaram um processo de organização. Em 2005 foi organizada a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), e durante o evento foi criada a Associação Brasileira de Podcast (ABPod), que atualmente é também uma referência em pesquisar o mercado de podcasts.

Essa primeira geração de podcasts brasileiros logo entrou em uma crise, ainda no ano de 2005. Os pesquisadores consideram que ocorreu um evento chamado “*Podfade*”, esse foi um período em que diversos desses podcasts encerram suas atividades (LUIZ; ASSIS, 2010). Mas, o “*Podfade*” foi algo passageiro já que no

mesmo surgiriam novos programas que teriam uma vida longa como é o caso do *Nerdcast*¹³.

Criado por Alexandre Ottoni e Deive Pazos, o programa de bate-papo entre amigos sobre literatura, cultura pop, cinema, quadrinhos e séries. O programa está ativo há mais de 14 anos. E, Ottoni e Pazos criaram desdobramentos para seu podcast e blog, o Jovem Nerd, como a loja virtual a *Nerdstore*¹⁴ e o site de notícias *NerdBunker*¹⁵.

O Nerdcast se tornou tão influente na comunidade de podcasts brasileiros que acabou criando um “formato padrão” para os programas que surgiriam nos anos seguintes:

No Brasil, o Nerdcast – criado em 2006 – virou referência para outros produtores do gênero e acabou gerando um formato padrão, que se repete em muitos podcasts nacionais: um debate descontraído, como um bate-papo, mas com aprofundamento dos temas dos episódios. Além disso, cada edição costuma ter mais de uma hora de duração (ABUD; ISHIKAWA; GONZAGA, 2019).

Juntamente com o Nerdcast, mais programas desta “nova geração” surgiram para suprir o vácuo de conteúdo deixado pelo “*Podfade*”, como é o caso do Rapaduracast¹⁶, este focado em debater o mundo do cinema e realizar críticas de filmes e produzido regularmente até hoje (LUIZ; ASSIS, 2010).

Outro podcast brasileiro que merece destaque é o Mamilos¹⁷ - fundado em 2014 - com seu lema de “jornalismo de peito aberto”, é um programa semanal que discute os temas polêmicos da atualidade apresentado pelas publicitárias de formação Juliana Wallauer e Cris Bartis. O programa figurava entre os mais ouvidos em 2018, segundo a PodPesquisa daquele ano (VALIATI; CARDOSO; BREDAS, 2020).

O Mamilos, como o Nerdcast, também é um programa em formato de mesa redonda, e desde o início da mídia, se mostrou um modelo dominante no gosto do público:

¹³ Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>

¹⁴ Disponível em: <https://nerdstore.com.br/>

¹⁵ Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/>

¹⁶ Disponível em: www.rapaduracast.com.br

¹⁷ Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>

O chart com os podcasts mais ouvidos no iTunes, no dia 02 de novembro de 2019, mostrava o programa Mamilos em 4º lugar entre os mais ouvidos. É o único dentre os cinco primeiros colocados a estar há mais de 700 dias consecutivos na lista. Esta também é a posição em que ele se encontra na PodPesquisa (2019), representando 13,3% das respostas (VALIATI; CARDOSO; BREDAS, 2020, p. 92).

Com o passar dos anos e com o surgimento de podcasts que alcançariam milhões de ouvintes de forma totalmente independente, o fenômeno podcasting chamou a atenção da indústria fonográfica e de radiodifusão, que pensariam maneiras de utilizar aquele novo formato de mídia a seu favor.

Em paralelo com a popularização e a massificação dos podcasts, ocorreu outro fenômeno nas emissoras tradicionais de rádio. Kischinhevsky (2016) explica que para entender, com mais embasamento, a evolução do processo de distribuição de conteúdo em áudio na internet, é preciso abordar o conceito do Rádio Expandido.

1.5 O rádio expandido

Na atualidade o “rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música” (KISCHINHEVSKY, 2016, 13).

De acordo com o pesquisador, essa definição quer dizer que o rádio fura a sua própria bolha midiática, no caso do dial para a internet (Facebook, Twitter e Youtube) e outros meios. E Kischinhevsky acrescenta que a mídia radiofônica realizou esse processo de transição de forma acelerada por ser uma “comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas à escuta” (2016, 16).

E essa habilidade se entranhar nas rotinas dos ouvintes não é nenhuma novidade, pois antes da TV, o rádio era o protagonista com as radionovelas, jornalismo e narrativas sonoras em geral. Mas com os novos formatos das redes sociais, mesmo com a TV, jornais e portais, a radiodifusão ganha um novo charme nas redes sociais e aplicativos próprios.

Não é mais necessário ter um aparelho específico para ouvir sua rádio favorita, ou se limitar somente ao percurso de carro que você percorre da casa ao trabalho. No

rádio expandido, é possível acompanhar a transmissão do jornal ou programa de entretenimento via Youtube, por exemplo. E, outra vantagem, é que esses conteúdos podem ser revistos com mais facilidade pois estão armazenados nessas redes sociais - acrescentando um elemento de assincronia ao rádio.

A realidade do rádio expandido também aumenta a interação entre ouvinte e âncora. As mensagens das redes sociais podem ser lidas ao vivo. O que antes aconteceria somente por telefone, agora ocorre via Twitter, Facebook e até mesmo Instagram.

Kischinhevsky (2016) deixa claro que a competição pelo espaço online também contará com a participação dos jornais impressos, televisão e revistas. E que a maior diferenciação do rádio para essas outras mídias é a capacidade de acompanhar o ouvinte por onde ele esteja, sem a necessidade de ler um texto ou assistir à uma tela, basta estar com um fone nos ouvidos.

O rádio, mesmo expandido, mantém sua essência formadora de identidades e de proximidade com seu ouvinte, e que posteriormente esse mesmo tipo de contato entre ouvinte e interlocutor seria transportado para o podcast. Mas, ao mesmo tempo que é um atrativo do rádio, é também um impeditivo para captar públicos maiores em um mundo globalizado.

Pois, segundo o autor, através de um clique num buscador como o Google, o usuário encontra sites jornalísticos com informações do mundo todo. Enquanto o rádio é uma mídia que impacta mais em escala regional do que nacional.

Mas, nesse rádio expandido – também com elementos de transmidiação, segundo o autor - até o momento as métricas para se entender essas novas audiências não são tão fáceis de se contabilizar, pois mesmo que o IBOPE e outros institutos de pesquisa possam medir o impacto do Dial, essas mesmas organizações não conseguem contabilizar o alcance de uma matéria de rádio no feed do Facebook ou do Twitter com a mesma precisão, isso vai ser um elemento de debate, pois rádios vão então começar a desenvolver suas próprias métricas para expô-las.

De acordo com Kischinhevsky, isso “expõe uma mudança de percepção e de hábitos de consumo midiático, com sinais claros de esvaziamento do papel simbólico das empresas de comunicação, num ambiente de extrema competitividade” (2016, 17), e demonstra de forma prática como a captura da atenção do possível ouvinte tem

se tornado cada vez mais difícil, principalmente os mais jovens que já são “nativos digitais”, nunca tendo vivido em um contexto analógico.

1.6 Os serviços de rádio social e o podcast

A partir da compreensão do rádio expandido, é possível entender as bases dos serviços de rádio social, que também são conceitos essenciais para a compreensão do podcasting na segunda década do séc. XXI. Kischinhevsky (2016) explica que nesse cenário de web rádios, serviços agregadores e redes sociais, surge um híbrido entre esses serviços que mistura o streaming de músicas e áudio, postagem e indexação de conteúdo com a interatividade entre usuários e o surgimento de comunidades online, os serviços de rádio social.

São serviços que estimulam os seus usuários a criarem perfis, que os identifique, e nesses perfis não só escute os conteúdos que lhe agradar, mas também personalize o serviço à sua maneira, criando playlists e seguindo recomendações feitas por essas redes – geradas a partir dos dados do usuário, fazendo amizades e dividindo com os outros usuários músicas e conteúdos radiofônicos.

Em uma rede social como esta, tanto os perfis de emissoras de rádio tradicionais - em ondas hertzianas, organizações de fora do ramo da radiodifusão e pessoas físicas competem igualmente pela atenção de algum usuário, que pode ao mesmo tempo ouvir um podcast – ou qualquer outro tipo de conteúdo radiofônico - ou uma música.

Segundo o autor, o pioneiro na área seria o Last.fm lançado em 2003, na Inglaterra. Depois dele viria o Pandora na Austrália, em 2005. Em 2011, o Last.fm registraria 40 milhões de usuários ativos, o serviço teria começado oferecendo ao usuário o streaming de músicas, e a partir dos gostos daquele perfil haveria outras sugestões de músicas e artistas semelhantes. Anos depois, o Last.fm oferecia um sistema de vendas e download gratuito de arquivos (KISCHINHEVSKY, 2016).

Outro ponto para definir os serviços de rádio social, seria a possibilidade de um usuário criar a sua “própria rádio”, com a possibilidade de configurar playlists com algum tipo de público-alvo que sempre era alimentado com um estilo específico de música ou artista. Isso pode ser visto até hoje, nesses serviços, que em páginas de artistas – outra ferramenta implementada nesses serviços -, existam essas “rádios”

que estarão sempre sintonizando músicas do próprio cantor e sua banda ou relacionadas em gênero e estilo.

Kischinhevsky (2016) então lista outros atores relevantes nesse mercado internacional como é o caso do Grooveshark (2006), Deezer (2007), o SoundCloud (2008), o Spotify (2008) e que na época de lançamento da obra em 2016 se apresentava como maior serviço do ramo no mundo, e o Rdio (2010). Pode também ser acrescentado, no atual cenário deste mercado, outros competidores como é o caso do Amazon Music, Audible, Storytel e Youtube Music.

Entre esses serviços, um dos que se destaca pelo público-alvo amplo é o SoundCloud, que diferente dos outros, já desde o seu início recebia conteúdos em podcast, e áudios diversos como o de discursos de políticos como os de Barack Obama, ex-presidente dos EUA. No SoundCloud, também era possível encontrar produções musicais independentes, remixagens de DJs, logo o leque de produções postadas era imensamente variado (KISCHINHEVSKY, 2016).

Esses serviços vão se caracterizar também pela funcionalidade de compartilhar as atividades de seus usuários em outras redes sociais. Como no Spotify, o link de um podcast ou música pode ser compartilhado via mensagem de Whatsapp, tweet, post de Facebook e até mesmo Stories de Instagram. E a convergência de diferentes redes foi um elemento importante para a popularização do rádio social.

O autor, mesmo tecendo elogios sobre as inovações que o serviço de rádio social trouxe, também leva questionamentos sobre certos elementos presentes nessas redes. Por exemplo, ao mesmo tempo que são serviços inovadores a sua maneira de distribuir conteúdo em áudio e nas possibilidades do público em ouvi-los e compartilhá-los, e que se afirmam como remediação do rádio, ainda sim eram serviços que usavam termos e maneirismos das emissoras de ondas hertzianas, e que deviam parte de sua identidade. E querendo ou não, parte de seu conteúdo também era advindo dessas rádios tradicionais (KISCHINHEVSKY, 2016).

Em um período em que se formam e estabelecem os serviços de rádio social, e os podcasts se proliferam, seria questão de tempo para que houvesse a convergência midiática entre ambos. Rafael Palomar e Elena Borrajo (2017) explicam que a partir de certos fatores, como o maior uso de smartphones e a aderência dos podcasters aos serviços de rádio social, aconteceria outro ponto de virada na história

do desenvolvimento dos podcasts, esse especificamente nos EUA - mas que geraria efeitos mercadológicos em muitos outros países.

Em 2014, seria lançado um fenômeno dentre os podcasts, o programa *Serial*¹⁸ da *National Public Radio* (NPR), criado pela apresentadora e produtora executiva Sarah Koenig e a também produtora executiva Julie Snyder. O podcast de cunho narrativo abordava histórias reais de assassinatos ocorridos em Baltimore, em 1999. O programa teve grande destaque e conseguiu até mesmo patrocinadores, fator importante para entender o que os autores explicam como a “ressureição dos podcasts”, segundo Palomar e Borrajo (2017).

Pois, a partir de programas como o *Serial*, começaria um movimento de mercado de profissionalizar esses programas, através principalmente de patrocínio. Palomar e Borrajo (2017) explicam que até aquele momento a indústria como um todo via o podcast como uma mídia quase incipiente, composto por entusiastas e produções amadoras.

Essa nova oportunidade de mercado também seria aproveitada por jornais e emissoras tradicionais. Em 2017, foi o momento dos podcasts jornalísticos ganharem destaque com a estreia do *The Daily*¹⁹, programa diário do jornal *The New York Times* para debater os principais pontos do noticiário através de entrevistas e conversas entre os jornalistas da redação, modelo que inspiraria a criação de muitos outros programas do gênero.

O podcast foi um sucesso, e criou um movimento para que outros veículos de comunicação investissem no formato podcast para expandir seus conteúdos. De acordo com o ranking Podtrac²⁰, após o lançamento do “The Daily em 2017, o número de podcasts diários mais do que triplicou”.

Os elementos necessários para se criar um mercado fértil e com potencial estavam dados, além de produções cada vez mais profissionais, emissoras tradicionais apostando no formato e o interesse em anunciantes patrocinaram tais programas, mais dois elementos serão acrescentados a esta soma: a criação de

¹⁸ Disponível em: <https://serialpodcast.org/>

¹⁹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/column/the-daily>

²⁰ Disponível em: <http://analytics.podtrac.com/industry-rankings>

produtoras especializadas em podcasts e a opção de financiar seus projetos em áudio através de financiamentos coletivos.

De acordo com Bonini (2020):

Com esse mix de novas tecnologias de distribuição (podcasting) e de escuta (smartphones) que se uniram a redes sociais baseadas em som (Soundcloud, Mixcloud, Spreaker e Stitcher, pertencente à Deezer) e novas plataformas de financiamento coletivo (Kickstarter, Indie Go Go), as bases para a criação de um mercado independente para o podcasting estavam estabelecidas (p. 25-26).

O autor também afirma que a criação de redes de podcasts robustas foram essenciais para a evolução da mídia como um todo. E faz referência a reportagem de Steuer²¹ sobre a Radiotopia também criada pelo produtor Roman Mars, de forma independente com um aporte de mais de 620 mil dólares somente de apoiadores do projeto:

Radiotopia representa a última fase desta evolução: além de levantar fundos de ouvintes potenciais e ser apoiada por uma fundação, permite que seus programas sejam patrocinados. Radiotopia se apresenta como uma estação de rádio comercial que agrega conteúdo com o propósito de atrair audiências para serem vendidas a anunciantes, mas não para por aí. Em 2014, cinco outras redes foram criadas nos EUA: PodcastOne, Gimlet Media (projeto de Alex Blumberg, ex-produtor de This American Life), Infinite Guest, Earwolf e Panoply. Panoply foi fundada pela companhia de mídia americana Slate e, em março de 2015, hospedava 15 podcasts com mais de 6,5 milhões de downloads mensais.

Bonini (2020) também reflete sobre como essa mudança de mercado foi bastante acelerada. No início dos anos 2010, as rádios públicas e produtores independentes eram os protagonistas desta mídia, ainda na mesma década porém isso mudava drasticamente dando espaço a grandes conglomerados de mídia, jornais tradicionais e produtoras.

Em apenas três anos, mudou radicalmente o apoio econômico à produção de podcasts. Se nos primeiros dez anos, os podcasts mais baixados e com mais seguidores eram produzidos por rádios públicas europeias e americanas, hoje muitos desses mesmos podcasts, além de novos produtos, estão

²¹ Disponível em: <http://www.wired.com/2015/01/podcaster-roman-mars>

começando a se bancar através de sistemas econômicos alternativos aos serviços públicos, tais como financiamento coletivo, patrocinadores e anúncios (BONINI, 2020, p. 27).

O autor vai chamar este fenômeno de “segunda era do podcasting”:

O que chamaremos de “segunda era” do podcasting começou nos EUA em 2012, quando alguns dos famosos podcasts do rádio público americano se tornaram independentes das emissoras de origem, passando a financiar-se inteiramente por meio de seus ouvintes, através de novas plataformas de financiamento coletivo como Kickstarter (BONINI, 2020, p. 23).

Para ilustrar com clareza esse crescimento do mercado de podcasts podemos utilizar de referência a Edison Research²², que ao mapear a quantidade de podcasts globalmente, em 2019, atestou que esses profissionais estavam se multiplicando, naquele ano já eram 700 mil podcasts ativos em todo o mundo.

E dentre estes profissionais estão os jornalistas que embarcaram e apostaram nesta mídia. O que abordaremos em seguida é o impacto do podcasting na indústria jornalística.

1.7 O jornalismo em podcast

Vicente (2018), ao falar dos podcasts jornalísticos cita a NPR e a coloca em um papel fundamental como criadora de tendências dentro do cenário do podcasting. Mesmo antes do termo e a categoria existir a rádio pública americana já investia em programas percursos da mídia, como é o caso do programa *This American Life* (TAL)²³, são mais de 600 episódios disponibilizados na Internet.

O autor aponta que o TAL continha elementos musicais, entrevistas, sons ambientes e relatos em primeira pessoa por parte dos apresentadores, e que nessas características pode-se perceber um jornalismo que também absorve técnicas da escrita e produções ficcionais. E essa tradição do jornalismo narrativo vai aproximar o programa de livros como os de Gay Talese, pertencentes ao *new journalism*²⁴.

²² Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/podcast-research/>

²³ Disponível em: <https://www.thisamericanlife.org/>

²⁴ O “Novo Jornalismo” surgiu na imprensa dos Estados Unidos, nos anos 1960, seus principais expoentes são Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote. As obras escritas por esses autores são consideradas como romances de não-ficção, sua principal característica é misturar a narrativa jornalística com a literária.

Segundo Vicente (2018), essa tradição jornalística vai ser a base para a concepção do Serial:

“A primeira temporada de Serial (<https://goo.gl/55R8wt>) narrou, ao longo de seus 12 episódios, a investigação de Koenig sobre o caso de Adnan Syed que, em 1999, com apenas 19 anos, fora condenado à prisão perpétua pelo assassinato de sua ex-namorada, Hae Min Lee, em Baltimore. O programa apontou diversas inconsistências do julgamento e trouxe novos detalhes sobre o caso. Serial conquistou alguns dos principais prêmios de jornalismo dos Estados Unidos como Peabody, Edward R. Murrow, duPont-Columbia, Scripps Howard e Silver Gavel Award for Media and the Arts” (VICENTE, 2018, 99).

Existem também exemplos na língua espanhola desse gênero de podcasts. Vicente cita a produção *Le llamaban padre*²⁵:

“roteirizada e dirigida por Jose Angel Esteban, baseado no livro de mesmo nome de Carles Porta, para Podium Podcast. Em seus sete episódios, o podcast traz a narrativa dramatizada de um caso de pedofilia de grande repercussão ocorrido na Catalunha. *Le llamaban padre* recebeu menção especial nos Premios Ortega y Gasset del Periodismo de 2017” (VICENTE, 2018, 100).

A narrativa que mistura fatos reais e elementos encontrados em obras de ficção, como a dramatização e a utilização de efeitos e sons ambientes pode ser considerado um sinal do historytelling proposto por Ardini e Caminos (2018).

E da mesma forma que aconteceu no cenário internacional, os jornais e emissoras nacionais também viram na mídia podcast e nos serviços de streaming, como o Spotify um novo mercado para expandir seus conteúdos e marcas.

No cenário brasileiro, o maior jornal em circulação do país, a Folha de S. Paulo, fez uma de suas grandes apostas neste mercado com o programa *Café da Manhã* inicialmente apresentado pelos jornalistas Rodrigo Vizeu e Magê Flores – que teve sua estreia em 1 de janeiro de 2019, com claras inspirações no aclamado *The Daily*, o podcast nasce como uma parceria entre o jornal e a plataforma Spotify, garantindo exclusividade do programa à plataforma (PEREIRA; MONTEIRO, 2020).

²⁵ Disponível em: <https://www.podiumpodcast.com/le-llamaban-padre/>

Anteriormente, a Folha de S. Paulo havia realizado testes com produções como O Presidente da Semana²⁶ fundado em 2018, com o objetivo de realizar uma retrospectiva na história brasileira, a partir da história de vida e carreira política dos presidentes do país. E no mesmo período, também foi lançado o podcast Eleição na Chapa²⁷ – que também contava com a parceria e exclusividade do Spotify, nesse programa eram debatidas as principais notícias em relação a corrida eleitoral de 2018, que terminou com a vitória do presidente Jair Bolsonaro, ambos os programas eram apresentados por Rodrigo Vizeu.

Quando a pandemia de Covid-19²⁸ se tornou realidade em território brasileiro, o Café da Manhã ganharia um derivado, o Plantão Coronavírus²⁹, que estreou no dia 23 de março de 2020. Além da Folha de S. Paulo, é preciso citar o Grupo Globo, que investiu para criar toda uma programação em formato de podcast, inclusive no recorte jornalístico.

Outra empresa de comunicação que aderiu ao uso do podcast para a produção jornalística foi o Portal G1, lançando em agosto de 2019 o podcast “O Assunto”, apresentado na Figura 4. Neste podcast, a jornalista Renata Lo Prete conversa com jornalistas e especialistas da TV Globo sobre os assuntos em destaque nos noticiários do país. Seu surgimento se deu em meio às discussões sobre as queimadas na floresta amazônica em agosto de 2019, levantando um debate sobre as questões que envolviam o tema (PEREIRA; MONTEIRO, 2020, p. 125).

E diferentemente das reportagens tradicionais destes veículos, tanto em texto quanto em vídeo, o podcast permite outra relação com o público que recebe aquela notícia. É possível ir além, utilizando de sonorização, comentários mais longos feitos pelos repórteres, e uma maior liberdade criativa em geral.

Diferente do jornalismo em mídias tradicionais, o podcast jornalístico instigara criticidade dos seus ouvintes. As notícias podem ser comentadas de forma independente pelos jornalistas e comentaristas dos temas propostos. O posicionamento dos veículos também é outro fator relevante nestas

²⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/7M32AKysUDCeEa3EjnvMQN>

²⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/04dw5bMehQNu3mBQ9A5Bc2>

²⁸ Também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso de COVID-19, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, na China, em 1 de dezembro de 2019.

²⁹ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4tLH8y20wgDjIBJiHGLnzF>

produções, pois mesmo sendo produtos de veículos de comunicação de conhecimento do grande público, a segmentação do público pode ser aplicada, por se tratar de conteúdo on demand, tão logo somente aqueles que têm interesse nos temas desenvolvidos e nos formatos de produção destes *podcasters* irão assinar os seus conteúdos e acompanhá-los (PEREIRA; MONTEIRO, 2020, p. 126-127).

Os autores ainda vão afirmar que os podcasts jornalísticos são peças fundamentais para alcançar um público mais jovem, que consome o noticiário de outra maneira. E apostar nos serviços de rádio social, é apostar numa tecnologia que foi abraçada por esse público. Além disso, a versatilidade da mídia permite ao mesmo tempo abordar temas bastante segmentados, como também o noticiário hard news. Portanto, o potencial informacional do podcast está em constante evolução e aprimoramento (PEREIRA; MONTEIRO, 2020).

CAPÍTULO 2 - RÚSSIA E UCRÂNIA: A PRIMEIRA VÍTIMA DA GUERRA E A DESORDEM INFORMACIONAL NO SÉCULO XXI

O ato de guerrear entre si acompanha a humanidade há milhares de anos. Não é nenhuma novidade que homens e mulheres se dividem entre grupos étnicos, raciais, religiosos, nacionais e que essas diferenças causem conflitos de extrema violência. Em tempos de crise - de incontáveis tipos, em diversos períodos da história a solução foi abandonar o fazer político e optar pelas armas.

Em algumas sociedades, a guerra não era uma situação temporária e sim o estado natural das coisas. O Império Romano, por exemplo, se desenvolveu através de uma lógica econômica e social em que a guerra era um dos pontos vitais da sua estrutura. Expandir as fronteiras, conquistar e escravizar os derrotados para se tornarem serviçais. As guerras eram internas e externas, mas elas sempre estavam presentes³⁰.

A guerra em Roma movimentou a sociedade, a religião, a economia e a política. E quando o Império já não teria a estrutura política, logística e militar para manter suas fronteiras, isso acelerou sua ruína - dentre outros fatores históricos e culturais³¹. Mas, e hoje? Os países dominantes no mundo não possuem semelhanças com o que acontecia no Império Romano?

Guerras motivadas por questões culturais, fronteiriças e econômicas eram parte do debate da época, e seguem sendo parte de nossas sociedades até o tempo presente. Mas para além dos tópicos já citados, um dos objetivos desta dissertação é acrescentar mais um ponto, o da informação, ou melhor, da desinformação.

Se a guerra move a economia, a política, a religião, a sociedade, ela afeta também uma parte essencial desse contexto, o das narrativas. Um dos argumentos principais deste texto é demonstrar que os conflitos se tornam mais nocivos quando eles também destroem o factual. Se na época do Império Romano, em Roma, levava semanas para um cidadão saber das atualizações de um conflito no norte da África

³⁰ Ver mais em: GARRAFFONI, Renata Senna. Guerras púnicas. In: Magnoli, D. (Org.). **História das Guerras**. Editora Contexto, 2006.

³¹ Ver mais em: Pereira, Virgínia Soares. "Crónica de uma morte anunciada: a queda de Roma", in Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (Coords.), **A queda de Roma e o alvorecer da Europa**, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 11-26. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/46180>> Acesso em: 1/11/2023

ou no Oriente Médio, hoje basta alguns cliques e o usuário sabe quantas mortes um bombardeio causou naquele mesmo dia.

A guerra, no debate da desinformação, é um verdadeiro risco à saúde de sistemas democráticos, mesmo os países que não estejam envolvidos diretamente com aqueles conflitos. A desinformação se torna mais nociva na atualidade devido a maneira como as redes sociais são desenhadas, pois o excesso de dados, postagens e informações é acumulativo e aditivo, porém nossa capacidade crítica de compreender os fatos da realidade é limitada, e o mesmo ocorre com a verdade, que é exclusiva, narrativa, e que depende de um contexto complexo para ser entendida em sua completude (HAN, 2022).

Inspirado pela frase, atribuída ao político norte-americano Hiram Johnson, “numa guerra, a primeira vítima é a verdade”, referenciado no programa *O Assunto* ao abordar o tema da desinformação no conflito entre o estado de Israel e o grupo terrorista Hamas³², este trabalho tem como um dos seus principais objetivos discutir os malefícios da morte desta primeira vítima para uma sociedade. E após discutir revisando a bibliografia acerca de informação e desinformação no atual contexto de guerra e redes sociais, pretende-se refletir sobre a capacidade de combate às notícias falsas que os podcasts podem desempenhar.

Quanto esta pesquisa começou a ser desenvolvida, o foco do mundo estava direcionado para o Leste Europeu. A guerra russo-ucraniana era o principal tema dos jornais tradicionais e independentes. E no calor do momento, as redes sociais se encheram de vídeos de influenciadores digitais que se consideram aptos a comentar geopolítica e estratégia militar sem o mínimo de formação necessária para tal.

Na atualidade, se torna cada vez mais palpável um pressuposto, não dito, de que é necessário que todo mundo possua uma opinião sobre tudo. Essa ansiedade pela sensação de “estar informado” e “estar certo” se espalha pelas redes de forma instantânea. Essa falsa necessidade de opinar em todos os temas empobrece o debate, as pessoas perdem a autopercepção de que sim, elas podem errar e podem não saber de algo.

³² Ver mais em: Israel x Hamas – a guerra da desinformação. Entrevistado: David Nemer. Entrevistadora: Natuza Nery. G1, 20 out. 2023. **Podcast**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1iLZqLC4kgBLIm2lqGc33M>>. Acesso em: 31 out. 2023.

O correto seria se informar, ler sobre, estudar o mínimo possível para saber o que é factual ou não sobre determinado assunto que não é sua especialidade. O que não te dá o direito de se tornar um “especialista” para discorrer sobre o tema. Esse sentimento libertador já foi discutido por pessoas como a jornalista Silvia López Rivas em seu texto para o *El País*³³, enquanto o mundo ainda era assolado pela pandemia de Covid-19 e necessitou lidar com todo um novo paradigma social mediado pelas redes sociais durante os períodos de lockdown e trabalho remoto.

E por qual motivo trazer este assunto no texto, esse fenômeno de urgência que usuários possuem em comentar tudo? Para demonstrar que a guerra quando se torna midiática ela também alimenta o caos nas redes. E isso já é utilizado hoje para movimentar o mercado de desinformação, além disso, de forma não intencional, influenciadores relevantes em seus nichos e países podem contribuir para amplificar notícias falsas e confundir seus seguidores.

Surgiram até mesmo nos últimos anos um novo tipo de celebridade virtual, o “influenciador de guerra”³⁴. De acordo com o jornalista Bolívar Torres, essas pessoas são humoristas e blogueiros, que mostram sua rotina em meio a guerra. É claro que conteúdos como esse podem ter um retorno positivo, conscientizar as pessoas sobre um conflito, que há refugiados em fuga e violação de direitos humanos.

Porém, a outra face disso são os altos riscos desses conteúdos serem manipulados, recortados, reeditados para parecerem algo que não são, seja de forma intencional ou não. Vídeos, fotos, áudios, textos que se tornam combustível para a polarização e distribuição de fake news.

E existem também os blogueiros e influenciadores mais ativos e polarizados em conflitos como esses, que inclusive desenvolvem proximidade com líderes políticos, como é o caso do Vladlen Tatarsky. O influenciador pró-Putin, que morreu em uma explosão em São Petersburgo, ficou famoso por fazer publicações nas redes

³³ Ver mais em: RIVAS, Sílvia López. **O alívio (e a paz mental) de não ter de opinar sobre tudo**. Madrid: El País, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/smoda/2020-05-31/o-alivio-e-a-paz-mental-de-nao-ter-de-opinar-sobre-tudo.html>>. Acesso em: 31 out. 2023.

³⁴ Ver mais em: TORRES, Bolívar. **Tiktokers ucranianos inauguram era dos “influencers de guerra”**. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/tiktokers-ucranianos-inauguram-era-dos-influencers-de-guerra-25459781>>. Acesso em: 31 out. 2023.

com grande impacto defendendo a invasão na Ucrânia e inclusive participando de cerimônias no Kremlin³⁵.

As contradições vividas e geradas pelos influenciadores digitais também podem ser debatidas e entendidas como parte do problema de desinformação nas redes sociais. São atores que participam de um cenário informacional bastante caótico, mas não são os principais causadores.

Ao longo do capítulo, será aprofundado as camadas por trás do debate das fake news em torno da guerra russo-ucraniana, e como isso se repete em outros conflitos. E o mais importante nesse debate, é compreender que notícias falsas e desinformação é uma problemática multifacetada e com diversos sintomas. E o primeiro a ser analisado é que este é um fenômeno que cresce em meio a crise de consensos entre as pessoas.

2.1 A crise de consenso nas redes

Como já debatido pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2022), diversas sociedades ao redor do mundo dão sinais de que passam pela problemática da “desconfiança fundamental”. Uma crise da verdade, a “pós-verdade” (FERRARI, 2021), pode ser percebida quando os veículos de imprensa tradicionais e as autoridades oficiais são questionadas pelos veículos alternativos e radicalizados, influenciadores digitais irresponsáveis e grupos extremistas em tópicos já foram consenso.

Principalmente, nos últimos quatro anos, as redes sociais brasileiras foram inundadas por fake news e desinformação, que contribuíram para a radicalização e polarização de parcela considerável da população. Um acontecimento digital que intensificou um fenômeno social, o das bolhas sociais (FERRARI, 2021).

Nas redes, as bolhas sociais surgem quando o público é incentivado a receber e compartilhar conteúdo que corrobora com a sua visão de mundo e realidade, como explica Ferrari em sua obra *Como sair das bolhas*:

³⁵ Ver mais em: **QUEM é o blogueiro russo pró-guerra na Ucrânia morto em explosão em São Petersburgo.** BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1yzpnnzdqo>>. Acesso em: 31 out. 2023.

No entanto, a associação da facilidade de se gerar e disseminar informações nas plataformas digitais com o uso de filtros informacionais dissociado de pensamento crítico agravou dois fenômenos alienadores que têm comprometido o cenário comunicacional recentemente – fake news e pós-verdade. Elas geram “bolhas” de percepções equivocadas e perigosas que tendem a comprometer a saúde social (tanto individual quanto coletiva) e que só podem ser combatidas por meio da educação, do pensamento crítico e da ética (2021, p. 12).

Pesquisar desinformação e notícias falsas sem debater e explorar o conceito de bolhas sociais é um erro. E toda a análise sobre esses temas deve levar em conta que da forma que as redes sociais foram projetadas, para alinhar usuários por afinidades mas sem um pensamento crítico acerca desses processos, que acabou por gerar um efeito colateral de afastamento dos diferentes.

O usuário radicalizado provavelmente faz parte de uma bolha, independente do tema ou espectro político. Retornamos assim ao conceito da quebra da confiança fundamental, explorada por Han (2022), pois quanto mais distantes se tornam esses grupos maior é a dificuldade de se realizar o debate devido ao surgimento de percepções de mundo mais radicais.

É perceptível esse comportamento nocivo nas várias redes sociais. E engana-se quem pensa que os usuários inflamados se mantêm no anonimato e distanciamento proporcionado pelo digital. Em algumas situações expressões e atos violentos, motivados pela polarização política, tomam de assalto também a realidade.

Os ataques, de cunho golpista, aconteceram uma semana após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no dia oito de janeiro são um exemplo cabal deste fenômeno. Aquilo que se iniciou como uma hashtag se tornou um ato violento contra o local de maior importância política do país, a Praça dos Três Poderes.

A expressão “Festa da Selma” chegou a ser utilizada junto à hashtag #BrazilianSpring — Primavera Brasileira, em inglês. Reportagem da Pública revelou que a expressão foi lançada por Steve Bannon, ex-estrategista de Donald Trump, logo após a derrota de Bolsonaro nas eleições de 2022. O termo é uma apropriação dos movimentos em países árabes pró-democracia, e foi compartilhado por Bannon para levantar dúvidas falsas sobre o sistema eleitoral brasileiro (FONSECA, Bruno; SCOFIELD, Laura, 2023).

O oito de janeiro simboliza na prática os efeitos da desinformação em uma população propensa a radicalização ideológica. O Brasil não é um caso isolado, é claro, fake news e polarização são problemas sociais vividos pelo mundo todo. Mas, o recorte deste trabalho é focado em analisar e pensar esse fenômeno em território nacional, e como o atual conflito russo-ucraniano afeta as redes brasileiras.

No âmbito dos podcasts nacionais, um dos casos mais famosos de radicalização de produtores de conteúdo foi o de um dos membros fundadores e antigo apresentador do *Flow Podcast*³⁶ Bruno Aiubi, conhecido por “Monark”. Bruno afirmou, em um episódio ao vivo do programa em 2022, que o Brasil deveria ter um partido nazista para ser considerado um país com liberdade de expressão.

Além de realizar apologia ao nazismo, em suas redes sociais o apresentador havia previamente questionado se era crime ter opiniões racistas mas não as expor em público. Essa postagem fez o Flow perder o patrocínio da empresa *iFood*, que rompeu o contrato com o podcast³⁷. Este argumento, defendido por Monark, da “liberdade de expressão irrestrita” é percebido também nos discursos de diversos líderes e políticos autoritários do séc. XXI, segundo Byung-Chul Han em sua obra *Infocracia* (2022).

Neste cenário de caos informacional, “a liberdade de opinião se degrada, ao contrário, em farsa, caso perca a referência aos estados de fato e às verdades factuais” (HAN, 2022, p.86). Como bem pontua o teórico sul-coreano, a “crise da verdade é sempre uma crise da sociedade” (2022, p. 97). É necessário haver o mínimo de consenso para que as bases de um sistema democrático saudável sejam mantidas.

Mas, seria irresponsável culpar somente os influenciadores digitais, podcasters e personalidades extremistas como os culpados por gerar desinformação e polarização nas redes sociais. Esses personagens são meros sintomas de um problema maior que países como os Estados Unidos, Rússia, Ucrânia, Brasil, África do Sul, Espanha, Alemanha e tantos outros enfrentam.

Existem grupos políticos e econômicos que financiam a produção de *fake news* e desinformação ao redor do mundo:

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/@FlowPodcast/featured> Acesso em: 05/10/2023.

³⁷ Disponível em: <https://www.castnews.com.br/monark-do-flow-podcast-defende-partido-nazista-no-brasil/> Acesso em: 05/10/2023.

“A partir de 2013, várias agências e sites que veiculam notícias falsas começaram a surgir em diversos países, aproveitando a facilidade de se produzir conteúdo sem verificação, com baixo custo editorial, ou seja, sem investimentos em redações, equipes de verificação, editores e, ainda, abusando de *bots*, algoritmos (*softwares* de inteligência artificial)” (FERRARI, 2021, p.83; grifo do autor).

Como bem explica Ferrari (2021), a indústria das *fake news* possuiu seus próprios interesses e os métodos são os mais diversos. O ambiente das redes sociais hoje está infestado de grupos, páginas e sites que compactuam e permitem a veiculação de notícias falsas e teorias conspiratórias. Não é possível encontrar culpados individuais, pois existe uma lógica de mercado por trás deste fenômeno digital e social.

Após sua saída do Flow Podcast, Monark foi bastante atacado em suas redes sociais, e defendido por fãs e por personalidades que também compactuam de suas opiniões. O apresentador então criou o *Monark Talks* na plataforma *Rumble*, com um discurso - novamente - de defesa da liberdade de expressão irrestrita. O apresentador ainda acusou aqueles que o atacaram de censura.

Porém, o novo projeto não durou muito. Perfis nas redes engajados com o combate a desinformação, como o *Sleeping Giants Brasil*, realizaram campanhas para pressionar as plataformas sobre a propagação de fake news no conteúdo do novo programa de Bruno de plataformas, como o streaming de áudio *Spotify*³⁸. Além disso, Bruno “Monark” Aiubi foi multado pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes e alvo de um inquérito por propagar desinformação³⁹.

É possível perceber que nessas personalidades radicalizadas, quando são questionadas por sua “defesa da liberdade de expressão irrestrita” e de alguma forma são prejudicadas, seja financeiramente ou socialmente, elas não percebem as críticas como consequências de suas falas. O que faz parecer que “liberdade de expressão” é uma carta branca para que qualquer atrocidade possa ser dita sem que haja represálias por parte da sociedade civil ou poder público.

³⁸ Disponível em: <https://www.castnews.com.br/spotify-tira-do-ar-mais-de-150-episodios-do-monark-talks/> Acesso em: 05/10/2023.

³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/02/moraes-multa-influencer-monark-em-r-300-mil-e-abre-inquerito.ghtml> Acesso em: 05/10/2023.

Essa postura conspiracionista e extremista é uma forma de contornar a realidade. Dobrar os fatos ao seu bel prazer e se afastar da verdade factual. É possível correlacionar o impacto nocivo das fake news, na realidade brasileira, com o conceito de Narcose de Narciso (Basbaum, 2021).

O mito grego de Narciso conta a história de um herói, do território de Téspias, que era tão belo e vaidoso que apaixonou pelo próprio reflexo na água. Na história, Narciso morre de fome e sede devido a sua hipnose eterna causada pela sua autoadmiração.

Na visão de Basbaum (2021), o mito grego é uma ótima forma de pensarmos a efetividade das notícias falsas nas pessoas. Antes de nos aprofundarmos neste tópico é necessário revisar o conceito de “notícia falsa”.

De acordo com Ferrari:

“devemos reconhecer que as notícias falsas são, na verdade, uma variedade de desinformações que pode variar entre a correta utilização de dados manipulados, a utilização errada de dados verdadeiros, a incorreta utilização de dados falsos e outras combinações possíveis” (FERRARI, 2021, p.30).

Portanto, não necessariamente uma fake news é uma mentira. Desta forma, desinformação pode ser a distorção da informação, e não somente a mentira pura e simples. E pensar essas definições é essencial para compreender o poder de convencimento destas postagens nas redes.

Um exemplo prático disso seria uma postagem que alerta a moradores de uma comunidade no Rio de Janeiro sobre blitz em carros de civis sendo realizadas por facções criminosas na região. É verdade sim que existem facções criminosas perigosas na cidade carioca, e que em muitos casos elas são extremamente violentas com os moradores dessas comunidades.

E por isso, que uma postagem falsa como essa, que existiu e foi devidamente checada pelo veículo de notícias G1⁴⁰, possui tanto compartilhamento nas redes. Produtores de desinformação se utilizam de elementos do senso comum de uma realidade para que sua fake news seja crível pelos usuários da rede.

⁴⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/09/07/filmagens-em-favelas-do-rio-viram-municao-para-fake-news-atores-sao-alvo-de-discurso-de-odio.ghtml> Acesso em: 05/10/2023

E essa semelhança com a própria realidade do usuário, e em alguns casos que corrobora com a opinião pessoal, nos leva a perceber os elementos dessa Narcose de Narciso das redes sociais, em todos os âmbitos de uma sociedade (BASBUAM, 2021).

“o uso das mensagens pelo aplicativo whatsapp e a disseminação de informação pelas redes sociais teve um efeito tão devastador sobre a opinião pública em diversos acontecimentos políticos controversos, tais como o referendo do Brexit, no Reino Unido e a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos EUA, em 2016, bem como no trágico acidente de percurso histórico para a democracia brasileira que foi a eleição de Jair Bolsonaro à presidência, no Brasil, em 2018. Todos esses eventos podem ser corretamente interpretados à luz do conceito de Narcose de Narciso: num mundo globalizado cada vez mais complexo e de difícil de compreensão, os prazeres narcóticos e narcísicos de ver a si mesmo refletido na tela de seu aparelho midiático favorito tornou as pessoas extremamente vulneráveis a quaisquer notícias que confirmassem, na tela, a sua visão de mundo, fossem estas notícias verdadeiras ou falsas” (BASBAUM, 2021, p.3-4).

A fake news é atrativa principalmente para quem concorda com ela, por isso o trabalho de alguém que checa aquele fato é tão desafiador. Mais do que mostrar a mentira por trás daquilo, é necessário fazer com quem as vítimas da desinformação desacreditem destas postagens que parecem ser próximas da sua realidade de maneira ilusória.

Basbaum (2021), entende que essa experiência imersiva e hipnótica prejudicial à estabilidade social não é uma novidade, e é percebida em outros períodos da história. O autor explora em seu texto a tática do governo nazista de incentivo econômico para produção de rádios de baixo custo para que a população estivesse sintonizada com as propagandas pensadas pelo ministro Joseph Goebbels.

Desta forma, é possível compreender que se a desinformação é uma indústria, logo informação - e a maneira como ela é utilizada - se tornou uma forma de mercadoria.

De acordo com Han, atualmente vivemos em um “regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos” (2022,

p.7). O autor conclui que estamos em outra lógica socioeconômica, vivemos agora o “capitalismo da informação” (2022, p.7).

2.2 A desordem informacional

Quanto mais se estuda sobre o tema da desinformação na internet, mais é possível notar que jamais seria possível um mundo com acesso à redes sociais e fóruns que seria permeado por aspectos positivos. As contradições de uma sociedade não deixariam de existir pela possibilidade de nos comunicarmos mais rapidamente através de smartphones e computadores.

Ainda referenciando o ensaio de Han sobre o surgimento da infocracia (2022), reforço neste texto que na atualidade o excesso de informação se tornou um problema real para os sistemas democráticos. E a abundância de informação não verificada, não checada, não respaldada ajudou a criar o que podemos definir como desordem informacional (WARDLE, 2020).

Claire Wardle, pesquisadora, professora e uma das cofundadoras do site First Draft - projeto que foi descontinuado em 2022, mas que foi bastante importante para o estudo e combate de notícias falsas, se tornou referência em temas de pesquisa sobre informação e desinformação, e em 2020 afirmou que já vivíamos em uma desordem informacional.

O que pode se definir como desordem informacional? É o contexto geral que abarca - e facilita aos pesquisadores, jornalistas e checadores de informação - a estudarem o cenário das notícias falsas. Segundo Wardle (2020) é problemático somente chamarmos esse fenômeno por fake news, e a autora não recomenda o uso do mesmo, pois o termo não compreende o cenário por completo.

E como já explicado por Ferrari (2021), existem diversos tipos de fake news. E com auxílio da pesquisa de Wardle (2020) entendemos que pode haver três categorias principais da desordem informacional.

A primeira é a Desinformação (*Disinformation*): que são os conteúdos falsos produzidos intencionalmente para ferir alguém, um coletivo ou grupo, uma etnia, uma instituição ou país. E de acordo com Wardle (2020), são motivadas por três fatores: dinheiro, busca por influência política interna ou externa, ou pelo bel prazer de causar mal à algum alvo.

A segunda categoria é a *Misinformation*, que traduziremos como *informação errada*. A *misinformation* surge quando a desinformação é compartilhada por alguém que não sabe que aquilo é falso, e o usuário compartilha aquilo achando que é algo verdadeiro e útil para sua rede de contatos.

Como explica a autora:

“The sharing of misinformation is driven by socio-psychological factors. Online, people perform their identities. They want to feel connected to their “tribe,” whether that means members of the same political party, parents who don’t vaccinate their children, activists concerned about climate change, or those who belong to a certain religion, race or ethnic group” (Wardle, 2020).

A explicação da autora nos remete também às reflexões de Basbaum (2021) sobre o tema. Pode-se fazer correlações sobre os fatores psicossociais descritos por Wardle (2020) e a Narcose de Narciso descrita pelo autor ao pensar de que parte do impulso de compartilhar e acreditar em notícias falsas parte da nossa necessidade por ter nossas visões de mundo corroboradas, mesmo que elas sejam irreais.

E então chegamos à terceira e última categoria da desordem informacional, *Malinformation*, que é quando uma informação real é compartilhada ou vazada para causar algum tipo de mal. Aqui proponho traduzirmos o termo como *má informação*, pois ela não está errada mas foi divulgada de uma maneira estratégica para prejudicar terceiros.

A autora exemplifica esta terceira categoria ao relembrar os casos de vazamentos de e-mails do Partido Democrata durante as eleições de 2016 para prejudicar a imagem pública da candidata Hillary Clinton, feitos por hackers russos (Wardle, 2020).

A desordem informacional aparece no contexto político doméstico de diversos países, inclusive o Brasil. E através do que já foi descrito e será desenvolvido ao longo desta dissertação quero demonstrar que este fenômeno está muito presente na circulação de informações sobre guerras no cotidiano, e de que este cenário desordenado também é utilizado por grupos políticos e governos como armas.

A desinformação (*disinformation*), transformada em informação errada (*misinformation*) quando compartilhada pode de maneira indireta ocasionar mortes e prejudicar a vida de pessoas reais. Um dos exemplos mais brutais deste fenômeno foi

o caso da “Bruxa do Guarujá”⁴¹, ocasionada por uma notícia falsa publicada em páginas de Facebook em 3 de maio de 2014.

O linchamento de Fabiane Maria de Jesus aconteceu pelas mãos dos moradores do bairro de Morrinhos motivados por uma falsa denúncia de que uma “bruxa” estava à solta no litoral paulista sequestrando crianças para rituais de “magia negra”. Fabiane foi confundida com a suposta sequestradora ao oferecer uma fruta a uma criança no bairro.

Após a primeira acusação contra Fabiane, diversas pessoas se juntaram ao coro e decidiram começar a ameaçar e posteriormente agredir fisicamente a moradora do bairro. Fabiane estava sob o efeito de remédios para bipolaridade, doença da qual havia sido diagnosticada, e portanto não conseguiu se defender das acusações.

Aos 33 anos, ela foi espancada e morta pelos próprios vizinhos. Uma história triste e brutal que se iniciou com o compartilhamento de uma desinformação. Aquelas pessoas acreditavam que estavam fazendo justiça, quando na verdade foram enganadas e simplesmente destruíram a vida de uma família do mesmo bairro.

O caso foi um marco na época sobre os perigos de se acreditar em tudo que é publicado na internet. À época, o termo fake news nem era popular, mas a história já demonstrava para qual direcionamento sociedades como um todo estavam rumando com a popularização das redes sociais.

Checagem de fatos feitas por jornalistas e veículos responsáveis não é um simples trabalho, é uma necessidade para a atualidade. A qualidade da informação na era da infocracia (HAN, 2022) precisa ser vista como um bem público a ser defendido. Mesmo que o teórico sul-coreano Byung-Chul Han não acredite no trabalho dessas agências especializadas, ainda é um dos poucos métodos eficazes para conscientizar, ao menos, parte da população afetada pelas notícias falsas (FERRARI, 2021).

Para aprofundarmos esse debate nos alinhando ao recorte proposto nesta pesquisa convido o leitor a entender a complexidade histórica, cultural e militar por trás deste conflito. Para continuar a compreender e analisar os aspectos por trás da

⁴¹ Ver mais em: CARPANEZ, Juliana. **Veja o passo a passo da notícia falsa que acabou em tragédia em Guarujá**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 de set. de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/veja-o-passo-a-passo-da-noticia-falsa-que-acabou-em-tragedia-em-guaruja.shtml>>. Acesso em: 2 nov. 2023.

desinformação em meio a guerra russo-ucraniana, devemos dar um passo anterior, e nos debruçar sobre o próprio conflito em si.

2.3 Anatomia de uma guerra

A atual guerra russo-ucraniana é um conflito composto de muitas camadas a serem analisadas, é possível pensar o conflito pela ótica militar, geopolítica, econômica, sociológica, histórica e tecnológica (LEBELEM; VILLA, 2022).

Portanto, este trabalho não possui como objetivo final esgotar o tema, e sim abordá-lo pelo ponto de vista da cobertura midiática do conflito e do combate necessário a desinformação - e como este tópico está diretamente ligado a maneira como consumimos conteúdo e notícias através das redes sociais e seus algoritmos.

Mas, para que possamos discutir a esfera informacional e jornalística, é importante discorrer sobre os elementos políticos e militares da guerra russo-ucraniana. No âmbito geopolítico dessa discussão, existem alguns fatores que levam os especialistas a pontuar a razão de ocorrer uma guerra em uma proporção tão devastadora no Leste Europeu. De acordo com Lebelem e Villa (2022), A guerra russo-ucraniana é resultado de um duplo dilema de segurança⁴² sincrônico, em que tanto a Rússia quanto a Ucrânia se sentem ameaçadas pela outra parte.

Este clima hostil entre os dois países possui fundamentos tanto no contexto político atual, quanto na história das duas nações (LOUREIRO, 2022b). Mas, não se pode resumir o estopim da guerra a somente as ações de Rússia e Ucrânia, pois outros estados soberanos e organizações internacionais se tornaram elemento que geraram a escalada de tensões até o momento do conflito.

A expansão da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) – liderada principalmente pelos Estados Unidos (EUA) - sobre as fronteiras russas e o interesse da Ucrânia em participar da União Europeia são vistos por alguns pesquisadores como fatores que contribuiu para o deflagrar do conflito. Além do estado russo, as

⁴² Idealizado por John Herz, o dilema de segurança se refere ao fenômeno que ocorre quando um “Estado A” aumenta suas capacidades militares tendo em vista sua própria sobrevivência. E isso gera uma desconfiança de um “Estado B”, que decide então realizar o mesmo processo para sua autopreservação. Criando assim um ciclo de insegurança internacional. Ver mais em: <https://relacoesexteriores.com.br/glossario/dilema-de-seguranca/> Acesso em: 22 de jul. de 2023

elites russas também se mostrariam preocupadas com essas movimentações geopolíticas.

De acordo Lebelem e Villa:

“Complementarmente, na mesma perspectiva de avanço e expansão, a elite russa poderia estar enxergando um expansionismo híbrido reforçado pelo expansionismo *soft* utilizado pela União Europeia. Considerando que muitos dos países que formam parte da União Europeia são da Europa do Leste, esse fato gera também temores na Rússia de que o expansionismo não seja só de natureza territorial e militar. Para a diligência russa, a possibilidade do ingresso da Ucrânia na União Europeia não é um acontecimento neutro ou motivado só por razões de ampliação do mercado econômico para a Ucrânia. Em 2014, por exemplo, os EUA apoiaram a derrubada do então governo de Kiev, que estava sob pressão russa para não assinar um acordo comercial e político com a União Europeia. Provavelmente, procurando uma compensação a esse fato, a reação russa foi agir para anexar a província da Crimeia naquele mesmo ano. Dessa forma, a elite russa interpretou que o ingresso da Ucrânia na União Europeia poderia minar as demandas históricas da Rússia sobre a Crimeia, região de forte minoria russa-eslava” (2022, p. 120, grifo dos autores).

De acordo com os autores, este cenário geopolítico gerou um dilema de segurança sincronizado entre os vizinhos Rússia e Ucrânia, seja de forma premeditada ou não, se instaurou um cenário de insegurança entre os dois estados. Um exemplo disso são as forças militares de ambos os países, que já estavam sendo movimentadas em constantes demonstrações de força entre Kiev e Moscou.

Do outro lado, pesquisadores como Freire (NUPRI 2022) acreditam numa política racional e planejada do Kremlin, sob a direção do líder Vladimir Putin, gerando assim um dilema de segurança sincrônico em que ambos os lados se ameaçam inicialmente e em que, à diferença do tradicional, um Estado B reage ao movimento de ameaça militar iniciado pelo Estado A, de maneira reativa. De fato, ao longo do ano de 2021 e início de 2022, a Rússia foi alocando forças militares de mais de 100.000 soldados na fronteira com a Ucrânia – incluídos 21.000 soldados de reforços aéreo e marítimo, assim como equipamentos militares – mísseis táticos operativos e forte atividade de inteligência (CNN Español 2022) (LEBELEM; VILLA, 2022, p. 120)

Além dos países em guerra, da OTAN e da União Europeia é preciso citar a importância de outro personagem que monta o quebra cabeça do conflito, a China. Segundo Lebelem e Villa (2022):

“Coincidência ou não, a invasão russa à Ucrânia aconteceu vinte dias após a publicação de um comunicado conjunto entre Rússia e China, na qual ambas estabeleceram, de maneira bilateral, grandes linhas de uma nova ordem internacional multipolar, assim como estabelecem grandes alinhamentos para a segurança internacional e chamam a atenção para os desafios para sua segurança, especialmente ao que chamam de ‘forças externas’” (LEBELEM; VILLA, 2022, p. 131)

A potência asiática se mostra alinhada a Putin quando demonstra a preocupação com essas “forças externas”. Mesmo que não agindo de maneira direta no conflito, declarações conjuntas e acordos bilaterais simbolizam uma forte relação entre os dois países. Pois, os dois estados desejam manter sua influência nas regiões próximas às suas fronteiras.

Sem muito esforço interpretativo, Rússia e China estão se referindo às pressões dos Estados Unidos e da mesma União Europeia sobre o Leste europeu e a região báltica, além de parte do Oriente Médio, no lado russo, e ao Leste asiático e parte do Sul da Ásia, especialmente em Taiwan, na parte chinesa (LEBELEM; VILLA, 2022, p. 131).

Houve até mesmo um comparativo por parte da imprensa ao relacionar o caso Rússia e Ucrânia com a conflituosa relação entre China e Taiwan. A relação entre os países asiáticos possui suas próprias peculiaridades - o que não é o foco deste trabalho - mas da mesma forma como ocorre no conflito no Leste Europeu levanta debate entre os analistas civis⁴³ e militares⁴⁴ sobre um risco de mais um novo conflito.

Agora para tratar dos momentos iniciais da guerra, recorro ao coronel da reserva do Exército Brasileiro Paulo Roberto da Silva Gomes Filho. Em seu texto “Os

⁴³ Existem diversas linhas de pensamento e análise acerca do conflito entre a China e Taiwan, o que se sabe é uma possível invasão chinesa envolveria muitos outros países, como o próprio Estados Unidos. O que transformaria uma rusga regional em um conflito de escala global. Ver mais em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/08/china-nao-vai-agredir-taiwan-dizem-estudiosos-da-geopolitica-da-regiao> Acesso em: 22 de jul. de 2023.

⁴⁴ A escala da tensão entre os vizinhos asiáticos já levou até mesmo integrantes do mais alto nível das forças armadas a afirmarem que a China já se prepara para uma invasão de Taiwan. Ver mais em: <https://www.poder360.com.br/internacional/china-pode-invadir-taiwan-antes-de-2024-diz-marinha-dos-eua/> Acesso em: 22 de jul. de 2023.

primeiros estágios da guerra: as operações militares russas na Ucrânia” faz uma análise sobre os primeiros movimentos, de ambos os países, desde antes da invasão russa ao território ucraniano.

No dia 24 de fevereiro de 2022, aconteceu aquilo que estava previsto pelos serviços de inteligência ocidentais com a antecedência de semanas, mas que a maior parte das pessoas – aí se incluindo boa parte das lideranças políticas europeias – se recusava a acreditar: o Exército russo invadiu o território da Ucrânia, uma nação soberana, com suas fronteiras internacionais reconhecidas por toda a comunidade internacional, inclusive pelos invasores (GOMES FILHO, 2022, p. 125).

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, teria organizado todo um plano para que o conflito não durasse mais que uma semana, pelo menos essa era a expectativa do Kremlin. “Quando a invasão começou, a expectativa era de que a campanha fosse rápida, e a ação militar russa fosse decisiva e fulminante. Serviços de inteligência e analistas civis e militares especulavam que Kiev cairia em 96 horas” (GOMES FILHO, 2022, p. 125).

A ofensiva russa havia sido arquitetada para superar os ucranianos em número e em quantidades de frentes de batalha. Mesmo que a área inicial em disputa fosse a região fronteira entre os dois países, com foco no Donbass, Putin e seu alto escalão militar desenharam um conflito que engolfaria as forças militares ucranianas de diversas direções.

De acordo com o coronel:

“Os planos para a invasão russa não poderiam fugir muito das possibilidades levantadas antes do conflito pelos estrategistas ocidentais. E não fugiram. Como exemplo, no dia 13 de janeiro de 2022, Seth Jones, do Center for Strategic and International Studies (Csis) [...] publicou um artigo que se mostraria bastante preciso, prevendo as possibilidades da invasão russa. Segundo Jones, a ofensiva russa deveria acontecer a partir de quatro direções de ataque. *Uma vinda do Norte, tendo Kiev, a capital, como objetivo; outra vinda do Nordeste, cujo objetivo seria Kharkiv; uma do Leste, para a conquista da região do Donbass; e uma do Sul, a partir da Crimeia, para a conquista das províncias de Kherson e Zaporizhia*” (GOMES FILHO, 2022, p. 127, grifo nosso).

A invasão foi premeditada, o governo e os militares russos agiram de forma coordenada. Desde o final de 2021, já era possível perceber claramente um

movimento do governo russo para intimidar a vizinha Ucrânia, de maneira muito mais intensa. Pois, desde o Euromaidan e Anexação da Crimeia e Sevastopol, as hostilidades já estavam definidas, mas a escalada das tensões havia sido deflagrada.

Em novembro de 2021, a inteligência ucraniana estimava em 90 mil soldados o efetivo russo em suas fronteiras. A partir de janeiro de 2022, os russos foram retirando paulatinamente seu pessoal diplomático em Kiev, sem, no entanto, explicar as razões pelas quais estava fazendo isso (GOMES FILHO, 2022, p. 127).

É necessário também contextualizar que para os planos de Putin tomarem forma foi necessário o apoio de aliados a sua causa, como é o caso do presidente de Belarus, Aleksandr Lukashenko. Belarus, além de declarar apoio claro ao Kremlin, Lukashenko forneceu auxílio logístico às tropas de Putin.

No final de janeiro, unidades militares importantes do Exército russo foram enviadas a Belarus, sob a justificativa de participar de exercícios militares. Ao mesmo tempo, as autoridades militares russas anunciaram o início de exercícios navais de todas as suas frotas ao mesmo tempo – no Mediterrâneo, no Atlântico, no mar do Norte e no Pacífico (GOMES FILHO, 2022, p. 127).

Porém, como já debatido por Loureiro (2022a), iniciar uma guerra não é um processo simples e requer apoio de pelo menos parte da opinião pública de um país. E entre as táticas de Vladimir Putin para tal, estava a ideia de criar um *casus belli*⁴⁵ que trouxesse o apoio do povo russo.

Especulava-se que a Rússia estava à procura de um motivo para desencadear o ataque, um *casus belli*. Tal razão poderia ser motivada por um ataque forjado a algum alvo russo [...] algo conhecido como “ataque de falsa bandeira” (GOMES FILHO, 2022, p.128, grifo do autor)

Mas é preciso deixar claro que toda população de um Estado é sempre bastante diversa em suas opiniões políticas e morais. Mesmo que Putin formulasse um *casus belli* convincente nem todo o povo russo o apoiaria. Porém, quais as raízes do pensamento que levaram uma parcela razoável da população russa a apoiar seu presidente com aspirações autoritárias?

⁴⁵ *Casus belli* é uma expressão em latim para qualquer incidente capaz de provocar uma declaração de guerra.

Algumas das possíveis respostas moram nas entranhas das culturas de ambos os países, tanto Rússia quanto Ucrânia. Este não é um conflito que somente vive no presente, ele é um episódio atualizado de uma série de conflitos que remontam a Idade Média. E torna-se necessário durante o texto refletir sobre o fator histórico que serve de combustível para o lançamento de foguetes nas frentes de batalha e a motivação para criar a logística de desinformação presente nas redes sociais hoje.

2.4 Breve história da relação conflituosa entre Rússia e Ucrânia

O atual conflito russo-ucraniano, iniciado no dia 24 de fevereiro de 2022, é mais um episódio da longa e difícil relação entre ucranianos e russos. A invasão cometida pelo governo de Vladimir Putin ganhou o noticiário do mundo. Uma tensão que foi construída por meses entre os dois países chegava ao seu clímax quando os primeiros relatos e vídeos de ataques e bombardeios em território ucraniano começaram.

Os veículos tradicionais e independentes mudaram da noite para o dia o seu foco para o leste europeu, até mesmos perfis de fofoca nas redes sociais começaram a cobrir o conflito⁴⁶. O presidente russo preferiu não utilizar o termo “guerra” e sim “operação militar especial” e ainda afirmou que a justificativa de estar realizando essa investida seria para a “desnazificação e desmilitarização” da Ucrânia⁴⁷.

A Ucrânia, sob o comando do presidente de Volodymyr Zelensky, segue resistindo a ampla invasão realizada pelo exército russo com o apoio do governo bielorrusso. Mas o que levou Vladimir Putin ordenar sua operação militar especial? Essa não é uma resposta tão simples, pois ela necessita um olhar atento à relação histórica entre essas duas nações, e como ambas se vêem na atualidade.

Como explicam a jornalista Cristiane Lebelem e o professor do Instituto de Relações Internacionais da USP (IRI-USP) Rafael Duarte Villa:

“A verdade é que as implicações históricas e a natureza conflitiva dos povos eslavos são tantas, que se torna quase impossível atribuir a origem do conflito atual entre a Rússia e a Ucrânia a um só fator” (LEBELEM; VILLA, 2022, p. 113).

⁴⁶ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/26/choquei-o-perfil-de-fofoca-que-passou-a-cobrir-a-guerra-da-ucrania.htm>

⁴⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/02/14/em-24-de-fevereiro-de-2022-a-russia-de-vladimir-putin-invade-a-ucrania.htm>

De acordo com o historiador Felipe Loureiro – que organizou o livro *Linha Vermelha: a Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI* que analisa a história e a atualidade da Ucrânia através da ótica da invasão russa, uma das razões, do contexto atual, para a invasão é a manutenção por parte dos russos da “chamada nação pan-russa – que inclui, para além da própria Rússia, as atuais Belarus e Ucrânia – dentro da esfera de influência de Moscou” (2022, p. 26-27). E na prática, a perda da influência moscovita sobre Kiev seria representada, principalmente, pela entrada da Ucrânia na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) (LOUREIRO, 2022).

A entrada na aliança militar significaria uma provocação aos russos, o próprio Putin já se referiu a Otan, criada para unir Washington à Europa Ocidental durante a Guerra Fria (1945-1991), como “império de mentiras” (LOUREIRO, 2022). Mas, somente a aproximação entre Zelensky e a Otan não resume com precisão a profundidade do conflito, a questão histórica é também parte central desta guerra.

O discurso histórico se transformou em arma ideológica, por ambos os lados do conflito, e do lado russo ele foi utilizado para embasar o que se tornaria uma invasão:

três dias antes de ordenar uma ‘operação militar especial’ contra Kiev, o presidente Vladimir Putin fez um longo discurso em cadeia nacional rememorando as razões pelas quais o Estado ucraniano teria sido uma artificialidade criada pelos bolcheviques após a Revolução Russa de 1917. Um ano antes, em julho de 2021, Putin publicara artigo explorando o mesmo argumento. A alegação do presidente russo é a de que o território e a sociedade da Ucrânia de hoje têm profundos vínculos históricos com a Rússia, constituindo parte intrínseca do Estado Russo (LOUREIRO, 2022, p. 47).

A fala de Vladimir Putin, uma provocação clara à integridade e soberania do território ucraniano, busca suas justificativas no longo passado de ambos os países. E “discursos sobre o passado têm um papel primordial para estruturar um dos pilares de qualquer guerra: a moral dos soldados em combate e a legitimação do conflito pela sociedade” (LOUREIRO, 2022, p. 48).

Os “profundos vínculos históricos”, lembrados por Putin, remontam até a primeira entidade política organizada, considerada o berço dessas três sociedades -

Belarus, Ucrânia e Rússia, o Principado dos Rus' Kievanos, fundado ao final do século X. De origem escandinava, o clã dos Rus' dominou a região que hoje compreende parte dos três países envolvidos no conflito, e a capital ucraniana era o centro político deste principado⁴⁸.

Muito antes da existência de Moscou, fundada somente no século XII, o Rus' de Kiev se tornaria uma sociedade cristã ortodoxa ao se aliar a Constantinopla, capital do Império Bizantino, no ano de 988. Porém, os séculos seguintes transferiram a estrutura do poder do clã para outras regiões, inclusive para o território que conhecemos como Moscou. E a futura aliança entre moscovitas e os invasores do Império Mongol fez com que esse novo centro de poder tomasse controle da agora enfraquecida Kiev, em nome dos invasores (LOUREIRO, 2022).

Essa mudança na balança de poder se tornaria mais latente no século XV com a completa independência de Moscou dos Mongóis. Agora o grão-príncipe de Moscou, usando o título de czar (imperador) após 1476, se aproveitaria do fim do Império Bizantino (1453) para tornar Moscou no novo centro religioso da Igreja Ortodoxa. De acordo com Loureiro (2022), a partir do fortalecimento do novo Czarado da Moscúvia, no século XVII Moscou se volta para o território ucraniano iniciando um processo de expansão e dominação.

Mas o território ucraniano também foi desejado e dominado por mais outras duas entidades políticas, a Comunidade Polaco-Lituana (a união entre o Grão-Ducado da Lituânia e o Reinado da Polônia) e os turcos, representados pelo povo tártaro, que controlavam mais ao sul a região da Crimeia. Com o objetivo de manter seu poder sobre a Ucrânia contra os turcos, os poloneses deram poder aos guerreiros locais da região, chamados de cossacos, que com crescimento de sua influência decidiram se tornam independentes da Comunidade Polaco-Lituana:

Na década de 1640, os cossacos se revoltaram contra Varsóvia, liderados por um oficial chamado Bohdan Khmelnytsky [...] os cossacos se sagrariam vitoriosos no conflito, formando uma entidade política independente do Reino da Polônia, denominada Hetmanato Cossaco – hetman era o título do mais alto líder militar cossaco. O Hetmanato correspondia a aproximadamente um terço do território ucraniano atual, concentrado nas áreas Central e Sudoeste do país [...] o restante da Ucrânia continuaria nas mãos da Polônia (Oeste) e

⁴⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234>

dos tártaros (Sul e Crimeia). Nacionalistas ucranianos no século XIX enxergariam no Hetmanato cossaco não apenas a segunda entidade política livre da história da Ucrânia – após o Principado Kievano -, mas o verdadeiro berço da Ucrânia moderna (LOUREIRO, 2022, p. 50).

Além do Principado Kievano e a fundação do Hetmanato cossaco, é importante, para os fins desta pesquisa, abordar aqui mais três acontecimentos fundamentais para formação do imaginário russo e ucraniano: o Tratado de Pereslávia (1654), a unificação das repúblicas ucranianas soviéticas (1919) e a independência da atual Ucrânia (1991).

Os cossacos, agora independentes, buscaram o Czarado da Moscóvia para formar uma aliança. Ambos eram rivais da Polônia e compartilhavam a mesma religião, o cristianismo ortodoxo. O símbolo dessa união foi o Tratado de Pereslávia, assinado na cidade de mesmo nome. Mas, o tratado se mostrou uma armadilha para o Hetmanato pois para

os russos, Pereslávia e o ano de 1654 constituem símbolos do início de uma “reunificação” da “Grande Rússia” (Rússia de hoje) com a “Pequena Rússia” (Ucrânia), enquanto os ucranianos enxergam esses eventos, ao contrário, como uma traição de Moscou ao que havia sido negociado [...] Aliás, o longo reinado de Catarina II no final do século XVIII seria fundamental para a incorporação da Ucrânia à Rússia. Não só Catarina reduziu a pó o pouco de autonomia que o Hetmanato Cossaco ainda possuía, como também se notabilizou por conquistar vários outros territórios da atual Ucrânia. (LOUREIRO, 2022, p. 52)

No decorrer do desenvolvimento do Império Russo, boa parte da Ucrânia foi controlada pelo czar e alguns trechos do país ainda estavam sob o comando do Império Austro-húngaro. Do lado russo, a língua ucraniana seria proibida e o nacionalismo ucraniano caçado. Porém no lado da fronteira austríaca, os ucranianos ainda poderiam falar e aprender sua língua e até mesmo divulgar materiais de cunho independentista (LOUREIRO, 2022).

Desta forma, no “início do século XX, portanto, tinha-se fortalecido um conjunto de movimentos nacionalistas ucranianos em ambos os lados da fronteira entre Viena e São Petersburgo” (LOUREIRO, 2022, p. 54). E após a Revolução Russa de 1917, a Ucrânia finalmente se tornaria independente.

A Ucrânia soviética tornar-se-ia uma das quatro repúblicas signatárias da declaração que criaria a União Soviética em dezembro de 1922, junto com a própria Rússia, a Belarus e a República Soviética da Transcaucásia – esta última congregando Armênia, Azerbaijão e Geórgia, tendo sido dissolvida em 1936... (LOUREIRO, 2022, p. 55)

Porém, durante o domínio soviético, se iniciou uma relação contraditória entre dar mais autonomia e poder político para a República Soviética da Ucrânia, como foi previsto por Lênin e manter o restante do império Czarista sobre o comando centralizado de Moscou, como Stálin propunha. Quando assumiu a União Soviética, Stálin decidiu iniciar um processo de “russificação” (LOUREIRO, 2022, p. 57) no território ucraniano, para exercer controle político e cultural sobre o país vizinho.

Essa política causaria um efeito bastante negativo para Moscou, pois faria crescer movimentos nacionalistas ucranianos. E durante a Segunda Guerra Mundial, lideranças desses movimentos colaboraram com os nazistas em busca de apoio contra a URSS, o caso mais famoso desse fenômeno talvez seja o de Stepan Bandera⁴⁹. Bandera é lembrado até hoje por movimentos radicais de extrema-direita, e por parte considerável da população, como um herói nacional e mártir ucraniano. A complicada relação entre a Rússia e a Ucrânia Soviética teria ainda muitos outros atritos, como é o caso da Crimeia, dada ao país por Nikita Khrushchev, em 1954⁵⁰.

Após o fim da União Soviética, em 1991, a Crimeia continuaria na posse dos ucranianos. E por si só a independência ucraniana seria tida por muitos russos, inclusive Vladimir Putin - um crítico ferrenho do acordo inicial da união federativa das repúblicas soviéticas (baseado em igualdade e independência), como um erro:

“em seu famoso texto de julho de 2021 intitulado ‘Sobre a histórica unidade entre russos e ucranianos’, esses princípios teriam significado a ‘a mais perigosa bomba-relógio plantada nas bases do nosso Estado’ – bomba essa que, para Putin, explodiria em 1991, com a própria dissolução da União Soviética” (LOUREIRO, 2022a, p. 56).

O que se seguiria nas duas próximas décadas seria um embate político, ideológico e cultural dentro da própria Ucrânia. A política seria guiada por pautas favoráveis ou contrárias à influência russa em Kiev. Temas como adesão a Otan e a

⁴⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60646562>

⁵⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60570951>

União Europeia virariam assuntos tão delicados que se tornariam o estopim de eventos como a *Euromaidan* (2013 - 2014), a Anexação da Crimeia (2014), o surgimento de grupos separatistas no país e a atual Guerra da Ucrânia (2022).

É necessário também citar, para que o leitor possua um maior contexto da geopolítica do leste europeu, que as tensões que ocorrem entre Rússia e Ucrânia durante os mandatos de Vladimir Putin não são exclusividade de ambos os países. É parte do modus operandi autoritário do presidente de conquistar seus vizinhos eslavos para impor sua ideia de nação pan-russa (LOUREIRO, 2022a).

Outros dois países que sofrem com a ira de Putin foram a Chechênia (1999) e a Geórgia (2008)⁵¹. A Segunda Guerra da Chechênia, ocorrida em 1999, foi marcada por uma brutalidade extrema e foi o marco inicial da ascensão política de Putin, que acabara de se tornar presidente após a renúncia de Boris Yeltsin do cargo.

A guerra se estendeu até 2009 oficialmente, mas a região já havia sido anexada à Federação Russa em 2003 com a completa aniquilação dos grupos rebeldes que reivindicavam a independência da Chechênia. Em 2008, a Geórgia foi o palco do novo conflito. Putin estava desgostoso devido a influência dos Estados Unidos (EUA) sob o pequeno país vizinho.

Para então frear a situação Putin apoiou rebeldes separatistas que atuam nos territórios da Abcásia e da Ossétia do Sul. Houve então uma guerra, que se encerrou em agosto de 2008, mas que se tornou também emblemática devido à barbárie durante o curto conflito.

2.5 Fake News nas Redes Sociais, a linha acessória da guerra

A invasão russa à Ucrânia gerou, nas redes sociais, diversos fenômenos tanto de ordem logística, econômica e tecnológica quanto de ordem social. A guerra russo-ucraniana possui demonstrar esse impacto ao mostrar suas semelhanças com a Guerra do Golfo (1991), que também se tornou um marco de cobertura midiática de conflitos (Peron, 2022).

⁵¹ Ver mais em: CUETO, José Carlos. **Guerra na Ucrânia: como terminaram outras ações militares ordenadas por Putin**. BBC News Brasil, 7 de mar. de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60645319>>. Acesso em: 2 nov. 2023.

A atual guerra, que já dura mais de anos completos, produziu: debates, discussões, produção de desinformação e conflitos ideológicos intensos nas redes sociais. TikTok, Facebook, X (antigo Twitter), Telegram, WhatsApp e Youtube se tornaram palcos deste conflito. Se durante a Guerra do Golfo a cobertura do ocorrido era televisionada ao vivo e isto gerou uma grande revolução midiática, a Guerra na Ucrânia alcançou um novo patamar de complexidade (Peron, 2022).

Segundo o pesquisador Alcides Eduardo dos Reis Peron (2022), guerra informacional não é algo do presente, é uma tática antiquíssima de se vencer um conflito. Porém, é essencial para que pesquisadores e comunicadores em geral entendam as particularidades da guerra de informação e desinformação que ocorre hoje nas redes sociais devido a este conflito. E as observações de Peron também podem ser notadas em outros casos mais recentes como a luta intensa no território palestino, entre Israel e Hamas.

Ao longo deste trabalho, um dos objetivos era demonstrar que desinformação e fake news não são produzidas somente por um dos lados de uma guerra. Mesmo que a Ucrânia tenha sido a vítima de uma invasão, ao longo da cobertura do conflito tornava-se cada vez mais claro que não só a Rússia de Putin se utilizava de métodos de polarização da população, controle informacional e produção de propaganda e notícias falsas. A mentira, em uma guerra, é uma arma como qualquer outra e será utilizada contra o inimigo.

Peron (2022) explora essas complexidades em seu ensaio, ao demonstrar exemplos entre os países aliados da utilização da cobertura midiática e da produção de peças de propaganda como uma forma de ganhar um conflito.

Na verdade, a atuação midiática como uma fusão entre jornalismo e entretenimento já é uma prática que data, pelo menos, desde a Segunda Guerra Mundial, com o envolvimento da empresa Walt Disney em conteúdos sobre a guerra; a produção de eventos e shows em campos de batalhas (para animar a moral dos combatentes); e o emprego de cineastas famosos para capturar imagens do conflito – vide o documentário da Netflix “Five Came Back”, que narra o modo como o Pentágono remunerou John Ford, Frank Capra, dentre outros (PERON, 2022).

Através das reflexões do ensaio de Peron, é possível notar o *modus operandi* de diferentes governos em períodos distintos da história convergirem, quando o

assunto é obter controle da narrativa que orienta a opinião pública. Inclusive Estados Unidos e Rússia, países supostamente opostos, são exemplos claros deste tipo de controle informacional por parte de Estados.

Nos meses anteriores à invasão russa, apelidada pelo governo de Vladimir Putin como “Operação Militar Especial”, o líder autocrático afirmava em discursos e textos que a Ucrânia era comandada por um governo de inclinação nazifascista. E que seria necessário um processo de “desnazificação e desmilitarização” intenso no país vizinho, para proteger a parcela russa da população ucraniana.

Quase 19 anos antes, do início do novo episódio da crise diplomática entre Rússia e Ucrânia ao final de 2021, os EUA utilizaram de uma tática semelhante contra o Iraque. Após alegar para o mundo que o governo de Saddam Hussein possuía “armas de destruição em massa”, o exército americano desembarcou em território iraquiano causando um conflito que matou mais de 500 mil pessoas, segundo estimativas.

Como explica Matthias von Hein (2018) em seu artigo para a Deutsche Welle:

“a justificativa por trás da incursão armada foi baseada em mentiras. Há ainda uma segunda imagem da guerra do Iraque que faz parte da memória coletiva: a do secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, durante seu discurso perante o Conselho de Segurança da ONU no dia 5 de fevereiro de 2003” (HEIN, 2018).

Anos antes de se popularizar o termo “fake news”, George W. Bush já a utilizava como arma de guerra. Segundo Hein (2018), o governo Bush desejava a guerra mesmo antes do período da “Guerra ao Terror”, que se seguiu após o atentado do 11 de Setembro de 2001. Bush desejava derrubar Saddam, e para justificar tais atos baseou seu *Casus belli* na teoria de que Saddam possuía armas de destruição em massa, e foi seu secretário Colin Powell que defendeu esta tese para a ONU e todo o restante do mundo.

A apresentação tinha seu ponto alto em uma afirmação baseada em ilustrações detalhadas: para escapar dos controles extremamente rigorosos dos inspetores de armas da ONU, o Iraque teria transformado uma frota de caminhões em laboratórios móveis de produção de armas químicas e biológicas. O discurso de Powell permanece na memória sobretudo por uma razão: todas as afirmações eram erradas. O próprio Powell classificou em 2005 este seu discurso como uma mácula em sua carreira (HEIN, 2018).

O controle da narrativa e das informações é algo desejável a todo líder político, principalmente aos mais autoritários e belicistas. O processo de plantar mentiras e criar distorções da realidade se aprimorou muito desde o ocorrido no Iraque. Para Peron, as redes sociais já podem ser consideradas como uma linha acessória da comunicação útil à guerra. E ele continua dizendo que:

“O controle informacional em um conflito se torna uma tática central para os modelos de guerra contemporâneos, principalmente por sua capacidade de estímulo da opinião pública, dos combatentes e aliados, mas também para agir sobre a moral inimiga e produzir descrédito, o que coloca em xeque a capacidade dos países em produzir mobilização interna para o conflito. No caso estadunidense, e de países da OTAN, essa estratégia não se dá através de uma centralização, censura e manipulação direta das informações pelos aparelhos de Estado – como no caso do controle informacional russo nos últimos conflitos –, mas a partir de uma intrincada rede de relacionamentos e articulações entre empresas de jornalismo, e que agora contam com uma nova linha acessória, as redes sociais” (PERON, 2022).

Desta forma, é possível atestar que o controle de informações é um elemento definitivo de qualquer forma de guerra, desde antes da internet e principalmente após a popularização da web. E entende-se este “controle” como múltiplo, desde a omissão de informações importantes à sociedade até a utilização de desinformação.

Desde Gilles Lipovetsky à Byung-Chul Han, diversos autores esclarecem que, diferente de uma estética de desaparecimento e de omissão de informações que caracterizou a era televisiva (inclusive nas coberturas de guerras), as redes sociais e o hiper-compartilhamento de dados produzem um fenômeno de desinformação a partir do excesso de informações não verificadas, produzidas por uma miríade de sujeitos. Como aponta Lee McIntyre, o caráter dinâmico da internet e das redes sociais leva a uma confusão entre notícia e opinião, elevando uma posição pouco fundamentada ao status de “verdade”. A problemática relativa a isso é a de que não são geradas apenas opiniões, mas aquilo que Claire Wardle e Hossein Derakhshan tipologizam como desordem informacional: informações incorretas (com falsas conexões e conteúdo ilusório), más-informações (vazamentos, assédios, discursos de ódio), e fundamentalmente desinformação (conteúdo deliberadamente produzido, falso, manipulado e fabricado) (PERON, 2022).

Entre as referências de Peron então autores já citados neste trabalho, como Han (2022) e Wardle (2020). Através de Han, refletimos sobre a problemática da

informação em excesso: algo aditivo e que se torna destrutivo devido à insalubre quantidade de postagens, dados e informações publicadas todos os dias nas redes sociais. E em Wardle, entendemos de maneira concisa as diferentes formas de desinformação e seus impactos nocivos na percepção da realidade das pessoas, ou melhor, dos usuários destas redes.

O ritmo acelerado das redes e o excesso de informações produzidas, sem qualquer tipo de checagem ou filtro, são elementos cruciais para se compreender o impacto que a guerra russo-ucraniana causou nas principais redes sociais do mundo. E portanto, considero vital trazer alguns exemplos da cobertura jornalística que trazem à tona parte deste fenômeno informacional.

Dou destaque para a cobertura feita pelo *Núcleo Jornalismo*⁵², veículo independente que cobre redes sociais, política, tecnologia e ciência. Entre algumas dos fatos noticiados que demonstra esse impacto informacional do conflito estão fatos como: a guerra na Ucrânia gerando instabilidade em uma das principais redes do mundo, o Telegram⁵³; A utilização do Twitter oficial do governo ucraniano para propaganda política contra a Rússia⁵⁴, dando um tom de distopia ao conflito; O bloqueio russo ao Instagram⁵⁵; E como se tornou lucrativo para influencers cobriram a guerra na Ucrânia mesmo sem qualquer tipo de preparo ou conhecimento sobre o assunto⁵⁶.

Este último tópico citado retorna ao artigo, já mencionado no início deste capítulo, produzido pela jornalista Silvia López Rivas ao jornal espanhol El País. Na atualidade, usuários - sejam eles influenciadores ou não – buscam os holofotes por abordar o assunto do momento, o que é a “*trend*” (tendência) do dia. E nesta lógica das redes, a guerra também se torna uma “*trend*”.

É impossível não reverenciar mais uma vez Han (2022) e seu conceito da Infocracia. Na infocracia o usuário busca o like, o influenciador deseja incessantemente o engajamento. Não importa se a sua postagem é uma análise

⁵² Disponível em: <https://nucleo.jor.br>

⁵³ Disponível em: <https://nucleo.jor.br/curtas/2022-02-24-guerra-ucrania-sobrecarga-telegram/>

⁵⁴ Disponível em: <https://nucleo.jor.br/garimpo/twitter-da-ucrania-distopia/>

⁵⁵ Disponível em: <https://nucleo.jor.br/curtas/2022-03-14-russia-bloqueia-instagram/>

⁵⁶ Ver mais em: MARTINS, Laís. **No Twitter e no Instagram, cobrir guerra em tempo real vira moeda de engajamento**. Núcleo Jornalismo. 2022. Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/linhafina/2022-02-25-twitter-instagram-guerra-moeda-engajamento/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

completamente despreparada sobre um tema tão complexo quanto uma guerra do outro lado do mundo, e que envolve povos totalmente alheios à sua cultura. O que importa no fim do dia é crescer o número de seguidores.

Na ânsia por informar, e lucrar com isso, o influenciador despreparado desinforma. Alguns casos de propagação de fake news poderiam ser facilmente evitáveis se fossem dedicados minutos para checar a veracidade das informações. Exemplos simples disso são citados na reportagem:

Movimentos como esse também foram vistos fora do Brasil. Uma reportagem do site Input encontrou perfis de Instagram que geralmente focam em memes promovendo outras páginas que supostamente seriam gerenciadas por jornalistas ucranianos. A reportagem descobriu que era uma fraude: as páginas na verdade são operadas por um adolescente nos Estados Unidos que gerencia uma série de outras páginas de conteúdo viral⁵⁷ (MARTINS, 2022).

E vale ressaltar mais uma vez o trabalho de cobertura com análise sobre redes sociais do Núcleo Jornalismo ao citar também perfis responsáveis em publicar postagens sérias acerca do tema da guerra russo-ucraniana à época⁵⁸. É preciso que o jornalista, além de cobrir a desinformação, forneça soluções práticas ao público que deseja se informar com qualidade.

2.6 Guerra internacional, fake news nacional

Após nos debruçarmos de maneira concisa sobre o contexto histórico, cultural e político do conflito russo-ucraniano, e tendo observado como governos se utilizam das redes sociais como instrumento de guerra. Convido o leitor a observar mais atentamente a produção de desinformação na internet.

Um dos objetivos deste trabalho é demonstrar que uma notícia falsa não necessita de uma conexão direta com o público-alvo daquela desinformação para se obter algum tipo de impacto negativo.

Durante a produção desta dissertação foi possível observar em análises preliminares e a na produção de artigos durante o percurso acadêmico é que uma

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Disponível em: <https://nucleo.jor.br/garimpo/perfis-para-entender-russia-e-ucrania/>

guerra - ou qualquer outro tipo de calamidade pública ou acontecimento marcante - mesmo que internacional e não correlacionado com a vida brasileira pode se tornar “matéria prima” para desinformação em escala nacional.

Nas redes sociais é possível encontrar todo tipo de conteúdo falso sobre os mais diversos assuntos. O que algum dia foi restrito somente a fóruns de internet, sobre teorias da conspiração, hoje pode ser visto, consumido e compartilhado em todos os tipos de sites e aplicativos. E esse fenômeno não seria diferente sobre o conflito no leste europeu.

Até mesmo a acusação de que a guerra russo-ucraniana é algo forjado pode ser facilmente encontrada nas redes. Redes sociais como Twitter, TikTok e Facebook, são algumas das redes que estão povoadas por postagens completamente falsas ou publicações que utilizam de fatos mas os distorcem para causar pânico e confundir o receptor da mensagem (AS..., 2023).

Exemplos não faltam, como uma postagem que acusa que a guerra é uma farsa através de uma imagem descontextualizada de um prédio em Kiev, na Ucrânia que em 2023 estaria totalmente intacto de qualquer destruição causada por bombardeios.

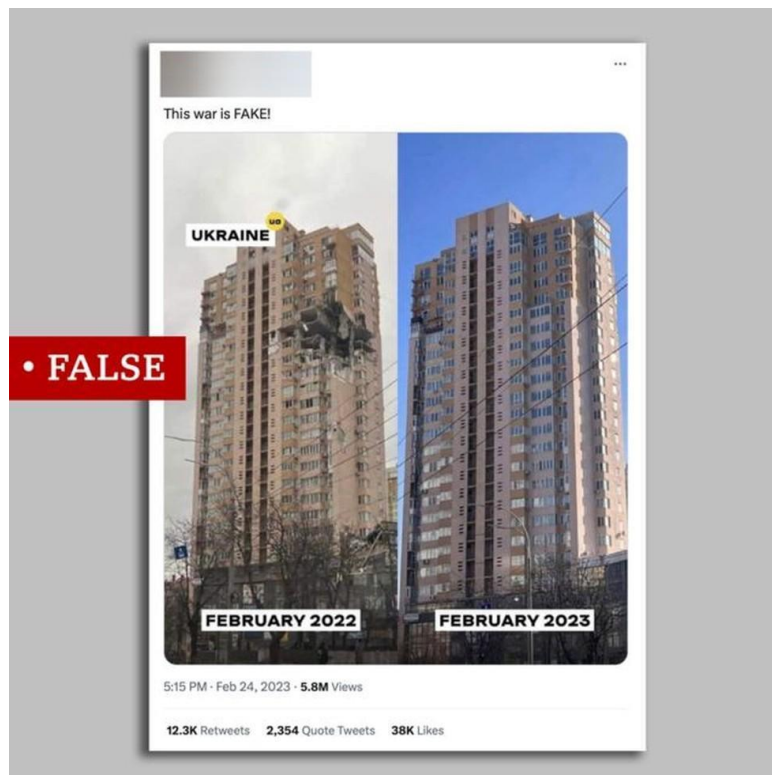


Figura 1: Postagem nas redes sociais “denunciando” que a Guerra na Ucrânia seria forjada, devido a rápida reconstrução de um edifício em Kiev.

Porém, o que realmente aconteceu é que o prédio foi restaurado e os jornais ucranianos noticiaram o fato da reconstrução de prédios em Kiev de forma evidente por meses – mostrando que havia sim acontecido diversos bombardeios na cidade, após o foco do conflito ter voltado para outras regiões do país. A reconstrução do prédio foi iniciada em maio de 2022 (AS..., 2023).

Esse caso é um exemplo claro desses vídeos e imagens que falseiam a realidade, o pânico e sentimento de dúvida causado ao usuário, em alguns casos, pode ser fatal. Conteúdos irresponsáveis podem gerar a curto, médio e longo prazo danos consideráveis à estrutura de uma sociedade.

Novamente retornamos a Han (2022), que mais uma vez acerta em seu ensaio sobre a infocracia. Para Han (2022), o advento das redes sociais alterou completamente como a vida política de um país é regida. Ou seja, é parte do cálculo político como os usuários reagem a um certo tipo de pauta ou tema. Redes sociais se tornaram fonte de dados comportamentais, dos usuários, extremamente complexos e detalhados.

Ao mesmo tempo que as mídias sociais evoluíram, com algoritmos cada vez mais complexos, houve uma radicalização política em todo o mundo. De acordo com Han (2022), o *Big Data*⁵⁹ e a inteligência artificial não estão desconectadas destas mudanças de comportamento tão radicais em diversas populações do mundo.

Ferrari (2021) já havia explorado a ideia de que desinformação na atualidade se tornou uma indústria lucrativa, Wardle (2020) também corrobora esta ideia. Existem grupos políticos que se aproveitam de dados, análises de comportamento e produzem de maneira profissional peças desinformativas. Certos tipos de notícias falsas podem parecer algo simples, e até mesmo fácil de ser desmentido, mas que podem prejudicar as pessoas de maneiras imprevisíveis. Como é o caso desta reportagem:

“Cidade menos populosa do país segundo o Censo 2022, Serra da Saudade, no Centro-Oeste de Minas, foi alvo de uma "fake news" envolvendo a guerra na Ucrânia em 2022. O município carrega o título de menos populosa do Brasil desde 2010. Em 27 de fevereiro de 2022, uma conta no Twitter

⁵⁹ O termo Big Data surgiu em 1997, e foi inicialmente utilizado para nomear conjuntos de dados não ordenados em rápido crescimento. Vale colocar uma explicação mais completa.

supostamente atribuída à Prefeitura comunicou que: ‘Devido à guerra da Ucrânia, a Central de Atendimento da Prefeitura por telefone estará indisponível até 04/03’” (GONÇALVES, 2023).

Este exemplo mostra como a fake news possui uma escala global, a menor cidade de um país na América Latina é afetada por uma guerra que ocorre entre duas nações do Leste Europeu. Publicações como essa podem atrapalhar cidadãos que possuam exames marcados em serviços públicos de saúde, ou que necessitam ir a fóruns de justiça em audiências marcadas, e até mesmo casos de pais e mães que deixem de matricular seus filhos em escolas e creches por acharem que os serviços da prefeitura não operarão naquele dia.

A guerra é internacional, mas a *fake news* pode se tornar nacional também, independente do país em que você esteja. Com este potencial de distorcer a realidade, as redes sociais se tornam mais um sintoma de uma desconfiança generalizada na sociedade. Como explorado por Han (2022), a quebra do conceito da confiança fundamental na sociedade é um passo para uma crise interna, a crise da verdade.

Mas as notícias falsas são um sintoma de uma sociedade da desconfiança, pode-se dizer que a Rússia de Putin passa por um processo semelhante. O outro aspecto, que é determinante para o potencial destrutivo da desinformação na sociedade, é de que “informação é *aditiva e cumulativa*. A verdade, por sua vez, é *narrativa e exclusiva*. Há superabundância de informação, há lixo de informação. A verdade, por sua vez, não abunda. Não é *abundante*” (HAN, 2022, p.95). Líderes populistas se aproveitam dessa abundância de dados para gerar um ambiente de *pós-verdade*.

No conflito entre Rússia e Ucrânia, é possível citar como Vladimir Putin, e até mesmo o presidente ucraniano Volodimir Zelensky – porém sem tanta experiência política e influência quanto seu inimigo russo, como um exemplo de “político infocrático”. Uma liderança política que só existe como é dado o contexto da “infocracia”, da política feita através dos dados e algoritmos (HAN, 2022). E Putin, no contexto internacional, busca por líderes semelhantes ao seu estilo de fazer política, como Victor Orban na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil.

O conflito russo-ucraniano não possui nenhuma expectativa de terminar, e alterou por completo a geopolítica da Europa e do mundo. Foram criados novos

paradigmas de segurança regional e intercontinental devido este conflito. E Vladimir Putin é o maior responsável por essa tragédia e por tantas outras já que “há de se notar que uma boa parte deles [os conflitos na região do Leste Europeu] tem sido originada na Eurásia pela Rússia sob a liderança de Vladimir Putin” (LEBELEM; VILLA, 2022).

E os reflexos da política expansionista de Putin são sentidos nas redes sociais. Não é raro de se observar nos principais noticiários acusações acerca de hackers russos interferindo em outros países, e até mesmo de perfis especializados em publicar desinformação, que quando investigados levam até grupos russos.

Como explica o professor Bernardo Wahl Gonçalves de Araújo Jorge:

“A expectativa de especialistas ocidentais em ciber segurança (MARKS; SCHAFFER, 2022; MENN; TIMBERG, 2022) era que Moscou, com o uso da guerra cibernética, pudesse ter neutralizado não apenas as defesas militares ucranianas, mas eventualmente toda a sociedade, para assim facilitar a imposição de sua vontade. Porém, a Ucrânia não foi ‘apagada do mapa’ (no sentido figurado, obviamente) nem antes, nem durante e nem após a invasão militar russa (embora não se tenha certeza de que o Kremlin buscasse realmente “desligar” o país invadido)” (WAHL GONÇALVES DE ARAÚJO JORGE, 2022, p. 103).

Desta maneira é possível concluir que o front de batalha não é somente a Ucrânia, e sim o campo das redes. O conflito russo-ucraniano pode ser também categorizado como um tipo de guerra híbrida.

A guerra híbrida envolve técnicas de guerra regular e irregular, abrangendo o uso de operações psicológicas, como a infiltração na percepção do inimigo, para moldá-lo e paralisá-lo com bombas cognitivas de natureza informacional. Também engloba a chamada indireta, abordagem incluindo o uso de agentes terceirizados (como grupos de hackers recrutados pelos Estados, por exemplo) e não militares, de modo a promover ações de guerra não convencional em seus respectivos campos, como o direito, economia e comunicações (LEIRNER, 2020). O ciberespaço não é formado por um binário entre guerra e paz, mas sim por um espectro entre essas duas extremidades, sendo que a maioria das ofensivas digitais ocorre em algum lugar nesse espaço “cinzento” (GORDON; ROSENBACH, 2022) (WAHL GONÇALVES DE ARAÚJO JORGE, 2022, p. 107).

Gerar desinformação e conteúdos falsos é parte desta forma se torna parte do conflito. Aterrorizar a população através de montagens, vídeos editados, textos alarmistas sem uma fonte definida podem instalar um clima de pânico geral capaz de desestabilizar um adversário político e militar.

Mas mesmo que soe bastante sombrio as projeções e apontamentos dos autores sobre o contexto da sociedade da informação, não é impossível traçar formas de combater o fenômeno da desinformação. Uma das maneiras mais efetivas, até o momento, são as agências de checagem de fatos, o trabalho de *fact-checking*.

E por sua vez, as agências independentes de *fact-checking* ganharam papel de fiscais do discurso público na era da pós-verdade. “A interdependência é uma realidade moral”, explica Seidman. “É uma realidade na qual nós nos erguemos e caímos juntos: a grandes distâncias, afetamos profundamente uns aos outros de maneiras nunca vistas. Em um mundo como este, existe apenas uma estratégia para sobreviver e prosperar: forjar interdependências saudáveis, profundas e duradouras – nos nossos relacionamentos, nas nossas comunidades, entre negócios, entre países –, de modo que possamos nos erguer, e não cair, juntos”, ensina Thomas Friedman... (FERRARI, 2021, p.43-44; grifo do autor).

Após as reflexões feitas neste capítulo acerca do contexto da desinformação nas redes, e sobre a complexidade por trás das guerras travadas tanto no combate de físico quanto no digital devemos então explorar os programas selecionados para a análise mais aprofundada de suas respectivas coberturas acerca da Ucrânia e a guerra que a assola desde 2022.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E ANÁLISE DOS PODCASTS

Esta dissertação começou a ser pensada durante os primeiros meses da eclosão do conflito russo-ucraniano. À época, os noticiários foram preenchidos por reportagens sobre a guerra e uma extensa gama de produções jornalísticas acerca das culturas de ambos os países e sua relação tempestuosa.

Da mesma forma que tragédias ambientais, crimes hediondos, crises econômicas e grandes eventos esportivos, guerras também movimentam a imprensa e se tornam protagonistas do debate público de seu tempo. Durante o primeiro semestre de 2022, a invasão russa foi a protagonista da cobertura midiática ocupando homepages de sites, os telejornais e boletins de rádio. Ainda no primeiro semestre de 2024, é possível pesquisar, com o uso de palavras-chave sobre o conflito, algum tópico específico acerca da guerra em andamento e uma série de reportagens vai preencher a sua aba de pesquisa no navegador.

Este mestrado foi produzido por meio de uma metodologia mista. Primeiro, uma revisão bibliográfica acerca de temas como história da Rússia e Ucrânia, desinformação, fake news, guerra informacional e cibercultura. Depois serão realizadas análises de dois programas jornalísticos que cobrem a guerra, “O Mundo Em Meia Hora” da Rádio CBN, e o “Petit Journal”, produzido pelos professores Daniel Sousa e Tanguy Baghdadi, por meio de estudos que se debruçam sobre a análise do discurso, trabalhando o que vamos chamar de forma material, ou seja a forma encarnada na história para produção de sentidos (DIAS, 2018), isso equivale a dizer que a linguagem se apresenta como uma maneira do ser humano estabelecer conexões com a realidade. Como já referenciado ao longo desta pesquisa, Han (2022) entende que esse fenômeno é importante para compreender parte dos problemas políticos e comportamentais que atingem as sociedades democráticas na atualidade. Segundo Dias (2018), devemos também nos atentar as vias de circulação do discurso que analisamos, assim damos atenção ao sentido produzido de maneira efêmera, no instante do agora, coisa que o podcast traz. A hiperconectividade⁶⁰ se torna sintoma

⁶⁰ Estudos afirmam que na atualidade, a hiperconectividade em seres humanos, ou seja, o constante uso da internet e de aparelhos eletrônicos nos torna mais ansiosos, depressivos e desconectados do mundo real. Ver mais em: HIPERCONNECTIVIDADE, excesso de informações e saúde mental. **Hospital Israelita Albert Einstein**. 2023. Disponível em: <<https://vidasaudavel.einstein.br/hiperconectividade-excesso-de-informacoes-e-saude-mental/>>. Acesso em: 05 abr. 2024.

de uma sociedade adoecida por esse excesso de mensagens, posts, publicações, artigos, vídeos, podcasts e toda forma de produção de conteúdo online. E isso transborda também para a prática jornalística, pois, devido ao efeito aditivo e descontrolado das redes (HAN, 2022), até mesmo o jornalismo sofre com essa “competição” por atenção do público.

E toda cobertura jornalística em grande escala é realmente algo massivo – desde antes da internet e principalmente após o surgimento dela, para além do “*hard news*” – ou seja, o noticiário diário – emissoras, produtoras e jornalistas independentes também vão apostar em conteúdos de tom investigativo. E que abordem de maneira mais profunda algo específico dentro daquele tema.

Portanto, é inegável que todo assunto que seja de interesse público vai ser coberto de maneira exaustiva, tanto para aos jornalistas quanto para os receptores deste conteúdo. Surge assim a necessidade por uma curadoria prática e acessível para as pessoas que querem consumir aquele noticiário e entender de maneira mais profunda aquele tema.

É possível identificar em parte do público de podcasts este tipo de ouvinte que busca algo mais detalhado, aprofundado e estudado. Existem os mais diversos modelos e formatos de programas do gênero, desde entrevistas e bate-papos até audiodocumentários, mas é inegável que afirmar que alguém que escuta uma mesma entrevista de 2 horas de duração é alguém verdadeiramente engajado com aquele produto.

E em relação ao podcast jornalístico, e mais especificamente dos que se propõem a realizar uma cobertura especializada em alguma editoria, o público pode ser pensado como alguém que busca essa curadoria e qualidade seja em reportagens ou comentários de especialistas. A melhor escolha, dado o contexto dessas produções, foi então realizar uma análise de discurso dos podcasts: *O Mundo em Meia Hora* e o *Petit Journal*. Eles não fazem parte do segmento *hard news*, mas são jornalísticos, pois querem informar com responsabilidade seus ouvintes. Público esse que não busca por um texto que seja consumível em menos de 10 minutos de leitura.

Ouvintes como esses são um público verdadeiramente interessado em política internacional e nos principais temas que circulam nessa editoria do noticiário. Esse

fenômeno é replicável para muitas outras editorias, como economia, comportamento, sexualidade, entretenimento.

Jenkins (2009), já referenciado neste trabalho, compreende que a relação é um ambiente que incentiva a interação entre o emissor da mensagem e o receptor dela. E como já explorado por Kischinhevsky (2016), desde os tempos áureos do rádio o locutor já moldava sua narração para fazer com o que o ouvinte se sentisse em um diálogo.

O podcast hoje, da mesma forma que o rádio já foi e ainda é para muitos, é um companheiro do seu ouvinte. Portanto, programas que apostam em curadoria geram uma fidelização potente com seu público. Pois, caso o ouvinte interessado naquela temática se sinta à vontade com o estilo, tom e estrutura do programa é questão de tempo para que ele passe a compartilhar aquele conteúdo em suas redes, recomendar para amigos, e fazer aquele programa se tornar parte de sua rotina.

É um elemento importante para essa fidelização é que o podcast é um produto sob demanda (KISCHINHEVSKY, 2016). Mesmo que haja ouvintes que acompanhem os novos episódios nos horários em que são postados, outra parte do público vai acompanhar o seu programa favorito no caminho até o trabalho, ou durante a prática de algum exercício físico, e até mesmo ao fazer as tarefas domésticas.

O fenômeno do podcasting, da forma em que ele ocorre na rotina dos seus ouvintes, mais uma vez ressalta suas semelhanças com o meio rádio, tornando clara a sua relação com seu antecessor. Mesmos costumes através de novas tecnologias e formas de se produzir e consumir informação e conteúdo de entretenimento.

Podcasts podem ser então uma maneira útil de aprender novas matérias e ser um ótimo passatempo. Sendo assim, é possível pensar o podcast como uma forma de combater a desinformação? Essa preocupação já passa a aparecer nos estudos de outros pesquisadores da área do meio rádio e do podcasting. Para o professor Kischinhevsky (2024) em um artigo para o site *The Conversation Brasil*, site com enfoque em cobertura de ciência feita por pesquisadores, ele afirma que sim, o podcast pode ser uma arena de combate contra fake news.

Segundo o pesquisador da mídia sonora:

“Hoje há podcasts de alto nível, com os mais diversos perfis, que ajudam a combater a desinformação e sancionar saberes ancorados no conhecimento

científico, abrangendo variados formatos de jornalismo narrativo, como Rádio Novelo Apresenta, Ciência Suja e Rio Memórias, e divulgação científica em sentido mais estrito, como A Hora da Ciência, Ciência no Dia a Dia e Minuto Planta Ciência” (KISCHINHEVSKY, 2024).

Mas é necessário deixar claro que muitos desses produtos engajados em combater desinformação e produzir conteúdo de qualidade são provenientes de pequenas produtoras ou até mesmo totalmente independentes. O que dificulta investimentos em publicidade para alcançar um público maior.

Outro fator importante a ser analisado é como algoritmos de serviços de streaming não são transparentes com os usuários, ponto que Kischinhevsky (2024) também trabalha em seu artigo.

Isso nos leva à discussão premente sobre regulação das plataformas: é preciso ter regras de transparência nos algoritmos, para evitar que os ouvintes recebam sempre mais do mesmo, e possibilitar que os conteúdos de divulgação científica furem as bolhas, chegando a públicos mais amplos. E é preciso remunerar o conteúdo informativo de qualidade, incluindo-se aí aquele produzido nas universidades públicas brasileiras, assim como é essencial desmonetizar a desinformação, o ódio e o negacionismo científico (KISCHINHEVSKY, 2024).

Neste contexto de serviços de streaming e produção de conteúdo estão inseridos programas como O Mundo em Meia Hora e o Petit Journal. Agora é necessário compreender o que foi prioritário para esses podcasts, no período inicial da guerra na Ucrânia. Além de cobrir o conflito no mundo real, também foi discutido os impactos da invasão russa nas redes sociais?

Para então realizar as análises desses programas utilizaremos o ferramental da Análise do Discurso, utilizando de principal referência teórica os estudos da professora Orlandi (2009), uma das principais especialistas do Brasil no tema. A análise discursiva nos permite pensar quais são as questões ideológicas por trás desses programas, e seu modus operandi para desenvolvimento dos temas propostos nos podcasts.

A análise discursiva também nos será útil para entender: a cobertura de desinformação é importante para programas como esse? Principalmente quando ocorrem grandes acontecimentos como uma guerra no Leste Europeu? Existe a

preocupação de se debruçar neste tema? Os jornalistas e comunicadores hoje já demonstram mais interesse sobre fake news em coberturas como essa?

3.1 Análise do programa “O Mundo em Meia Hora”

O programa da Rádio CBN, “O Mundo em Meia Hora” fundado em 2017, é apresentado pelo jornalista Fernando Andrade e com a participação dos comentaristas políticos Guga Chacra e Ariel Palacios. O podcast é de periodicidade semanal, sua gravação é transmitida na programação da rádio, às 9h aos sábados.

E depois da sua primeira transmissão na programação da CBN, o podcast é lançado nas plataformas de streaming e no próprio site da emissora. Este modelo de publicação online, somente após transmissão na grade horária da rádio, é realizado com outros programas pensados em formato de podcast.

O Mundo em Meia Hora, se propõe a ser um programa curto, de até 30 minutos de duração, que resuma os principais assuntos do noticiário internacional da semana. O maior foco do podcast não é dar em primeira mão algum tipo de notícia, e sim trazer análises mais aprofundadas sobre estes fatos.

Atualmente o programa possui em média 8 mil ouvintes semanalmente. “Para um podcast que é uma vez por semana, esse número está muito bom” (ANDRADE, 2024). Em entrevista concedida para o desenvolvimento deste trabalho, o âncora também afirmou que a CBN havia passado por uma recente reestruturação na sua área de podcasts. A direção só manteria programas que envolvessem demanda do público, entre eles O Mundo em Meia Hora (ANDRADE, 2024).

Durante minha análise foi possível notar alguns detalhes cruciais para se compreender como o programa é formulado. Primeiro, existe uma clara divisão temática. Assuntos ligados ao Oriente Médio, Europa e EUA são comumente analisados e trazidos à discussão pelo jornalista Guga Chacra, por serem sua especialidade de cobertura jornalística.

E o jornalista brasileiro-argentino Ariel Palacios é o responsável por cobrir e discutir temas envolvendo América Central, Caribe e América Latina. O Mundo em Meia Hora, em suas pautas, é bastante conectado a outros produtos do Grupo Globo, como é o caso do noticiário de política internacional do Globo News, pois ambos os comentaristas também participam da emissora televisa.

Fica claro, então, que O Mundo em Meia Hora, obedece aos princípios editoriais e ideológicos das Organizações Globo. Mesmo que o podcast possua suas próprias peculiaridades, os temas cobertos e tratados precisam estar em alinhamento com a sua emissora (a Rádio CBN) e o restante do seu grupo editorial (o Grupo Globo).

O podcast é possível ser definido então como um produto ligado a mídia tradicional, neste caso a uma emissora de rádio tradicional. Portanto, os ouvintes deste programa não devem esperar qualquer tipo de jornalismo combativo ou de análise política radicalizada ou que desafie de certa forma o status quo, como é feita em veículos independentes que podem direcionar seus discursos para uma orientação marxista, anarquista, e em até certos casos conservadora e reacionária.

O discurso proposto pelo O Mundo em Meia Hora é uma extensão deste discurso do Grupo Globo. Ou seja, a pauta principal é a busca máxima pela isenção, mesmo que a isenção ideal não exista e seja uma também uma questão perpassada pela ideologia. Como afirma Orlandi (2009, p. 17), qualquer discurso não existe sem o sujeito e o sujeito não existe sem ideologia.

Em alguns casos esporádicos, seja por questões de agenda ou surgimento de temas que não estão na alçada dos comentaristas, o programa também convida especialistas de outras áreas para compor o plantel de apresentadores.

Durante a cobertura inicial da guerra na Ucrânia, os programas se focavam quase que exclusivamente em informar e contextualizar sobre os países envolvidos no conflito. Mas, isso é um fato excepcional devido ao início da invasão, já que o intuito principal do programa é comentar os diversos países em destaque no noticiário. Mas nos primeiros meses de 2022, o maior destaque do jornalismo internacional era a Ucrânia e a Rússia.

E como funciona então a estrutura do programa? O podcast é comandado pelo âncora Fernando Andrade de uma forma em que os principais assuntos daquela semana são direcionados a algum dos comentaristas. Portanto, nos dois blocos do programa, divididos sempre por um intervalo comercial, Fernando conduz as perguntas, e em alguns casos acrescentando seus próprios comentários.

Fernando é o fio condutor do programa, ele pauta os assuntos, e direciona quais dos comentaristas participa primeiro. E é possível notar que o programa possui

cortes e edições, principalmente por questões logísticas de tempo, pois mesmo que seja um podcast sob demanda, o programa também é transmitido na programação da rádio.

Esta informação inclusive deixa claro o modelo de monetização que está inserido no programa. O Mundo em Meia Hora é um produto em formato de podcast da Rádio CBN. Rádio que faz parte do Sistema Globo de Rádio que é do conglomerado de mídia do Grupo Globo.

Portanto, o programa faz parte da grade de uma grande emissora, sendo veiculado na rádio no período matutino. Desta forma, O Mundo em Meia Hora é financiado pela emissora e seus patrocinadores, incluindo um break comercial na metade de cada episódio, respeitando as pausas publicitárias da CBN.

Após fornecer o panorama geral

Agora para aprofundar esta análise é necessário nos debruçarmos nos primeiros 15 dias de guerra para entender qual o discurso estava sendo produzido nestes podcasts. E se eles atendem a principal questão desta dissertação, que é se podcasts jornalísticos de política internacional também cobrem desinformação e fake news.

3.1.1 1ª Semana de Cobertura da Guerra - “As supostas intenções de Putin e o contexto histórico de domínio russo na Ucrânia” (26 de fevereiro de 2022)

Principais temas discutidos no episódio:

1. Qual o contexto principal da invasão russa à Ucrânia;
2. As semelhanças entre esta invasão na Ucrânia e a guerra no Iraque, com a utilização de fake news por parte dos representantes dos países invasores, respectivamente Vladimir Putin e George W. Bush;
3. As dificuldades que a Rússia iria enfrentar em tentar ocupar a Ucrânia a longo prazo;
4. O histórico dos últimos 100 anos de invasões Russas - e Soviéticas - no território do leste europeu;
5. A legitimidade histórica da Ucrânia como um Estado independente, um dos argumentos utilizados por Putin para a invasão;

6. A possibilidade, de nos próximos anos, da Rússia invadir mais países vizinhos;
7. As sanções econômicas aplicadas contra a Rússia de Putin;
8. A influência russa sob países do Oriente Médio, e o impacto da Fé Ortodoxa no Líbano.

Transmitido no dia 26 de fevereiro de 2022, dois dias após o início da guerra, este episódio do podcast se focou em contextualizar o panorama geral do conflito. Realizando perguntas básicas sobre a geopolítica e história do Leste Europeu, aos comentaristas do programa.

O foco principal era compreender quais as intenções de Vladimir Putin com a invasão e quais eram as previsões possíveis, à época, para se imaginar o que aconteceria nas próximas semanas de conflito.

É interessante perceber que os comentaristas fazem uma clara conexão com a atual invasão russa ao território ucraniano com o que ocorreu no Iraque em 2003 – fato já referenciado no segundo capítulo deste trabalho. Inclusive com a utilização dos termos “mentiras” e “fake news”, os participantes do programa concordam que Putin utilizou da mesma tática de Bush, ao afirmar que um país considerado inimigo apresentava algum tipo de ameaça que necessitava ser combatida.

No Iraque o argumento era referente ao uso de “armas de destruição em massa” sob a posse de Saddam Hussein. E em 2022, Putin afirmava que a Ucrânia precisava passar por um processo de “desnazificação e desmilitarização” que só ocorreria através da sua “Operação Militar Especial”, para combater o suposto governo nazista que comandava o país vizinho da Rússia.

Porém, é claro que devido ao curto tempo do programa, não foi possível abordar de maneira mais detalhada este tema da desinformação por parte do governo russo. Além disso, o foco estava claro em oferecer ao ouvinte um panorama geral do tema.

Outro ponto importante a ser abordado, é que o programa tem um claro posicionamento contrário à invasão e pró-Ucrânia, o que é totalmente justificável devido ao contexto inicial do conflito. Os ucranianos eram as vítimas da agressão russa. Mas no recorte deste programa, em nenhum momento são feitas críticas ou

qualquer tipo de ressalva em relação ao governo ucraniano e seu presidente Volodymyr Zelensky.

3.1.2 2ª Semana de Cobertura da Guerra - “Rússia está perdendo nos campos diplomático e econômico, enquanto vence no campo militar” (05 de março de 2022)

Principais temas discutidos no episódio:

1. Como está sendo o deslocamento de tropas russas na invasão à Ucrânia;
2. As derrotas diplomáticas da Rússia na Assembleia Geral da ONU;
3. Como Zelensky reagiu ao conflito na Ucrânia de “como um herói” e seu apoio internacional;
4. Críticas às sanções culturais e esportivas que entidades e atletas russos sofreram após a invasão de Vladimir Putin;
5. Fundação da cidade de Kherson na Ucrânia;
6. O discurso de Joe Biden em apoio ao governo ucraniano, e as sanções dos EUA contra a Rússia;
7. Finlândia, Suécia, Geórgia e Moldávia e a relação desses países com a OTAN;
8. Quem são os oligarcas russos que começam a ter suas finanças bloqueadas ao redor do mundo.

Neste episódio, o segundo do podcast após o início do conflito, se confirma e é reforçado pelos comentaristas o discurso pró-Ucrânia e os elogios à Zelensky. Em dado momento do episódio, Guga Chacra ainda pontua que está se falando do presidente ucraniano em sua reação após o início do conflito, e não em sua vida pregressa.

Desta maneira, o programa pontua suas principais opiniões e visões de mundo. É também afirmado ao longo de todo o programa o quão grave foi o ato de Putin em agredir um país vizinho que não desejava aumentar as hostilidades ou que prometia qualquer tipo de ataque aos russos.

É interessante perceber ao longo dos programas analisados as táticas utilizadas pelo âncora e comentaristas para aprofundar a discussão e informar o público. Por exemplo, ao falar sobre o avanço militar russo, e citar a cidade ucraniana de Kherson, o comentarista Ariel Palacios traz ao podcast a história por trás da fundação do local. Acrescentando ao programa fatos históricos relevantes para compreender mais sobre a história e culturas ucraniana e russa.

A preocupação dos participantes do programa em aumentar o repertório cultural dos ouvintes é um diferencial do programa. Pois, no período inicial de cobertura da guerra russo-ucraniana, o assunto era o principal tema de todos os grandes jornais. Então, este detalhe presente na pauta do programa é uma forma de o podcast se destacar de outros programas convencionais de análise de política internacional na mídia tradicional.

Também é necessário pontuar que desta vez o fator desinformação e fake news não chega a ser citado ao longo do programa. Na segunda semana de cobertura do podcast o foco continuou sendo no quesito militar e político. Tópicos como produção de notícias falsas nas redes e estratégias de controle de narrativas por parte dos governos participantes do conflito foram temáticas não discutidas neste episódio.

3.1.3 3ª Semana de Cobertura da Guerra - “Putin avaliava que controlaria boa parte da Ucrânia em poucos dias” (13 de março de 2022)

Principais temas discutidos no episódio:

1. O saldo das primeiras semanas de Guerra e os erros do cálculo político de Vladimir Putin;
2. A russofobia após o início da guerra russo-ucraniana;
3. Um comparativo entre a Ditadura Argentina na invasão às Malvinas (1982) com o Governo Putin em 2022;
4. As negociações falhas para um cessar-fogo entre Rússia e Ucrânia;
5. A crise de imagem da diplomacia russa no Ocidente;
6. Suspensão de exportação, por parte dos EUA, do petróleo e outros produtos de origem russa;
7. Eleição do presidente chileno Gabriel Boric;

Neste episódio, Guga Chacra comenta um detalhe importante para se compreender como uma cobertura de guerra ocorre na prática e como o público reage a essas notícias. Através de um comparativo com a Pandemia de Covid-19, Guga explica que o choque causado por um noticiário é algo passageiro.

Tanto jornais quanto o público em geral, nas primeiras semanas da descoberta de uma nova doença, estavam em completo choque com a possibilidade de uma pandemia global. As mortes causadas pela doença emocionaram e assustavam as pessoas. E nos anos seguintes, mesmo com períodos de alta letalidade do vírus, o Covid-19 se tornou algo rotineiro.

E segundo Guga Chacra, ao longo do episódio o mesmo ocorreria com a guerra russo-ucraniana. Ele explica que isso é um efeito natural, ao longo do tempo as pessoas ainda se importam, mas não as choca, mas tais fatos.

Por consequência, isso fez com que a guerra na Ucrânia iniciasse um processo de perda de destaque no noticiário. Pois, se o público não possui o mesmo choque com certo fato, logo ele se torna rotina. E se considerarmos o contexto em que vivemos, de uma sociedade assombrada pelo excesso de tudo na internet (HAN, 2022), então este processo é cada vez mais acelerado.

E mais uma vez a temática da desinformação e fake news não é algo citado ao longo do episódio. Mais uma vez, se reforça o discurso de que à época, na hierarquia de assuntos, a produção de notícias falsas nas redes sociais ainda é um ponto secundário da cobertura jornalística.

3.2 Análise do programa “Petit Journal”

Fundado em 2016, por Tanguy Baghdadi, professor de Política Internacional do Ibmec, e Daniel Sousa, professor de Economia no Ibmec e também comentarista político. Ambos realizam participações na Globo News.

O Petit Journal surge como um podcast com o intuito de informar os ouvintes sobre os principais acontecimentos do noticiário internacional. Porém, o programa não é comandado por dois jornalistas e sim acadêmicos da área. Sendo assim, são programas com análises mais longas e detalhadas sobre as temáticas exploradas nos episódios.

E segundo o prof. Tanguy Baghdadi (2024), o objetivo era também utilizar o podcast como uma maneira de publicar seus respectivos trabalhos na internet, como uma forma de portfólio acadêmico e profissional. Divulgando suas ideias e de alguma maneira contribuindo para informar o máximo de pessoas possíveis sobre temas bastante complexos da política internacional.

E como funciona a estrutura e logísticas por trás do programa? O Petit Journal é primeiro transmitido em formato de live no canal de Youtube. E depois de gravado ele passa por alguns cortes e edições e é publicado nas principais plataformas de streaming de áudio.

Portanto, o público que deseja algum tipo de interação e maior proximidade com os apresentadores pode acompanhar as lives. E a parcela dos ouvintes que prefere o modelo sob demanda sempre recebe o episódio poucas horas após a transmissão original, para assim ouvir o seu podcast quando e onde quiser.

Todas as pautas dos bate papos são comentadas por ambos os professores. Então o podcast é um programa bastante conversado, o que não quer dizer que não seja uma conversa qualificada sobre o assunto.

E é importante citar que devido a um espaço de tempo definido pelos próprios apresentadores a duração dos programas varia entre 30 e 50 minutos de duração. E para além das análises de conjuntura política e econômica, os professores dão bastante atenção às questões ideológicas dos fatos.

O Petit Journal por ser um veículo independente também possui a versatilidade de alterar sua rotina de publicações. Antes do período da guerra o podcast contava com 1 a 2 episódios semanalmente, além de colunas curtas dos participantes.

Durante os primeiros meses da guerra, os professores Tanguy e Daniel decidiram instaurar um período de “plantão”. Foram produzidos mais episódios por semana para abarcar ao máximo todas as questões militares, políticas, ideológicas, econômicas e de ordem humanitária do conflito.

Quando o assunto é monetização, é possível atestar que o Petit Journal alcança retornos financeiros de diferentes maneiras por ser um veículo independente e que foi criado sem qualquer tipo de investidor externo ou produtora. Sendo assim, até que surgisse o primeiro acordo comercial entre a dupla apresentadora e uma

empresa, foi necessário que os próprios professores criassem suas formas de monetizar seu podcast.

Desde a utilização de mecanismos de monetização e publicidade das próprias redes sociais até a criação de uma plataforma de cursos e formações na área da política internacional. Ou seja, o modelo independente de publicação de podcasts exige uma inventividade por parte de seus mantenedores. Pois, é necessário criar um público engajado relevante primeiro para que o seu programa receba algum tipo de patrocínio externo.

Então é importante notar que os professores investiram tempo e dinheiro até que esse projeto paralelo desses retornos financeiros para a dupla.

3.2.1 1ª Semana de Cobertura da Guerra - “Plantão Petit: guerra entre Rússia e Ucrânia” (26 de fevereiro de 2022)

Principais temas discutidos no episódio:

1. O presidente Zelensky e sua retórica de resistência, e como isso surpreendeu o restante do mundo;
2. A luta de narrativas entre Zelensky e Putin;
3. A fake news produzida por Putin que a Ucrânia teria um governo nazista;
4. A estratégia militar de Vladimir Putin para um domínio rápido de Kiev;
5. Sanções e embargos econômicos e culturais à Rússia, e a efetividade desta tática;
6. Suécia e Finlândia e sua aproximação com a OTAN.

No início do episódio, ao abordar o presidente ucraniano Zelensky, o Petit Journal já mostra seus principais direcionamentos acerca de suas análises. É possível dizer que o próprio podcast possui elementos de Análise do Discurso (ORLANDI, 2009), já que ao longo dos comentários sobre o líder ucraniano é também debatido suas intenções políticas, a ideologia por trás do movimento que o elegeu e sua postura antes e depois do início do conflito.

É abordado como Volodymyr Zelensky é um político ligado aos movimentos “antipolítica”, ou seja, líderes que afirmam que são anticorrupção e que prometem

“governos limpos” e que não são “nem de esquerda ou de direita”. Claramente um discurso ideológico que finge não possuir ideologia.

Han (2022) também faz pontuações sobre políticos com este tipo de postura em seus textos acerca da infocracia, como mais um sintoma desta sociedade. Em partes o discurso de Zelensky se conecta com falas de Bolsonaro ou Trump, com promessas antissistema.

Os professores afirmam, ao longo do episódio, que a postura do governante foi surpreendente por ter se mantido em seu país. E como a utilização da mídia por parte de Zelensky foi essencial para manter o “moral” das tropas e dos civis ucranianos viva para resistir aos invasores russos.

É possível percebermos também como o Petit Journal se utiliza de uma análise discursiva (ORLANDI, 2009) é quando tratam da luta de narrativas entre Putin e Zelensky. E neste momento os apresentadores também utilizam seu espaço para cobrir e desmentir uma fake news.

Como já foi explorado neste trabalho, um dos argumentos de Putin era afirmar que a Ucrânia passava por um processo de “nazificação”. E neste episódio os professores discutem esta fake news, e explicam que existem grupos neonazistas na extrema-direita ucraniana, mas o que não significa que a Ucrânia seja um país de orientação nazista.

Além disso, o contraponto desta fake news também é uma mentira, ao afirmar que o atual regime russo seria algum tipo de governo comunista, explicam os professores. Em um contexto de controle informacional, promovido por Putin em seu país, este tipo de desinformação se torna “combustível” para o moral das tropas russas e justificar sua guerra.

Dado o contexto do episódio, é possível atestar que no terceiro dia de guerra os apresentadores consideraram algo relevante a cobertura de algumas fake news, por considerarem que ela afetava a compreensão geral do público acerca da guerra. Além disso, os professores Tanguy e Daniel também abordam com detalhes vieses ideológicos entre os governantes envolvidos e como isso afeta a imagem de cada país no contexto geopolítico mundial.

3.2.2 2ª Semana de Cobertura da Guerra - “Plantão Petit – 10º dia de guerra” (5 de março de 2022)

Principais temas discutidos no episódio:

1. Avanços militares russos em território ucraniano;
2. A dificuldade de se cobrir o avanço militar russo devido aos altos índices de fake news e desinformação produzidas pelo próprio governo russo;
3. As tentativas discursivas de Vladimir Putin para amenizar as tensões geopolíticas, considerado pelo governo russo como uma “Operação Militar Especial” e não uma “guerra”;
4. Mais negociações por corredores humanitários e cessar-fogo no território ucraniano;
5. A perseguição aos oligarcas russos e suas fortunas ligadas ao governo russo;
6. Israel como país mediador entre Rússia e Ucrânia.

A abertura do episódio traz algo importantíssimo para esta análise, os apresentadores já explicam que ao cobrir os avanços militares do exército russo sob o território ucraniano era necessário possui certa parcimônia. Pois, não era possível atestar com 100% de veracidade sobre os fatos noticiados nas frentes de batalha.

Pois, tanto para a Ucrânia quanto para a Rússia, a guerra também é vencida através das narrativas produzidas para o restante do mundo. Isso não é uma exclusividade deste conflito, como foi discutido durante toda a extensão deste trabalho. Porém, devido ao alto controle informacional feito por Putin, as informações provenientes de veículos russos têm sempre de serem observadas com atenção e checadas por outras fontes.

Essas ressalvas sobre os perigos de se cair em narrativas e distorcer os fatos é pontuado ao longo de vários trechos do episódio. E mais uma vez os professores demonstram seu interesse em análises discursivas, ao pontuar os detalhes ideológicos das falas de Putin durante aquela semana sobre possíveis embargos aos espaços aéreos da Rússia e Ucrânia. Para amenizar o caldeirão geopolítico que fora criado, o presidente russo faz pronunciamentos esteticamente belos e evitando a

palavra guerra, para afirmar que não está em uma guerra e sim em uma operação militar somente.

A narrativa criada por Vladimir Putin é um dos principais tópicos do episódio. E em suas análises, os professores concluem que a estratégia discursiva de Putin é associar a defesa do nacionalismo e independência da Ucrânia com o nazismo, tentando sustentar a pauta de “desnazificação”.

Novamente é importante ressaltar, por produzir conteúdo em maior quantidade o Petit Journal pode se debruçar de forma mais detalhada nos principais assuntos da cobertura.

Neste episódio em específico, não há comentários sobre novas fake news ou peças de desinformação. Porém, o Petit Journal adota um método de sempre expor ao público o que os professores possuem certeza de que é verídico e o que não é possível checar com absoluta certeza. Desta maneira incentivando aos ouvintes um senso crítico sobre a qualidade das informações que chegam até eles sobre a guerra no dia a dia.

3.2.3 3ª Semana de Cobertura da Guerra - “Plantão Petit – 17º dia de guerra” (12 de março de 2022)

Principais temas discutidos no episódio:

1. Ofensiva russa contra a cidade de Kiev, capital ucraniana;
2. Países do G20 debatem sobre suspender a Rússia do grupo por tempo indeterminado;
3. Aumento do apoio financeiro e militar dos EUA para a Ucrânia;
4. A busca do governo alemão para buscar novas fontes energéticas, para deixar de comprar o Gás Natural russo;
5. O presidente francês, Emmanuel Macron, e o chanceler alemão, Olaf Scholz tentam negociar com Vladimir Putin, por telefone;
6. Atualizações sobre a ocupação russa na cidade de Kherson, uma das cidades mais importantes da Ucrânia;
7. Crise na Bolsa de Valores de Moscou;
8. Mais episódios de perseguição jurídica e econômica contra oligarcas russos que vivem em outros países da Europa.

Este episódio exemplifica outro detalhe do discurso dos professores sobre os temas que é a possibilidade de utilizar falas bem-humoradas para conectar o público mais facilmente a temas tão complexos. Por exemplo, em alguns casos os educadores se utilizam de apelidos para certos governantes, como é o caso do presidente norte-americano Joseph Biden, mais conhecido “Joe Biden”. Entre os apresentadores é chamado de “Zé Biden”.

É possível confabular que o humor também seja uma forma que os professores utilizam para lecionar em sala de aula. Sendo assim, aproximando seus alunos dos assuntos propostos. Este elemento é observável nos episódios do podcast, o que não quer dizer que seja um programa de humor, o que não é o caso do Petit Journal.

Porém, essa tática discursiva faz com o que ouvinte se sinta mais incluído e próximo do assunto. Descomplicar um tema de geopolítica facilita a compreensão do ouvinte que não é especializado na área. Em outro trecho mais adiante no programa isso é notável quando os professores abordam as constantes ligações que o presidente francês, Emmanuel Macron fez à época para Vladimir Putin.

Claramente, o tom bem-humorado dá a oportunidade de os professores fazerem apontamentos acerca das intenções midiáticas por trás de Macron, em realizar essas ligações ao presidente russo em busca de negociar algum tipo de paz com a Ucrânia.

Os professores também explicam ao longo do programa mais uma parte do *modus operandi* de Vladimir Putin. A tática de “dividir para conquistar”, ou seja, criar e incentivar que países invadidos pelo exército russo se dividam em países menores. Essa movimentação política foi utilizada no período antes da guerra quando Putin ocupou a Criméia e apoiou a criação de repúblicas independentes em Donetsk e Lugansk, anteriormente territórios da Ucrânia e que atualmente são Estados independentes reconhecidos pela Rússia.

Neste episódio, não foi comentado qualquer tipo de caso específico de fake news, ou produção de notícias falsas sobre o conflito nas redes. Demonstrando mais uma vez que para uma fake news surgir na pauta principal do Petit Journal ela teria que alcançar uma publicização de muito destaque, como foi o caso das acusações de Putin sobre o governo ucraniano ser um estado nazista.

3.3 A experiência de cobrir o conflito através do podcast

Ambos os podcasts podem ser diferenciados primariamente pelo elemento de ordem econômica. Enquanto um programa (O Mundo em Meia Hora) é produzido e veiculado por uma grande emissora, a Rádio CBN, ligada ao maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil; o outro (Petit Journal), nasce através do fenômeno dos blogs e dos produtores de conteúdo independentes da internet.

Mas, nesta análise desejo ser mais profundo no que separa e une ambos os podcasts. O objetivo principal deste trabalho é analisar se esses programas tratam da temática das fake news nas coberturas comentadas, mais especificamente no contexto do conflito russo-ucraniano.

Porém, vale pontuar durante este capítulo os outros elementos que podem ser percebidos no modelo de podcasting de ambas as produções, de maneira a acrescer a contribuição acadêmica acerca do formato podcast

Para então consolidarmos nossa análise acerca de ambos os programas necessitamos entender mais a fundo o pensamento editorial de seus apresentadores. Para tal, realizei duas entrevistas ao longo do processo de desenvolvimento deste trabalho com ao menos um representante de cada podcast.

No primeiro semestre de 2024, o jornalista Fernando Andrade e o professor Tanguy Baghdadi se voluntariaram a dar seus relatos sobre a produção de seus respectivos podcasts, dando detalhes sobre suas rotinas de trabalho e como lidam com a cobertura de temas complexos como a guerra russo-ucraniana. Também foram questionados sobre a sua visão acerca da cobertura de desinformação, detalhe crucial para esta dissertação.

Quando questionados sobre o que era prioritário cobrir na época, as respostas de ambos os podcasters difere um pouco, demonstrando mais uma vez as diferenças discursivas de cada programa. Segundo Baghdadi, “o nosso objetivo ali como especialistas era tentar contextualizar” (2024), e ainda pontua que qualquer jornal poderia trazer os fatos, o que poderia diferenciar o trabalho deles seria a capacidade analítica de ler o contexto geral do conflito.

No Mundo em Meia Hora, o prioritário no início era replicar os relatos factuais do que estava acontecendo na Ucrânia (ANDRADE, 2024). E o jornalista continua

argumentando que havia uma certa dificuldade para conseguir boas fontes, principalmente aquelas que estavam no campo de batalha ou próximo dele.

O jornalista pontua que “quando começa uma guerra, na verdade começam duas: a guerra tanto da batalha quanto a guerra da informação, simultaneamente” (ANDRADE, 2024). Ou seja, o apresentador explica que era necessário tomar cuidado com as pautas trazidas ao programa, e que era necessário fazer o máximo possível para averiguar a origem dos fatos, principalmente por ser um podcast localizado no Brasil cobrindo um conflito que ainda ocorre do outro lado do mundo.

“O próprio nome que Putin deu à guerra, ‘operação militar especial’, isso é uma mentira” (ANDRADE, 2024). Andrade também alerta ao risco de se buscar informações na mídia russa, devido ao controle informacional que é realizado pelo governo Putin.

Outro ponto abordado com ambos em suas respectivas entrevistas foi como esta guerra alterou suas vidas pessoais, e se havia algo marcante que diferencia o conflito russo-ucraniano de outras coberturas que estes profissionais já haviam realizado.

No caso do professor Baghdadi (2024), a guerra na Ucrânia trouxe muito mais visibilidade ao seu projeto. E o professor explica que isso não é um fato isolado, toda grande movimentação militar atraiu novos ouvintes ao programa, pois são pessoas interessadas em entender mais qual o contexto por trás de um bombardeio, avanço militar ou declaração de guerra.

E segundo o comentarista político:

“a diferença marcante desta guerra é que ela é travada pelos dois maiores países europeus [Rússia e Ucrânia] [...] e ver um país europeu com ‘boots on the ground’ [botas no chão] invadindo outro país europeu é algo muito singular” (BAGHDADI, 2024).

No caso de Andrade (2024), acompanhar as imagens de guerra diariamente, os relatos de crimes hediondos cometidos contra civis, como casos de pedofilia, estupros, episódios de genocídio o chocaram muito. Lidar com a violência diariamente foi uma das principais memórias que a guerra criou no jornalista.

E a desinformação afeta o rumo da cobertura da guerra? Para o prof. Baghdadi é algo que ocorre todos os dias. Segundo ele, foi um processo intenso produzir o Petit Journal tendo que lidar com muitos rumores, boatos e fake news nas redes sociais,

sendo necessário checar e recheckar várias vezes as mesmas informações (BAGHDADI, 2024).

Outra consequência da desinformação é como ela se torna uma ferramenta de propaganda que distorce a visão de quem a consome. “E é impressionante como a propaganda [de guerra] é algo que pega mesmo, as pessoas mudam de comportamento por causa disso” (BAGHDADI, 2024).

Andrade (2024), analisa que Putin utilizou antes e durante todo o conflito diversas vezes a desinformação como uma arma de guerra. Como tática de intimidação de populações, as notícias falsas distorcem a realidade com o objetivo de gerar pânico no máximo de números possíveis. O jornalista relembra episódios em que o governo russo e seus propagandistas se utilizavam de treinamentos militares com armas nucleares como se a guerra estivesse a ponto de chegar em outra escala de destruição, o que nunca se confirmou (ANDRADE, 2024).

E tendo em vista os efeitos nocivos da desinformação, quais as atitudes editoriais tomadas pelos apresentadores? No Petit Journal, a escolha preterida foi de utilizar o espaço do podcast como uma espécie de “filtro de informações”. “Desinformação não foi uma pauta, nós nos preocupamos em checar e depurar essas informações, para entender o que tínhamos que jogar fora” (BAGHDADI, 2024). Para Baghdadi, a preocupação de cobrir em específico uma fake news só seria necessária se, na visão dos apresentadores, essas notícias falsas já houvessem furado a bolha e estivesse prejudicando pessoas no mundo real.

No Mundo em Meia Hora, Andrade lamenta ao afirmar que gostaria de cobrir mais notícias falsas, porém “no programa devido ao nosso curto espaço tentamos não perder tempo com o que não é verdade, o que é um problema” (ANDRADE, 2024). Para o jornalista, isso é um dilema ético diário na cobertura, pois o tempo é cada vez mais precioso no noticiário e é necessário fazer escolhas sempre entre “gastar o seus pensamentos e tempo com o que é verdade ou desmentir Putin ou desmentir a Ucrânia, que diversas vezes também se utilizou disso [as fake news]” (ANDRADE, 2024).

É possível então observar que por motivos e escolhas editoriais diferentes, os resultados práticos acabam se assemelhando. Pois, tanto no Petit Journal quanto no

O Mundo em Meia Hora é reconhecido os perigos da desinformação tanto na guerra em si quanto na cobertura da mesma.

Porém, em ambos os casos, tanto por questões próprias quanto por desafios logísticos, os jornalistas e comentaristas políticos acabam por ponderar cobrir os fatos ao desmentir as peças de desinformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção desta dissertação foi possível identificar algumas questões, que são relevantes ao recorte temático deste trabalho, acerca da produção dos podcasts jornalísticos analisados – *O Mundo em Meia Hora* e o *Petit Journal*.

Em ambas as produções é possível notar a altíssima qualidade das informações veiculadas nos programas. A forma como os comentaristas e apresentadores tratam dos principais assuntos da cobertura internacional durante o conflito russo-ucraniano é de um padrão jornalístico e informativo consciente e responsável.

Existe uma clara importância em manter uma credibilidade destes programas, e é possível notar que mesmo que um dos podcasts analisados seja realizado de maneira independente de uma grande emissora, isso não compromete o rigor das análises dos apresentadores Tanguy Baghdadi e Daniel Sousa.

Além disso, em quesito de estrutura e edição dos programas é também notável a busca por criar um produto que seja audível e interessante ao seu ouvinte. Mesmo que em um nível mais básico de complexidade, o cuidado com a captação do áudio de um podcast é um fator determinante para a qualidade do programa.

Vale ressaltar que a forma com a qual os programas são conduzidos possui diversas semelhanças. Os temas são pautados e os comentaristas se debruçam sobre as principais nuances e complexidades acerca da invasão russa à Ucrânia e como o conflito se desenrola no Leste Europeu.

A condução do podcast talvez seja a maior diferença entre ambos. Não há um âncora no *Petit Journal*, diferentemente do *O Mundo em Meia Hora* que conta com o jornalista Fernando Andrade nesta posição. Nos episódios do *Petit Journal*, existe uma condução dupla das temáticas, o que faz o programa se parecer mais com uma conversa e não uma entrevista que envolve um jornalista e colunistas/comentaristas.

Outro fator determinante para entender o contexto de ambos os programas são as relações econômicas por trás de suas produções. O Mundo Em Meia Hora é um programa ligado a uma emissora tradicional de rádio brasileira, a Rádio CBN. Enquanto o *Petit Journal* é financiado de três formas distintas: por publicidades pontuais acordadas com seus produtores – os professores Tanguy e Daniel; por seus ouvintes que decidem apoiar financeiramente o programa de forma voluntária com

doações; e por fim, com a produção de conteúdo paga através de formações e cursos ofertados ao seu público, que aprofundam ainda mais temáticas de política internacional.

Porém, parte dos questionamentos desenvolvidos ao longo deste trabalho eram focados na questão da desordem informacional e como os podcasts jornalísticos de política internacional se comportam em relação a este cenário.

De acordo com o período analisado – o momento inicial do conflito russo-ucraniano, é possível atestar que a principal preocupação da linha editorial de ambos os podcasts era informar e qualificar o entendimento de seu ouvinte sobre a situação no Leste Europeu.

O foco primário de seus apresentadores e comentaristas, em ambas as produções, era de passar ao público dados primordiais para o entendimento da guerra que acabava de eclodir. Os principais assuntos citados são tópicos como: avanço russo sobre o solo ucraniano, número de mortos e feridos, regiões mais atingidas pelo conflito, número de alistados de ambos os países, a reação do Brasil e de outros países acerca do conflito, e o qual futuro parecia se desenhava sobre aquela guerra.

A desinformação é um tópico secundário nestes programas. Não é correto afirmar que nunca é um tema tratado, pois em ambos os programas é citado o efeito devastador causado pela propaganda de guerra e por fake news distribuídas por grupos políticos, o que intensifica o front de guerra virtual do conflito.

E durante o andamento deste trabalho, foi possível concluir que a cobertura de desinformação e fake news possui um espaço secundário dentro da cobertura de uma guerra, de acordo com o recorte escolhido. Desde o início da guerra entre Rússia e Ucrânia já se completaram mais de 2 anos de conflito, ou seja, a percepção dos jornalistas e podcasters no geral pode vir a ter mudado durante a escalada dos acontecimentos no Leste Europeu.

Mas, segundo o recorte analisado, a temática à época já possuía certa importância mas não o suficiente para dividir mais minutos com a cobertura do factual e as análises mais complexas acerca da geopolítica da região.

Porém, isso não tira o mérito da capacidade de informar e gerar reflexão que um podcast possui com seu público. É uma mídia intimista que convida o ouvinte a

prestar atenção sem a necessidade de uma tela, somente através da audição a mensagem pode ser passada com sucesso.

E principalmente quando o ouvinte opta pelo uso dos fones de ouvido, essa conexão se torna ainda mais relevante. Emissor e receptor são aproximados por uma mensagem, seja ela narrada ou conversada entre 2 ou mais participantes. Portanto, argumento que criadores de conteúdo responsáveis que se utilizam do podcast geram informação e coberturas que agregam ao seu público. E o mesmo pode ser aplicado ao combate a desinformação e fake news.

Proponho, nessas considerações finais, que é interessante que empresas e produtoras incentivem os seus apresentadores de podcast a se debruçar sobre questões como checagem de fatos e cobertura de desinformação, de acordo o nicho temático do seu programa.

Neste período de avanço de tecnologias como: Deep Fake – softwares que editam rostos e corpos para que alguém se passe por outra pessoa; editores de voz complexos; e inteligências artificiais geradoras de imagem, áudio e texto se torna cada vez mais necessário informar o cidadão sobre como se proteger da desordem informacional.

Tal evolução do debate público só pode acontecer através de incentivo à educação midiática e de informar sobre os avanços tecnológicos que afetam diretamente na circulação de informações falsas. A tecnologia em si não é maligna, mas usos mal-intencionados já são observáveis no momento presente, e acredito que serão mais intensos ainda no futuro próximo.

Após diversas reflexões feitas durante a produção desta dissertação acredito que os melhores caminhos que posso sugerir para contribuir para o conhecimento acadêmico são estes: 1 - Buscarmos e incentivarmos a educação midiática em escolas e faculdades, de maneira urgente; 2 – No âmbito dos podcasts e dos serviços de streaming de áudio, cobrar por posturas engajadas de empresas, produtoras, influenciadores digitais e jornalistas um olhar mais apurado acerca da desordem informacional.

Durante toda a extensão do trabalho foram dados diversos exemplos dos impactos nocivos da desinformação, seja sobre uma cidade, político ou uma pessoa em específico. Fake news já foram responsáveis por enganar e prejudicar de diversas

formas cidadãos, causar linchamentos e ondas de violência e acirrar processos de polarização e acirramento de ânimos políticos entre países vizinhos.

Cito novamente a famosa frase atribuída ao político norte-americano Hiram Johnson, “numa guerra, a primeira vítima é a verdade”, para demonstrar que a guerra é um dos objetos de estudo mais práticos para se compreender que a obliteração da verdade e a destruição de uma vida são atos intrinsecamente ligados.

Se a guerra é a morte da verdade, lutar para desmentir a mentira é uma forma de praticar a paz. Então se torna urgente que cidadãos engajados nestas temáticas e comunicadores em geral assumam uma postura verdadeiramente atenta aos perigos das fake news.

E quanto aos jornalistas em formação, é mais urgente ainda que faculdades e universidades compreendam a necessidade da criação de cursos e disciplinas focadas em práticas de checagem de fatos. Ao longo deste trabalho um dos principais objetivos era demonstrar que qualquer assunto de interesse público pode ser usado como material para gerar desinformação.

Independentemente de que uma guerra ocorra do outro lado do mundo, se aquilo atrai a atenção de brasileiros, grupos políticos vão se utilizar desse dado real para criar suas narrativas irreais. Com o único intuito de gerar polarização política e desestabilização. Sendo assim, uma das principais conclusões desta dissertação é que da mesma forma que um produtor de conteúdo responsável, e que se preocupa em passar informações verdadeiras sobre seu tema de domínio, na atualidade ele também precisa checar fatos e desmentir fake news dentro daquela mesma temática.

E para que toda nova iniciativa seja abraçada de uma forma mais natural é necessário que os produtores de conteúdo sejam retribuídos por esse esforço extra. Spotify, Deezer, iTunes, Orelo, entre outras plataformas deveriam premiar comunicadores que checam fatos em seus podcasts. Lucrar com a verdade é uma forma potente de combater a mentira.

Se torna claro que é necessário punir ativamente podcasters que propagam fake news e desinformação. A desordem informacional não é somente perigosa por distorcer a realidade, esse fenômeno é nocivo pois ele pode alimentar discursos de ódio contra os mais diversos grupos. Conteúdo fake também é nocivo para indivíduos físicos.

A cada dia que passa, as inteligências artificiais e programas de Deep Fake se tornam mais potentes e precisos. Pessoas comuns podem se tornar vítimas de uma notícia falsa criada com seu rosto. Alguém que nunca cometeu nenhum delito pode, da noite para o dia, acordar sendo acusado de algum crime hediondo.

Uma foto de uma traição que nunca aconteceu pode destruir um casamento. Um texto falso que imita a escrita de alguém pode ser utilizado para criar um golpe para enganar os familiares de uma vítima. E as imagens de uma guerra real podem ser distorcidas para fazer com que os agredidos pareçam os verdadeiros agressores.

A veracidade da vida contemporânea corre perigo. Hoje, fazer jornalismo de qualidade não é somente escrever uma matéria com boas fontes e coesão textual. Na prática, jornalismo é uma forma de curadoria de informação. Resistir a desinformação é se tornar mais do que um comunicador, e sim um curador.

No andamento desta pesquisa, foi possível compreender que mais do que uma boa voz e um ritmo empolgante na fala, um bom podcaster jornalístico é um bom curador de fatos. E esse talvez seja um dos melhores caminhos para o futuro do combate a desinformação, é informar com responsabilidade e curadoria. E torna-se essencial frisar mais uma vez, quem combate a mentira necessita de investimento para tal.

Para além de fundos, investir em bons comunicadores é também os capacitar. Na atualidade da infocracia, um cidadão que possui influência sobre um grupo de seguidores pode se tornar uma ferramenta útil para a sociedade no combate a desinformação. Porém, sem a devida instrução, mesmo pessoas bem-intencionadas podem seguir propagando notícias falsas. Mais do que nunca, educação midiática, em tempos de inteligência artificial, deve se tornar matéria obrigatória em escolas, faculdades e em todo o debate público brasileiro. Todo cidadão deveria se preocupar com fake news tanto quanto se preocupa com ameaças à democracia, corrupção e a segurança pública.

Quanto mais cedo as pessoas se tornam protagonistas do seu próprio processo de se informar, sem cair em bolhas ou mentiras, menor é o risco dela se tornar um fantoche em um jogo de especialistas em manipular os algoritmos das redes sociais e grupos políticos escusos.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Carolina de Lima. **O processo de difusão do podcast como uma nova mídia**. Monografia - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2020

ANDRADE, Fernando. [Entrevista concedida a] Artur de Oliveira Ferreira. São Paulo, 13 de mar. de 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo "A" desta dissertação]

ARCHANGELO, Flávio Aurélio Braggion. **RÁDIO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE: O desenvolvimento da Radiodifusão Digital no Brasil**. 2008. 206 f. Tese (Doutorado em Processo Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

ARDIN, Claudia; CAMINOS, Alfredo. **Contar (Las) Historias**: Manual para experiencias trasnmedia sociales. Aveiro: Ria Editorial, 2018.

AS teorias da conspiração que dizem que guerra na Ucrânia é falsa. G1, 28 de fev. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/02/28/as-teorias-da-conspiracao-que-dizem-que-guerra-na-ucrania-e-falsa.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BAGHDADI, Tanguy. [Entrevista concedida a] Artur de Oliveira Ferreira. São Paulo, 14 de mar. de 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo "B" desta dissertação]

BASBAUM, S. Da realidade objetiva à galáxia das fake news: narcose de narciso, imagens e imaginação na realidade expandida da aldeia global.. In: **Anais do Encontro Internacional de Grupos de Pesquisa**: convergências entre arte, ciência, tecnologias & realidades mistas. Anais...São Paulo (SP) UNESP, 2021.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BUCCI, E. **Existe democracia sem verdade factual? Cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news**. Barueri (SP): Estação das Letras e Cores, 2019.

CITELLI, A. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Senac, 2004

D'ANDRÉA, C. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA. 2020.

DE OLIVEIRA FERREIRA, Artur; FERRARI TEIXEIRA, Pollyana. PODCASTING EM MEIO A GOVERNANÇA DA INTERNET, PLATAFORMAS E CONTROVÉRSIAS. **REVISTA ANTÍGONA**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/antigona/article/view/15055>. Acesso em: 2 nov. 2023.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Pontes Editores, Campinas, 2018.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas** (2. Edição). São Paulo: Educ, 2020.

FLUSSER, V. **A escrita: há futuro para a escrita?** Tradução Murilo Jardelino da Costa. Annablume, 2010.

FONSECA, Bruno; SCOFIELD, Laura. **Extremistas se comunicavam pelo código “Festa da Selma”**. Poder 360, Brasília, 9 de jan. de 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/extremistas-se-comunicavam-pelo-codigo-festa-da-selma/>> Acesso em: 02 de mai. de 2023.

GOMES FILHO, Paulo Roberto da Silva. Os primeiros estágios da guerra: as operações militares russas na Ucrânia. In: LOUREIRO, Felipe (org.). **Linha Vermelha: a Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI**. Editora da Unicamp, Campinas, 2022. p. 125-141.

GOMES, Adriano Lopes. As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, set./2007.

GONÇALVES, Mariana. **Cidade menos populosa do país foi vítima de fake news envolvendo guerra na Ucrânia**; entenda. G1, 28 de jun. de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2023/06/28/cidade-menos-populosa-do-pais-foi-vitima-de-fake-news-envolvendo-guerra-na-ucrania-entenda.ghml>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

HAN, Byung-Chul. **No-cosas: quiebras del mundo de hoy**. Spanish Edition. Tradução: Joaquín Chamorro Mielke. Barcelona, 2021.

_____. **A expulsão do outro**: Sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.

_____. **Infocracia**: Digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HEIN, Matthias Von. **Guerra do Iraque, uma invenção americana**. Deutsche Welle. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/guerra-do-iraque-uma-inven%C3%A7%C3%A3o-americana/a-43309906>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo. Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Aos 20 anos, podcasting se afirma como arena para comunicar ciência e combater a desinformação**. The Conversation. Disponível em: <<https://theconversation.com/aos-20-anos-podcasting-se-afirma-como-arena-para-comunicar-ciencia-e-combater-a-desinformacao-223794>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LATOUR, B. **Uma investigação sobre os modos de existência. Uma antropologia dos modernos**. Tradução: Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis, RJ. Vozes, 2019.

LEBELEM, Cristiane; VILLA, Rafael Duarte. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. **CEBRI-Revista** Ano 1, Número 3 (Jul-Set): 112-136, 2022. Disponível em: <<https://cebri.org/revista/br/artigo/47/a-guerra-russo-ucraniana-impactos-sobre-a-seguranca-regional-e-internacional>> Acesso em: 15 abr. 2023

LOUREIRO, Felipe. Introdução. In: LOUREIRO, Felipe (org.). **Linha Vermelha: a Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI**. Editora da Unicamp, Campinas, 2022a. p. 23-43.

_____. Reflexões sobre a longa história de construção nacional russa e ucraniana: do Principado de Kiev ao governo de Volodymyr Zelensky. In: LOUREIRO, Felipe (org.). **Linha Vermelha: a Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI**. Editora da Unicamp, Campinas, 2022b. p. 47-68.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0302-1.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MARTÍN-BARBERO, J. **Heredando el futuro: pensar la educación desde la comunicación**. Nómadas, Bogotá, n. 5, p. 10-22, 1996. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105118998002>. Acesso em: 11 out. 2022.

MONTENEGRO, L.M.B. **Governança Digital do Combate à Violência Online de Gênero**. Análise de estratégias de organizações de resistência sob a perspectiva do processo de construção do problema público. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, 2021.

NAVARRO, Vinicius. **Os sentidos da convergência**: entrevista com Henry Jenkins. Contracampo (UFF), Rio de Janeiro, n. 21, p. 2-26, ago. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p

PAGANOTTI, I. (2021). Engano, desconfiança e dramatização: contradições entre recomendações e práticas no combate à desinformação. **E-Compós**, 24. <https://doi.org/10.30962/ec.2174>

PAGANOTTI, I. **“Notícias falsas”, problemas reais: propostas de intervenção contra noticiários fraudulentos**. In: COSTA, Maria Cristina Castilho; BLANCO, Patrícia (Orgs.). Pós-tudo e crise da democracia. São Paulo: ECA-USP, 2018. p. 96-105. Disponível em:

<<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/274/245/1081-1>>. Acesso em: 10 out. 2022

PALOMAR, R.; BORRAJO, E. **Serial, el programa radiofónico que resucitó el podcasting**, Area Abierta, 2017.

PEREIRA, A. A. S.; MONTEIRO, J. C. da S. A convergência do rádio: o podcast como proposta para o jornalismo em aplicativos de streaming. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 117–129, 2020. DOI: 10.30681/rccs.v7i1.4562. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/4562>. Acesso em: 28 maio. 2023.

PERON, Alcides Eduardo dos Reis. **Guerra Informacional no conflito Rússia e Ucrânia: uma aproximação ao controle informacional nos conflitos (Parte 1)**. GEDES - Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional. 2022. Disponível em: <<https://gedes-unesp.org/guerra-informacional-no-conflito-russia-e-ucrania-pt1/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

PERON, Alcides Eduardo dos Reis. **Guerra Informacional no conflito Rússia e Ucrânia: uma aproximação ao controle informacional nos conflitos (Parte 2)**. GEDES - Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional. 2022b. Disponível em: <<https://gedes-unesp.org/guerra-informacional-no-conflito-russia-e-ucrania-pt2/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

PERON, Alcides Eduardo dos Reis. **Guerra Informacional no conflito Rússia e Ucrânia: uma aproximação ao controle informacional nos conflitos (Parte 3)**. GEDES - Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional. 2022c. Disponível em: <<https://gedes-unesp.org/guerra-informacional-no-conflito-russia-e-ucrania-pt3/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SALEMME, Maria Filomena. As transformações no comportamento do ouvinte: Da Era de ouro até a chegada da Era do podcast. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Positivo, 4 a 9 de setembro de 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast**: as novas práticas de produção e consumo de áudio, São Paulo, 2018.

WARDLE, Claire. **Understanding Information disorder**. First Draft, 22 de set. de 2020. Disponível em: <<https://firstdraftnews.org/long-form-article/understanding-information-disorder/>>. Acesso em: 2 nov. 2023.

ANEXOS

Anexo A - Entrevista com Fernando Andrade - jornalista, apresentador da rádio CBN, do "O Mundo em Meia Hora", "Estúdio CBN" e "CBN São Paulo"

Pergunta

Há quanto tempo você apresenta O Mundo em Meia Hora e por que você escolheu esse projeto? Qual é a sua relação com o projeto?

Resposta

"O Mundo em Meia Hora" faz cerca de cinco anos e eu comecei quando um outro jornalista apresentava e saiu quando ele saiu, que era o Roberto Nonato, pediram para eu fazer, eu já tinha muito interesse sim em falar sobre política internacional. Eu simplesmente pedi para a direção, deixa eu ficar com esse problema, e na época, era só eu e o Guga Chacra fazendo esse programa. E aí a gente começou em vários momentos em várias em várias situações a gente chamava o Ariel Palacios, para falar sobre América Latina e fazer sempre uma coisa que era o seguinte, o Guga fala sobre Oriente Médio e Estados Unidos e o Ariel fala sobre a América Latina e começou a dar muito certo. E aí logo depois então eu fiz o convite para o Ariel Palacios fazer de forma fixa. E aí sim, a gente conseguiu amarrar esse, esse formato dos Estados Unidos Oriente Médio mais a América Latina. E desde então tem sido super legal, ele é um podcast que tem hoje aproximadamente 8 mil players com visualizações e para um podcast que ele é uma vez por semana é um número muito bom, por exemplo, a Miriam Leitão aqui na rádio tem um podcast diário o comentário dela é diário. Ela atende oito/nove mil players, eu faço um de uma vez por semana e tenho 8 mil. Então é um número bom, tanto é que teve uma reformulação aqui na rádio recentemente que foi só vamos manter e criar podcasts ou replicar o que tá no ar e virar podcast aquilo que tem demanda e "O Mundo em Meia Hora" estava entre eles porque tinha demanda o que aconteceu no começo para mim era muito complicado porque eu tinha que estudar muito, muito, então eu ficava no meu muito preocupado em é saber quais eram os assuntos que a gente ia acordar a gente sempre grava entre quinta e sexta-feira - que era para poder ter tempo de estudar e poder fazer uma pergunta interessante e agregar alguma coisa em meio a dois especialistas. E aí no

começo então assim eu que acabava sugerindo as pautas porque já sabia o que o público escrevia no O Globo, sabia que o Ariel estava comentando na Globo News e sabia que ia ser mais ou menos esse material, esses assuntos que a gente ia abordar no "O Mundo em Meia Hora" e quinta-feira para mim era muito complicado porque eu ficava até tarde lendo e ir atrás também de muita coisa que não tava publicada na mídia Nacional, porque ela nem todo mundo tem acesso, é muito mais rápido o pessoal saber o que aconteceu aqui, que os jornais nacionais eu procurava ler muita coisa em inglês para poder agregar um pouco mais. E aí no começo foi isso, muito, muito estudo. Passado todo esse tempo, acho que são 6 anos, tá eu posso checar depois quando o Nonato saiu da Rádio. Mas são quase seis anos. E depois de um tempo cara foi, começou a ficar tão automático assim sabe, tão mais tranquilo que a gente já chegou a fazer programa assim e aí vamos falar do que hoje, a vamos falar de tal coisa, eu já tô fazendo alguma coisa, era um assunto que a gente tinha... dominava tanto que fluía de uma super bem, super bem o que aconteceu também que existiu uma digamos assim uma extensão do "O Mundo em Meia hora" foi que no Estúdio CBN a gente criou uma faixa que é a faixa das três que se chama CBN pelo mundo. Então todos os dias no "Estúdio CBN" a gente tem um comentarista de política internacional nesse horário. O que que aconteceu eu trouxe o Guga Chacra para segunda-feira e o Ariel Palacios agora tá com a gente de quarta-feira, então quer dizer a gente se fala na segunda, na segunda falo com o Palacios, com o Ariel na quarta e na sexta-feira eu gravo com os dois então quer dizer foi mais um ponto que agregou. Foi positivo para nós, para a coisa ficar entrosada, né? Depois disso comecei a me interessar muito mais toda pauta aqui que envolve é Política Internacional hoje na CBN... Em vários momentos pedem para eu fazer, para eu cobrir, para fazer alguma entrevista, eu cobrir. É teve um convite para cobrir o conflito no Azerbaijão com Armênia no ano passado, eu fui cobrir porque acabei meio que me dedicando, me especializando um pouquinho na nesse assunto e tem rolado desde então.

Pergunta

Falando sobre a guerra na Ucrânia no início da cobertura, o que que era prioritário na pauta de vocês, quais assuntos que vocês traziam mais e hoje quando é falado do assunto. O que é priorizado?

Resposta

Então vamos lá, a prioridade no começo... Era ter relatos. Ou replicar informações que eram recolhidas por quem estava na Ucrânia. Então a gente tinha um jornalista brasileiro que prestava serviço para a Associated Press, na época ele entrou bastante na Globo News, não lembro o nome dele agora, a gente acabou fazendo alguma edição com ele. Para ele comentar o que ele via lá. Porque assim quando começa uma guerra, começa na verdade duas né? É a guerra tanto de batalha e a guerra da informação simultaneamente elas começam. Então a gente não tinha porque assim se a gente fosse tentar alguma coisa via Rússia, a gente sabe que não era verdade porque não tem uma imprensa livre, controlada pelo governo. O próprio nome que o Putin deu à guerra, de uma operação especial, isso significa uma mentira, né? E aí consegui também as informações ucranianas, para gente é impossível, quem a gente conhece que lê em ucraniano. Apesar de que muita gente fala russo, né, mas é... o maior desafio era esse no começo, conseguir o relato de quem tava lá, a gente faz muito aqui. Acho que todo o Internacional faz, contar com um trabalho das agências de notícias. Então, acabava fazendo bastante isso, lendo, me informando pelas agências de notícias que conseguiam estar no local. O contexto era muito importante, porque quando estoura a guerra é importante a gente sempre contextualizar para o nosso ouvinte, qual tem sido a política de Putin com relação à Ucrânia e tem um dado importante porque esse final de semana se não me engano, são 10 anos da anexação da Crimeia, Então Putin há 10 anos tem o fato que é histórico que é ele pega um caminhão. Um caminhão laranja assim e atravessa a ponte que ele faz que ele constrói para ligar a Rússia à Ucrânia para ligar até a Crimeia, ele mesmo pilota esse caminhão com aquela coisa "Agora a Crimeia é nossa". E aí então oito anos se passam e a gente tem uma Copa do Mundo na Rússia. Ninguém fala nada e de repente ele vai e invade esse... mais as outras regiões da Ucrânia. Naquele começo eu me lembro que todo mundo tinha expectativa de duração muito curta, ele achava que ele ia chegar à capital que ia tirar o presidente da Ucrânia rapidamente, que ele ia conseguir tomar um pouco o poder e ele não consegue eu me lembro muito bem de um fato que foi aquele comboio de tanques ela para ver dois espaço e que todo mundo fala assim. Ah, quando chegar antes de chegar a capital vai acabar com tudo, entendeu? Era muita gente, era muito eu acho que um fiasco

para você, porque eles fazem para demonstração de força criando uma fileira quilométrica de tanques, só que aí eles praticamente atolam. Eles não têm suprimento alimentícios e não tem combustível, aquilo lá foi péssimo para o começo da Guerra. Eu acho que é isso a prioridade do começo e outra coisa assim era procurar pessoas que entendiam da Rússia, né? Eu tenho um tem uma amizade até com um cara que se chama Fabrício Vitorino, ele é mestre em Rússia pela USP e é jornalista também trabalhou no G1 muito tempo, né? E é um cara que assim que ele assiste à TV russa, então ele sabe muito bem. Então ele tá aqui, ele tá vendo o Ocidente que o ocidente reporta e tá vendo que o Putin coloca na televisão estatal dele, entendeu? Então é uma fonte que eu recorri diversas vezes para saber o que estava acontecendo nesse começo. Qual é a segunda parte da pergunta?

Resposta

E hoje o que que vocês priorizam quando trazem o assunto para o podcast?

Resposta

É uma guerra que ficou ofuscada por causa do que acontece em Gaza, é normal acontecer isso, toda circunstância como essa as coisas vão perdendo um pouco de relevância, vão sumindo das capas dos jornais. De acordo com o tempo, né? Então quando você tem uma outra guerra em curso com muito mais mortes que impacta muito mais acaba, a gente acaba meio que colocando as vezes em segundo plano. Hoje o que eu tô pautando inclusive, eu vou fazer uma entrevista sobre isso no domingo. É que a gente tem uma eleição na Rússia, ela começa na sexta e vai até domingo. Claro, novidade zero, que Putin vai ganhar. Ele já tem até seu palanque para fazer o discurso de vencedor para mais um mandato. E aí o que a gente consegue prever é o seguinte. Que a gente consegue hoje cobrir com que a gente tá cobrindo, hoje é o seguinte: existe por parte da Comunidade Internacional uma possibilidade de um minguar dinheiro que hoje chega ao governo da Ucrânia. Teve uma declaração importante do presidente da Hungria. E ele fala o seguinte: ele fala que se encontrou com Donald Trump. Ele falou o seguinte, que se o Trump vencer vai acabar o dinheiro dos Estados Unidos para a Ucrânia. E aí ele fala assim que a Ucrânia não se sustenta, assim o que acontece aí a fraqueza da Ucrânia vai acontecer, vai ficar evidente. Ele

tem uma certa razão nisso, porque pode muito bem acontecer de minguar o dinheiro e hoje toda sustentação do exército ucraniano era por causa da por causa do dinheiro que vem de fora. Os Estados Unidos e a União Europeia, que bancam isso. Bancam porque têm receio de uma expansão, de uma expansão da Rússia para outros para outras regiões mesmo a gente tendo hoje com a entrada da Otan... a Suécia acabou de entrar na Otan, então hoje a Rússia está totalmente cercada por países que fazem parte da Otan, é interessante porque... a Hungria faz parte da Otan, mas tem um aliado que acaba minguando muitas discussões na Otan, porque a Hungria sempre vota meio que a favor da Rússia, então acaba sendo um empecilho para muita coisa que precisa fazer então hoje mesmo a Rússia estando coberta ou cercada por países que fazem parte da Otan tem muita essa preocupação. Acho que é isso que a gente começa a ver hoje, ontem mesmo tava conversando com um especialista e ele é... Ele trabalhou muito tempo no G7 com o G20 e ele é armênio. A Armênia, sempre foi um país muito aliado da Rússia. Só que a Rússia me esqueceu da Armênia e acabou deixando que o Azerbaijão tomasse conta de uma parte da Armênia, hoje tem receio de que haja, não bem uma invasão, mas uma retirada do Poder local, para que haja um poder Russo naquele país hoje. A Armênia está lotada de Russos que fugiram de lá por causa da Guerra, então tem esse receio, e isso eu ouvi de uma pessoa que é de lá, sabe então acho que não tem um receio em todas em todas aquela região que traz uma expansão da Rússia. Então acho que ele tenta tá focando hoje é isso é dinheiro para poder se sustentar. Ah, tem um breve também uma eleição na Ucrânia. Tem que saber se esse governo vai continuar ou não. E a questão do ímpeto de Putin que ganha mais um mandato. Se Trump ganha as eleições a tendência é que essa guerra mude e que a Ucrânia enfraqueça porque daí só vai ter dinheiro da União Europeia tudo bem que é bastante dinheiro, mas não é talvez não seja sustentável e a gente tem que pensar o seguinte também cara, que todo o dinheiro que vai para Ucrânia, a Ucrânia compra armas dos Estados Unidos, vai para Ucrânia para comprar arma, essa arma é americana é muito dinheiro de volta para a economia americana, então não tem ponto sem nó em questões como essa.

Resposta

Perfeito, deu um ótimo contexto e seguindo para a próxima pergunta. Fernando qual é o impacto de cobrir um conflito desse na sua vida pessoal? E se você considera que essa guerra até alguma diferença marcante em relação a outros conflitos que você acompanhou, você citou a sua experiência recente também cobrindo a questão Armênia, Azerbaijão. Então acho que você vai ter um contexto de vida pessoal também bacana para trazer sobre isso.

Resposta

O que chama mais atenção é que é na Europa está falando praticamente. Eu não posso falar que a Europa, mas espera aí... a questão é uma... A questão que em 2022 quando começou o conflito, ninguém imaginava que isso pudesse acontecer. O que mais me toca pessoalmente é que a Comunidade Internacional vê o que está acontecendo, muitos analistas conseguiram prever o que ia acontecer e nada feito, nada feito, então quer dizer logo depois assim sansão a um país como a Rússia fez cócegas no começo. Fez cócegas no começo e não aconteceu nada, os números da economia russa são melhores do que muitos países. Então a questão pessoal que sempre me pega na guerra, é? Primeira coisa um ponto importante. A Ucrânia não bombardeou a Rússia foi a Rússia que invadiu a Ucrânia. Então acho esse primeiro ponto, então quando a gente começou a ver drones atacando regiões da Rússia. Ela é grande direita internacional, não tem direito de fazer mas ela quase nunca conseguiu fazer ela tá lá só se defendendo a mais tempo e aí o que mais pega é a questão dos Inocentes, né? Que não tem nada a ver com isso é criança e principalmente mulher, a gente fez recentemente uma reportagem aqui na CBN para falar sobre estupros como crimes de guerra. E durante o começo da guerra. Isso chegou até a ONU, o documento chegou até a ONU que era assim, quando os Russos chegavam numa região o primeiro dia era invasão, segundo dia era um uma questão de organização do que estão fazendo na região o terceiro dia era o dia dos estupros. Então assim as mulheres extremamente vulneráveis eram estupros sistemáticos contra mulheres, o estudo como arma de guerra... É algo que me pega pessoalmente, me pega muito muito forte e isso aconteceu na Ucrânia como a gente viu acontecendo também no ataque, tá vendo agora também entre Israel e Gaza. Mas pessoalmente é isso, mas

assim saber que ninguém consegue parar uma figura como Putin faz arrepio, mas o que tá acontecendo?

Resposta

E Fernando raciocínio de impacto da Guerra, né? E eu queria entender o impacto da desinformação na cobertura você sente que foi decisivo?

Resposta

Eu acho que foi decisivo quando a gente só tem... Como eu disse né? Porque a gente não tem um lado, a gente tem imprensa, a gente tem Imprensa Livre na Rússia. Então isso. Isso acaba impactando demais. A gente não tem uma boa, a gente não pode acreditar, a gente não pode acreditar no que a Rússia fala. Acho que sim houve diversos casos de desinformação, de Notícias falsas durante a cobertura como eu te disse o próprio nome que eles, ah lembro ponto muito importante, o motivo pelo qual o Putin fala que vai invadir a Ucrânia é para desnazificação da Ucrânia isso não tinha um menor sentido, né? Não fazia não fazer assim, tava se referindo a um pequeno grupo e que não tinha nada uma relação com o holocausto, se não tinha nada disso, mas ele usa isso e acaba fazendo uma lavagem cerebral em boa parte dos russos dizendo que está protegendo o território dele, e vai desnazificar o território Ucrâniano para poder proteger as pessoas que estavam... que poderiam supostamente um dia invadir por esses por essas por esses grupos, né? A gente sempre tem também notícias com relação a genocídio toda vez que a gente tem uma guerra a gente sempre fala sobre essa limpeza étnica que um de um pretende fazer do outro, né? Acho que isso também aconteceu de usar o termo genocídio de forma errada. Genocídio é quando você quer exterminar toda uma nação tudo uma raça toda uma população. Não é não pode ser considerado um genocídio até porque infelizmente. Nada justifica tantas mortes que houve. Mas não era esse... não era essa a intenção da Rússia naquele momento. Outra coisa também que sempre paira é que a desinformação acaba pegando muito, é o uso de armas nucleares a gente tá falando de uma potência nuclear que a Rússia então sabe aquele, todo aquele momento que você faz o treinamento e pública, você coloca uma... faz um treinamento com um submarino ou se faz um treinamento com uma aeronave de potencialmente

pode carregar uma bomba atômica, você tá mexendo com uma informação que não é verdade assim. Pode até ser que o Putin tenha essa intenção que tinha essa intenção, mas ele joga com a informação joga com essa com essa verdade para poder ludibriar ou então intimidar o seu o seu adversário da Ucrânia, se continuar isso eu vou jogar uma bomba atômica em vocês. Ameaça. Acho que você faz parte da desinformação. Eu acho que é mais ou menos por aí do que você acha?

Resposta

Tá excelente deu o contexto que estava buscando e seguindo para as últimas duas perguntas Fernando, desinformação e fake News foram pautas do podcast na cobertura de Rússia e Ucrânia. Você considera que foram, majoritariamente pautadas ou minoritariamente pautadas. Como é que você vê a cobertura desses temas e com recorte fake News no Mundo em Meia Hora?

Resposta

Olha eu acho que... eu acho que sim. Quando a gente... Eu acho que quando a gente fazia comentários ficava bem claro, o que era mentira. Sempre quis, sempre colocou isso um pouco importante, mas tem também uma outra questão é o seguinte a gente às vezes - Até por uma questão de limite de tempo, a gente acaba não tentando não gastando muito tempo com aquilo que não é verdade, isso acaba sendo um problema porque faz parte do nosso trabalho é desmentir, mas a gente acaba muitas vezes também. A gente acabava não vamos falar sobre isso porque é mentira. Então vamos pegar o que é verdade, gastar nossa energia e os nossos pensamentos tudo aquilo que é verdade. Então, às vezes poderia ficar um pouco fora. Mas por uma questão editorial assim sabe ao invés de ficar a todo momento permitindo o Putin ou desmentindo também a Ucrânia. Em vários momentos também utilizou desse artifício a gente acabava preferindo analisar os fatos reais, as informações verdadeiras e não perdemos tempo com isso, mas tem uma questão do tempo é que a gente tem 26 minutos bruto com dois caras que falam para caramba. Então a gente acaba deixando isso de lado.

Pergunta

E faz total sentido, isso é uma coisa que também faz parte da análise do produto que eu tô fazendo e é legal você trazer isso também. E aí para finalizar a nossa conversa através da cobertura de outras guerras que você já até citou aqui durante a sua fala como como entre Israel e Hamas, você percebe um modus operandi de propagação de Notícias falsas e que você consegue ver tanto no conflito Russo Ucrânia em outros conflitos que você já acompanhou?

Resposta

Absolutamente, absolutamente é bem, é tudo muito bem estruturado. É tudo muito bem estruturado e o que chama mais atenção. É que muitas vezes é o órgão oficial. É o governo é o exército, quem publica essa informação, isso é muito preocupante porque muitas vezes você a gente como jornalista vai acreditar num conteúdo que é oficial a gente sempre busca oficial. Mais oficial está mentindo. Isso aconteceu com Israel, aconteceu com a Rússia e vai acontecer com vários outros. Posso até citar, por exemplo, quando a gente teve o ataque a um hospital em Gaza e todo mundo falou assim. O que? Os caras estão... Israel bombardeou um hospital. E aí na mesma um momento veio a informação é que a gente não pode falar o governo na verdade das autoridades do Hamas, que não estava em Gaza, estava no nosso país, mas que acaba sendo porta-voz de que aconteceu e que Israel tinha bombardeado um hospital em Gaza, um grande hospital em Gaza a gente nossa, estamos nisso na hora então entramos isso na hora, nossa que absurdo tal tal aí depois vem o Governo Israelense dizendo, publicou um vídeo com informações com suposto foguetes saindo de dentro de próprio território de Gaza, mas depois retirou isso do ar, que acabou dando mais um pouco de sustentação que o Hamas falava e no final era isso, não é não foi Israel que bombardeou aquele hospital, na verdade pegou a parte do estacionamento do hospital, depois fui ver os vídeos que o governo Israelense publicou. Então quer dizer, mesmo não sendo um governo, porque Gaza é controlada pelo Hamas, então eu acho que eu posso dizer sim que é uma quer que é o responsável pela região responsável pelas informações, então tem informação oficial daquele bem porque toma conta do território e o jornalista recentemente vai fazer o quê? Vai republicar? Ele demorou muito tempo para a gente conseguir explicar o que estava acontecendo, que não era um ataque de Israel. Então esse é um

problema quando a gente está na cobrindo a guerra, você acredita no que é oficial. Às vezes o que é oficial não é verdadeiro. Estamos dando a imprensa para poder manipular, para poder afrontar o seu adversário. E aí vai muito da gente ter sempre aquela questão da dúvida. Ou de tentar chegar com outras fontes, porque às vezes oficial também pode ser pode ser mentira.

Anexo B - Entrevista com Tanguy Baghdadi - mestre em Relações Internacionais, professor de Política Internacional e apresentador do podcast “Petit Journal”, e comentarista na Globo News

Pergunta

Há quanto tempo você apresenta o Petit Journal. E por que você escolheu fazer este projeto?

Resposta

O Petit Journal é um projeto que eu tenho desde junho de 2016, e é curioso porque ele começou no dia da aprovação do Brexit, né? Então acaba sendo uma data bem icônica. Então já vai fazer, daqui a pouco, oito anos de projeto. E eu resolvi fazer o projeto do Petit Journal porque tanto eu, quanto o Daniel, a gente já era professor há bastante tempo, né? Eu sou professor desde o ano de 2007, né? Então já ia para quase nove anos em sala de aula, só que eu sentia que o debate ficava muito restrito, né? Eu tinha alunos de uma determinada área que eram alunos que queriam ser diplomatas. E eu não tinha muito espaço, muita oportunidade, para discutir outras coisas que estavam acontecendo, temas da atualidade, principalmente. E eu queria ter uma possibilidade de fazer isso de forma mais constante, né, mais frequente. Então a ideia surgiu da gente ter uma plataforma, ter um espaço para fazer esse tipo de debate. No primeiro momento era um site, né? E um pouco depois se eu não me engano ainda no final de 2016, a gente foi para as plataformas de Podcast. O formato já mudou várias vezes, mas sempre nos deu a possibilidade de fazer esse debate acerca de temas internacionais de economia e de política, né? De atualidades de forma constante, né? Então é uma forma também de contribuir para o debate, de início não tinha qualquer tipo de objetivo financeiro, até porque durante muito tempo a gente só gastou dinheiro não ganhava nada, e só mais recentemente que se tornou de fato algo que contribuiu até com a nossa própria remuneração.

Pergunta

No início da cobertura da guerra na Ucrânia, o que que era prioritário para vocês do Petit Journal? E hoje quando vocês citam esse assunto, quais são os assuntos que vocês priorizam dentro desse tema?

Resposta

O que era prioritário na época era contextualizar para pessoas leigas, o que que estava acontecendo dentro de um quadro maior. Então claro que pegando fatos do dia a dia, movimentações militares aqui e acolá, mas para além disso. O que essa guerra significava em termos geopolíticos, em termos históricos. Qual era o objetivo de um? Qual era o objetivo de um outro? A contextualização era sempre muito importante, o fato em si, qualquer jornal - e aqui não tem qualquer demérito - qualquer jornal ou site faz, né? Mas, o nosso objetivo ali como especialistas era tentar contextualizar. Então esse foi o recorte que a gente fazia considerando que o nosso público ele foi sendo, de uma certa maneira, “educado”, né? Já que quem ouvia a gente todo dia, a gente começou a fazer episódios todos os dias de fato, começou a entender o contexto daí isso dava a possibilidade da gente pegar fatos que aconteciam em um determinado dia e já encaixava num âmbito maior, mesmo que às vezes a gente tivesse que fazer uma nova contextualização. Mas a ideia ao longo desse processo todo era contextualizar como se fosse uma visão histórica mesmo, uma visão contextual, uma visão geopolítica, econômica, com todas as variáveis possíveis para conseguir fazer e levar pros nossos ouvintes, né, uma análise sobre o que que estava acontecendo na guerra.

Pergunta

E professor, você considera que teve um impacto na sua vida pessoal cobrir esse conflito? E além disso, essa guerra tem alguma diferença marcante em relação a outras que você já acompanhou?

Resposta

Então, em relação à primeira, sim, mudou muita coisa para mim porque deu visibilidade. Na verdade, eu não diria que é um fato isolado. Toda vez que acontece uma guerra como essa, ou um ataque ou sei lá, cara, aquela saída do Estados Unidos

do Afeganistão, guerras que acontecem no Oriente Médio, todas elas acabam trazendo muita atenção pro nosso projeto, né? As pessoas acabam procurando a gente no momento em que elas estão confusas com relação ao que tá acontecendo. Mas essa guerra da Ucrânia ela foi muito impactante, porque ela foi uma guerra de uma proporção maior, é uma guerra envolvendo uma superpotência, é uma guerra que envolve um país que tem bombas nucleares, é uma guerra na Europa então claro que muda muito, né, a maneira pela qual a gente é visto. Uma quantidade de críticas que a gente recebe também, né? Então é saber lidar com críticas, e assim muita paixão, né? As pessoas muito apaixonadas defendendo um ou outro, isso é algo que é uma dimensão também que a gente tem que lidar. Junto com isso teve a live que eu fiz no Cazé (Casimiro Miguel, Apresentador e Youtuber e fundador da CazéTV) que foi um negócio que deu uma visibilidade muito grande, primeiro para mim e em seguida para o Petit Journal também, então claro que foi algo que mudou bastante da visibilidade que a gente tinha. Tanto eu quanto Daniel a gente já tava na Globo News, então a gente não era exatamente desconhecido, mas a gente passou a ser conhecido por um público ainda maior e sobre... Você fez uma outra pergunta junto com essa, que foi sobre?

Pergunta

Foi sobre se essa guerra tem uma diferença marcante, né?

Resposta

Ah, diferente! A diferença marcante é que eu acho que é porque estamos falando dos dois maiores países europeus em guerra, em solo europeu. E fazia muito tempo que a gente não via algo parecido. A gente teve claro na década de 1990 aquelas guerras nos Balcãs, mas era diferente, né? Era uma guerra envolvendo a Iugoslávia, a Sérvia, a Croácia e a Bósnia. É diferente, você ter uma Rússia, né, com “boots on the ground” (“botas no chão”) invadindo outro país. Então isso é um fato marcante, sabe? Eu nunca tinha visto na minha vida. Eu já tinha acompanhado a invasão dos Estados Unidos no Iraque ou no Afeganistão, isso sim. Mas, na Europa né? Um grande país europeu, invadindo um outro país europeu é algo que é marcante, né? Uma guerra que de fato tem uma importância singular.

Pergunta

E seguindo nessa mesma toada, né? Eu agora eu quero entender como é que é o impacto da desinformação na cobertura da guerra, você entende que o fator desinformação foi decisivo em como a guerra foi coberta [jornalisticamente]?

Resposta

É decisivo todos os dias, isso é uma coisa impressionante que a gente vê todos os dias. A gente tem que tomar muito cuidado com a informação que a gente passa, assim a gente normalmente confere diversas fontes diferentes. Mas, o Twitter principalmente, né? Tem uma velocidade de informação muito grande e é muito comum que rumores sejam espalhados, e uma vez que você não tem como distinguir o que que é rumores e o que é má fé. E muita má fé aparece também, né. Então isso é uma coisa, que naqueles primeiros dias de guerra, ali naquela confusão, né, “o que que tava acontecendo”? “Quem é que tá fazendo o quê”?! Aquela necessidade das pessoas de se estabelecer quem é o bonzinho e quem é o vilão, isso foi algo que foi muito importante e pediu pra perceber como que propaganda é um negócio que pega, e que pega mesmo. Assim, as pessoas de fato, elas mudam a sua visão, elas partem de premissas diferentes por conta de propaganda. A propaganda russa, por exemplo, muito no Brasil a gente viu a uma boa parte da esquerda brasileira, por exemplo, reproduzindo determinados discursos que eram claramente formatados por pessoas ligadas à Rússia ou simpáticas à Rússia. E isso é uma coisa com a qual a gente teve que lidar cotidianamente, né? E é um dos pontos no qual a pessoa que tem esse tipo de paixão, esse tipo de viés, naturalmente criticava muita gente, né? Pelo fato de que a gente tentava não abraçar esse tipo de humor e fazia essa diferenciação. E fazer essa diferenciação é muito difícil, tanto eu como Daniel, a gente é experiente nisso. A gente trabalha com isso já tem alguns anos. A gente já tá trabalhando em televisão e ainda assim é muito difícil. Então esse é um é um problemaço assim de desinformação, é realmente um problema grave, bastante sério.

Pergunta

E agora focando mais no projeto de vocês, do Petit Journal. Desinformação e fake news foram pautas do Petit Journal, durante a cobertura de Rússia e Ucrânia?

Resposta

Não, não. Isso foi um tema entre mim e o Daniel, pra gente tentar apurar e depurar o que era a informação e o que era informação para se jogar fora. Mas a gente não chegou a tratar [disso], a gente a gente trata disso a partir do momento que tem um impacto político claro, mas enquanto tem fake news rolando por aí, isso não é novidade pra ninguém. A gente já sabe disso, a gente já vê isso nos outros dias, mas isso era uma camada adicional de preocupação, como é até hoje, você fala sobre esse conflito entre Israel e Hamas, é o tempo todo assim. “O que é que a gente tem que jogar fora”? Eu me lembrei muito daquele momento no qual caiu aquele míssil no estacionamento de um hospital, aquilo ali foi muito estranho pra mim desde o início, e meu “feeling” (“intuição”) estava certo, né? O pessoal dizendo que tinha sido um ataque direto de Israel, e desde o início eu tava assim, cara, isso não tá com cara de que é. E falar isso no podcast é muito difícil, porque boa parte das pessoas já tinha uma premissa de que era Israel e eu tava na minha cabeça: “cara, nesse caso não me parece ter sido Israel”. Tá longe de ser um santo [o governo israelense], mas nesse caso, naquele caso, não parecia ser. E a gente é muito pressionado por conta disso, mas aí é uma decisão que você toma, né, de ser pressionado e de manter a sua postura, sabendo que é o correto a ser feito, não tem jeito.

Pergunta

E professor você citou essa questão de Israel e Hamas, a minha última pergunta já ia entrar nesse tópico. Com a cobertura de outras guerras, e citando esse episódio Israel e Hamas, vocês percebem um “modus operandi” de propagação de Notícias falsas?

Resposta

Eu acho que não de forma absoluta, aí eu acho que são formas diferentes. Da Rússia era muito claro. Porque tinham alguns perfis no Twitter e que às vezes apareciam e que soltavam umas determinadas informações que pareciam muito reais e que faziam sentido e que puxavam muito, né, para o lado russo e que você tinha que ter cuidado com aquilo. E pro lado ucraniano, também tinha, menos mas também tinha. Com relação a Israel e Hamas, é uma coisa mais de posição política, né? Então,

a gente vê grande parte da direita brasileira defendendo sempre o que quer que aconteça Israel, e aí a esquerda, por via de regra, defendendo a Palestina. E aí você tem paixões muito exacerbadas. Eu diria que lidar com Israel e Palestina é 500 vezes mais difícil do que lidar com Rússia e Ucrânia. Rússia e Ucrânia já foi difícil, mas lidar com as paixões de Israel e Palestina é muito mais difícil. Então tem um modus operandi, que eu diria que não é algo combinado que é o viés de confirmação, sempre né? Isso é uma questão universal, mas o viés de confirmação quando a gente fala sobre Israel e Palestina é algo seríssimo. Então cobrir aquele 7 de outubro [de 2023, quando ocorreram uma série de atentados do Hamas ao território israelense] foi algo muito difícil. E cobrir tudo que vem acontecendo desde 7 de outubro também é muito difícil por conta das pessoas que a gente recebe de um lado ou de outro, mas assim a gente, quando vai acontecer algo assim, até se fala antes e fala assim: “olha hoje é emoções fortes, a gente tem que saber e manter a nossa convicção”, né? E tentar fazer o trabalho da maneira que a gente sabe fazer.

Pergunta

Professor, você falou então que no caso, no editorial [do Petit Journal], vocês preferem mais fazer um filtro para falar, o máximo possível, só do que é verídico e tentar cortar o que é fake, né? E caso precise citar algo que é fake, é porque é algo muito gritante, esse é o editorial de vocês?

Resposta

Sim, a nossa linha é essa. E por acaso alguma coisa, uma fake news gera um efeito político, no sentido de que por causa de uma “notícia tal” que foi propagada, o efeito acabou sendo “esse”. Caso sim, a gente fala. Mas se a gente identifica que é fake, a gente nem cita, a gente nem menciona, a gente vai com aquilo que é garantido. E já aconteceu, claro, da gente cair em fake news. Às vezes dá pra evitar e às vezes não. E a gente faz questão de no episódio seguinte falar: “olha a gente trouxe informação e que a gente tá vendo agora que provavelmente aquilo não era verdade”, e a gente tem isso como um valor também, como um princípio.

Pergunta

Professor, vocês têm algum tipo de dado, ou métrica, ou média de público que vocês têm por episódio?

Resposta

Cara, é óbvio, né, que varia muito. Varia muito de tema para tema né? Enfim, quando acontece alguma coisa muito grande, a audiência multiplica muito, e quando é um dia normal a audiência fica numa posição, mas eu diria que por episódio, talvez uns 30, 35 mil. Então, e isso somando o YouTube e o Podcast, né? Deve ficar mais ou menos essa média. Claro que tem episódio que dá 70 mil por episódio que vai dar 25 mil, mas na média a gente pode falar aí de cerca de 30 mil.